

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**“EM BUSCA DO EQUILÍBRIO”:
INTERCULTURALIDADE
NA TRADUÇÃO
DE “NIGHT OF THE QUICKEN TREES”**

PEDRO MARTINS

MESTRADO EM TRADUÇÃO

2009

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**“EM BUSCA DO EQUILÍBRIO”:
INTERCULTURALIDADE
NA TRADUÇÃO
DE “NIGHT OF THE QUICKEN TREES”**

PEDRO MARTINS

MESTRADO EM TRADUÇÃO

2009

**Trabalho de projecto sob a orientação
da Professora Doutora Alexandra Assis Rosa e da Mestre Maria Luísa Falcão.**

Agradecimentos

Professora Doutora Alexandra Assis Rosa

Mestre Maria Luísa Falcão

Rosa Maria de Jesus Gonçalves Lucas Martins

Telma Alexandra Souto da Silva da Cruz Cebola

José Serafim Gouveia Anjos

Fernando R. Jesus

Sónia Alexandra Souto da Silva da Cruz Cebola

Resumo

Este projecto consiste em fazer um exercício de tradução literária com base no *short story* “Night of Quicken Trees”, da autoria de Claire Keegan, e na sua tradução para o português europeu. Os pontos centrais deste projecto prendem-se com os seguintes objectivos: (a) tentar, nesta tradução, estabelecer um equilíbrio entre adequação e aceitabilidade, permitindo uma justa medida entre a cultura de Partida e a Cultura de Chegada; (b) observar a importância das expressões idiomáticas no *short story*; (c) analisar as expressões idiomáticas do Texto de Partida e a forma como elas se traduzem para o Texto de Chegada; (d) observar o papel que a superstição, como elemento caracterizador da Cultura irlandesa, desempenha no Texto de Partida; (e) analisar os elementos religiosos no *short story* e a forma como estes se relacionam com a superstição; (f) examinar e comentar diversos aspectos tradutórios com os quais a tradução deste *short story* se deparou. Procedeu-se, assim, à análise de vários exemplos retirados do Texto de Partida e do Texto de Chegada, constatando-se pelos resultados que, por razões relacionadas com a manutenção da idiomaticidade e de elementos culturais específicos da Cultura de Partida, o almejado equilíbrio tradutório não foi atingido em pleno. Através dos exemplos, também se puderam comprovar as funções essenciais exercidas pelas expressões idiomáticas e pela superstição no *short story*, assim como, uma nítida ligação da superstição com certos elementos religiosos.

Palavras-chave: Tradução literária; *short story*; interculturalidade; expressões idiomáticas, superstição

Abstract

This Project consists in a literary translation exercise, based on the short story “Night of the Quicken Trees”, by Claire Keegan”, and on its translation to European Portuguese. The main goals of this dissertation are as following: (a) to try, in this translation, to establish a balance between adequacy and acceptability, allowing a middle term between Source and Target Culture; (b) to observe the importance of idioms in the short story; (c) to analyze idioms in the Source Text and the way they were translated to the Target Text; (d) to observe the role superstition plays in the Source Text, as a defining element of the Irish Culture; (e) to analyze religious elements in the short story and the way they link themselves to superstition; (f) to examine and comment several translation aspects encountered in the translation of the short story. We then proceeded to analyze various examples from the Source and Target Text, observing, through the results, that in order to retain the numerous expressions’ idiomaticity and to maintain various culture-specific elements from the Source Text, the desired translation balance was not fully attained. By analyzing these examples, we were also able to observe the essential roles of idioms and superstition in the short story, as well as the clear connection between superstition and certain religious elements.

Keywords: Literary translation; short story; interculturality; idioms; superstition

Índice

Introdução	1
1. Claire Keegan, autora	3
2. Enquadramento teórico de reflexão sobre a tradução	5
2.1 Interculturalidade na tradução	5
2.2 Destinatário e pressuposições.....	9
2.3 Equivalência	13
2.4 Normas de tradução	17
3. A tradução de expressões idiomáticas	25
3.1 Expressões idiomáticas: conceito e definição	25
3.1.1 Expressão idiomática <i>versus</i> phrasal verb.....	27
3.1.2 Expressão idiomática <i>versus</i> metáfora	29
3.2 Expressões idiomáticas: problemas e estratégias de tradução	35
3.2.1 Equilíbrio entre adequação e aceitabilidade	37
3.2.2 Relações de correspondência e categorização	41
4. Análise de opções de tradução	47
4.1 Análise de expressões idiomáticas	47

4.2 A tradução da superstição	81
4.2.1 Superstição.....	81
4.2.2 Superstição e elementos religiosos	95
4.3 Outras opções e particularidades tradutórias.....	105
Conclusão	127
Anexo 1 – Texto de Partida – “Night of the Quicken Trees”	131
Anexo 2 – Texto de Chegada – “A Noite das Sorveiras-Bravas”	167
Bibliografia.....	205

Introdução

Esta dissertação tem como base um projecto de tradução do *short story* “Night of The Quicken Trees”, da autoria de Claire Keegan, para o português europeu. O objectivo deste trabalho será o de examinar e comentar vários aspectos da tradução do *short story*, pondo em evidência considerações que relacionam essa mesma tradução com as duas culturas intervenientes.

Primeiramente, far-se-á uma breve introdução à autora, de modo a que, destacando determinados aspectos relevantes sobre Claire Keegan, se possa partilhar com o leitor algum conhecimento sobre o contexto cultural do *short story*.

Após esta contextualização, avançar-se-á para os pressupostos teóricos envolvidos na tradução. Neste ponto, discutir-se-á um método de tradução que tenha em consideração a situação comunicativa do Texto de Chegada – adaptando a Língua de Chegada e certos aspectos culturais a um leitor português contemporâneo – mas que, simultaneamente, valorize o Texto de Partida. Uma vez que se considera que o público-alvo para o qual se produziu esta tradução será constituído, maioritariamente, por leitores cultos, pode pressupor-se que alguns termos mais complexos ou referentes a outra cultura serão, em princípio, entendidos sem dificuldade. É esta a razão que fundamenta a selecção de alguns termos em detrimento de outros, que apagariam ou tornariam menos evidentes as marcas culturais do Texto de Partida. No entanto, optou-se também pela inclusão de algumas notas de tradutor, como forma de negociação entre as duas normas iniciais (adequação e aceitabilidade). Com esta adição de informação em nota, a compreensão do leitor estará assegurada mesmo quando, em certas alturas, se opta por uma solução tradutória mais próxima da Cultura de Partida.

A tentativa de encontrar a justa medida entre Cultura de Partida e Cultura de Chegada conduz-nos, posteriormente, a uma área mais específica e crucial para este trabalho. Tendo em conta que uma das dificuldades recorrentes da tradução reside na tentativa de transferir quer a idiomaticidade quer o valor semântico de uma expressão idiomática, prestar-se-á, neste projecto, especial atenção a estas expressões. Perante o desafio de traduzir os idiomatismos de um texto onde eles surgem em tal abundância, tentar-se-á trabalhar, com o auxílio de vários exemplos retirados do *short story*, o vasto e relativamente insondado problema da tradução de expressões idiomáticas.

De modo a não descurar outra das importantes características da obra em questão, justifica-se que este trabalho, para além de uma tradução comentada e de uma análise da tradução das expressões idiomáticas do texto, inclua uma análise mais aprofundada dos tópicos que o povoam e caracterizam, nomeadamente os temas da superstição e da mitologia. Não querendo ignorar estes traços culturais distintivos (que desempenham um papel fulcral no *short story*), foi-lhes dado, neste trabalho, o mesmo escrutínio dedicado aos pontos anteriores.

Pretende-se, assim, que este projecto seja um exercício de tradução, complementado pela reflexão sobre o processo de tradução, apresentando, em pormenor, os critérios que presidiram às várias decisões tradutórias, facultando ainda informação suplementar que visa uma melhor compreensão do Texto de Chegada (que, tal como o Texto de Partida, é apresentado em anexo).

Será também importante sublinhar que este projecto de tradução procurou sempre pautar-se pelo equilíbrio: equilíbrio entre aceitabilidade e adequação, entre Cultura de Partida e Cultura de Chegada, entre a presumível intenção do autor e a expectável recepção do leitor-alvo. Uma tomada de posição extrema poderia limitar as potencialidades da língua, empobrecendo o número de soluções disponíveis. Espera-se, assim, que uma proposta de trabalho que pese as soluções de tradução, valorizando o equilíbrio e a criatividade, e que tenha em conta um meio-termo tradutório, contribua para que se faça bom uso da riqueza da Língua de Chegada, recorrendo a um leque de soluções mais abrangente.

Tal objectivo seria o desejável para uma tradução que mantivesse os pormenores culturais da Cultura de Partida, assegurando, simultaneamente, a compreensão e a fluência da leitura do *short story* para leitores enquadrados pela Cultura de Chegada. O presente projecto dará, assim, atenção às dificuldades encontradas ao longo da tradução, e que se prendem com a tentativa de obter o referido equilíbrio.

1. Claire Keegan, autora



Claire Keegan (ver fig. 1) é uma escritora irlandesa de *short stories* e a filha mais nova de uma numerosa família católica. Nasceu em 1968, no Condado de Wicklow, na Irlanda, local onde permaneceu até aos dezassete anos. Ao atingir esta idade, saiu de casa e viajou até Nova Orleães, onde estudou Inglês e Ciência Política na Universidade de Loyola. Voltou à Irlanda em 1992 e viveu durante um ano em Cardiff, no País de Gales, onde completou um M.A. (“Master of Arts”), resultado da prática e do ensino de Escrita Criativa na Universidade do País de Gales. Completou também um Mestrado em Filosofia no Trinity College, em Dublin.

Figura 1 – Claire Keegan

A sua primeira colectânea de *short stories*, lançada em 1999, intitulou-se *Antarctica*. Esta antologia foi eleita “Melhor Livro do Ano” pelo *Los Angeles Times*, conquistou a crítica literária e foi traduzida para chinês, italiano e alemão. *Walk the Blue Fields*, publicado em 2007 pela Faber & Faber, foi novamente publicado nos Estados Unidos pela editora Grove Press, em 2008. Foi precisamente desta antologia que se retirou o *short story* apresentado neste trabalho (“Night of the Quicken Trees”), uma história em que os conflitos interiores se combinam com a superstição.

In the last story, "Night of the Quicken Trees", Keegan sends a flock of ostriches down the street to remind us either that Ireland is changing, or that we are not reading about Ireland after all, but about that distinctive place where her fiction exists; her own country. (Enright, 2007)

Será ainda digno de nota referir que entre os inúmeros prémios que Claire Keegan recebeu se incluem o Prémio William Trevor (avaliado por William Trevor), o Prémio

Kilkenny, o Prémio Olive Cook (2004), o Prémio Tom-Gallon (2007), o Prémio Martin Healy, a Irmandade de Macaulay, o Prémio Rooney para a Literatura Irlandesa (2000), o Prémio Edge Hill (2008), atribuído a *Walk the Blue Fields*, e o prémio Davy Byrnes para a Literatura Irlandesa (2009). Foi também duas vezes galardoada com o Prémio Francis MacManus (um deles em 2005) e recebeu uma bolsa da Fundação Wingate.

Para além dos seus feitos no campo literário, Claire Keegan também ganhou grande reputação como professora universitária, tendo leccionado em Dublin, Cork e em Villanova, nos Estados Unidos. As suas histórias são muitas vezes comparadas às de mestres como William Trevor, Raymond Carver, John McGahern e Anton Tchekhov, tendo sido publicadas em inúmeros jornais e antologias tais como: *The Faber Book of Best New Irish Stories*, *Granta* e *The Paris Review*.

2. Enquadramento teórico de reflexão sobre a tradução

2.1 Interculturalidade na Tradução

Diversos problemas ocorrem quando se põe em marcha a ideia de traduzir uma obra literária cuja cultura difere, em maior ou menor escala, da cultura de Chegada. Considerando a divergência cultural, dir-se-á que muitos aspectos que compõem as culturas intervenientes são dissemelhantes, incompatíveis, ou mesmo intraduzíveis. Porém, seguindo a linha de pensamento de que nada é intraduzível – havendo apenas um maior ou menor grau de dificuldade ou parafraseamento – será possível que no Texto de Chegada ambas as culturas se conjuguem, sendo este o propósito almejado para este trabalho.

A verdade é que, para além da transferência da semântica contida num conjunto de signos linguísticos (uma abordagem estritamente linguística), através de um dicionário e de uma gramática, a tradução envolve uma série de factores extra-linguísticos. (Bassnet, 1991: 13) Um destes critérios extra-linguísticos envolve, certamente, a componente cultural. A culturalidade de um texto define-o como um objecto único, como um testamento literário ao contexto social, geográfico e ideológico do seu autor. As marcas culturais de um texto estão presentes em inúmeros aspectos, e neste *short story* atribui-se especial relevância aos aspectos idiomáticos e aos mitos e superstições que caracterizam a cultura irlandesa. São estes elementos e a forma como estes são traduzidos que este trabalho se propõe a analisar.

Poderá argumentar-se que os tradutores, pelo facto de estarem inseridos numa determinada cultura, não conseguem ver para além das convenções específicas dessa mesma cultura. No entanto, se os tradutores estivessem realmente limitados pelas convenções da sua cultura, o processo tradutório tenderia sempre a ter muito mais afinidade com o lado receptor, ou seja, o lado da Cultura de Chegada. Para esclarecer este ponto, e constatar que o tradutor não pode e não deve ter apenas em consideração convenções da sua própria cultura (havendo somente a facilitação da situação

comunicativa), Anthony Pym, apresenta a proposta de que as convenções não deveriam ser específicas de uma cultura mas sim convenções interculturais.

Since the very nature of translation is to cross and to change cultural frontiers, competent translators must be able initially to straddle those frontiers. If not, they would be unable to carry out the movement from one side to the other. I suppose one could argue that translators should work like good spies, able to infiltrate foreign cultures without compromising loyalty to their own. Indeed, in the course of history, several peace-time translators become war-time spies. But many also become double agents, and lot more turn to exile. Once, again, the hypothesis best suited to the nature of translation – and thus initially the most probable – is that translators are not within a culture but work in the intersections or frontier zones between cultures.

(Pym, 1993: 60-68)

Pela citação anterior, depreende-se que o tradutor é, por excelência, um mediador intercultural, pois, como é referido em Hatim e Mason (1997), a tradução é um acto de comunicação que tenta transmitir, através de barreiras culturais e linguísticas, outro acto de comunicação (que pode ter sido criado para diferentes propósitos e diferentes leitores/ouvintes). (Hatim e Mason, 1997: 1) Tal não significa, no entanto, que o Texto de Chegada não possa – devido a decisões do tradutor – tender em maior ou menor medida para uma das culturas intervenientes na tradução. Em relação a este assunto, August Wilhelm Schlegel afirma o seguinte:

There are two maxims in translation: one requires that the author of a foreign nation be brought across to us in such a way that we can look on him as ours. The other requires that we ourselves should cross over into what is foreign and adapt ourselves to its conditions, its peculiarities, and its use of language. There are enough examples of both kinds, and educated people are familiar with the advantages of both. Our friend [Wieland], who wanted to find the middle way in this matter also, tried to reconcile both. But since he was a man of feeling he preferred the first maxim when in doubt. (Schlegel [1838], *apud* Lefevere, 1992: 78)

Em concordância com a primeira máxima apresentada está também Friedrich Schleiermacher, que apresenta a opção pela estranheza no texto traduzido, através de um método que este autor chama mover o leitor tanto quanto possível até junto do autor original. Segundo Schleiermacher, para que se atinja, o mesmo efeito e eficácia no texto, terá de haver necessariamente uma estranheza gramatical, estética e semântica, que é ela mesma sinal da diferença entre as duas línguas, as duas culturas e as produções de cada uma delas. Quando tal não é possível, por falta de receptividade da Língua de Chegada ou por tal método não ser implementado em larga escala, haverá então uma assimilação e uma auto-regulação do “estranho”, tornando-o parte da Cultura e da Língua de Chegada (Schleiermacher, 2003: 14-15)

Em último lugar, podemos ainda observar a posição de Antoine Berman que diz que o verdadeiro objectivo da tradução é “to open up in writing a certain relation with the Other, to fertilize what is one’s Own thought the mediation of what is Foreign (...)” (Berman, 1992: 4)

Estas máximas, que incluem trazer o Estrangeiro à Cultura de Chegada e levar a Cultura de Chegada ao Estrangeiro (com todas as suas implicações), provam como a interculturalidade assume uma grande importância no acto de traduzir e nas opções a serem tomadas. Não será, portanto, exagero afirmar que a tradução deve ter em conta não só o contexto comunicativo de Chegada mas também o papel crucial que a Cultura de Partida tem no *short story*. Consequentemente, o tradutor tem, frequentemente, de prestar redobrado cuidado quando lida com aspectos culturais, certificando-se de que o que traduz tem em consideração ambas as Culturas intervenientes. Este requisito parece, por vezes, causar algum conflito na escolha de soluções tradutórias mas, neste projecto, trabalhou-se com o objectivo de estabelecer um equilíbrio, uma espécie de intercâmbio cultural em que as culturas não disputam o seu lugar no texto, mas coexistem de forma fluida e harmoniosa. Através deste processo, tentar-se-á, assim, enriquecer o Texto de Chegada, beneficiar o seu leitor, e manter a ligação cultural ao Texto de Partida.

2.2 Destinatário e Pressuposições

Como numa grande variedade de obras literárias, este *short story* tem como objectivo mais importante a função comunicativa.

Communicative function is the decisive criterion for textuality, to which the semantic and syntactic features of the text are subordinate. Utterances lacking semantic coherence as well as utterances without the necessary formal and syntactic properties of cohesion are considered “texts” by their receivers as soon as they fulfil a communicative function. (Nord, 1988: 38)

Tal significa que, ao quisermos comunicar algo com o texto traduzido, devemos primeiro pensar com quem quisermos estabelecer essa comunicação: o destinatário. Visto esta função comunicativa ser um importante factor extratextual, será lógico concluir que uma definição de destinatário de um texto traduzido será também relevante.

Não faz parte do escopo deste projecto analisar minuciosamente as definições de destinatário apresentadas, nem oferecer contrapropostas às mesmas. Este ponto pretende apenas obter algumas conclusões sobre o (s) destinatário (s) desta tradução como parte de um contexto sociocultural específico, e a forma como esse contexto influencia a tradução.

Em Nord (1988: 55) lê-se que o leitor ou receptor de um Texto de Partida será diferente de um leitor do Texto de Chegada em pelo menos um aspecto, nomeadamente o de pertencerem a comunidades linguísticas e culturais distintas.

Assim sendo, será importante apresentar a distinção entre o destinatário do texto traduzido (o receptor visado) e o leitor casual desse mesmo texto (o receptor acidental). O receptor do texto traduzido, ou público-alvo do Texto de Chegada, aproximar-se-á do que Seymour Chatman (1978) designa como leitor implícito (“implied reader”), ou seja, não é, de facto, o leitor de carne e osso que lê o livro mas sim a audiência pressuposta pela própria narrativa, sendo parte integrante desta. (Chatman, 1978: 149-150) O leitor casual será, portanto, alguém para quem o texto traduzido não terá sido especialmente dirigido, mas que por algum motivo lê ou ouve o referido texto.

Com estas definições de destinatário do texto e leitor casual podemos concluir que apesar de existir uma ideia ou perfil de um público desejado, poderá acontecer que este texto chegue a leitores fora do escopo definido.

Neste trabalho, supõe-se e espera-se que o perfil sociocultural colectivo do público-alvo seja o de um leitor culto, informado, falante e ouvinte de um português europeu contemporâneo, e com uma cultura geral relativamente alargada. Note-se que, com estes atributos, este público-alvo poderá aproximar-se bastante de um leitor ideal. O leitor ideal, referido por Jonathan Culler (1975), seria, obviamente, o “leitor perfeito”, sem quaisquer falhas de compreensão ou lacunas culturais, capaz de uma leitura informada e competente do texto literário.

The question is not what actual readers happen to do but what an ideal reader must know implicitly in order to read and interpret works in ways which we consider acceptable, in accordance with the institution of literature. The ideal reader is, of course, a theoretical construct, perhaps best thought of as a representation of the central notion of acceptability. (Culler, 1975: 123-124)

Um leitor ideal é, portanto, uma suposição teórica de um leitor que possui todos conhecimentos ou capacidades necessárias à leitura e boa compreensão do texto. Todavia, o leitor real e extratextual, ou a pessoa de carne e osso, como refere Chatman (1978), é geralmente bastante diferente deste leitor ideal, não possuindo, por vezes, as características que orientaram o acto tradutório numa determinada direcção. Assim sendo, um tradutor pode apenas ter expectativas, decidindo e agindo com base em suposições sobre quem irá ser o receptor do seu trabalho.

Todas as noções apresentadas assumem redobrada relevância para este trabalho quando se considera que muitas das opções tradutórias envolvidas neste projecto são influenciadas pelo público-alvo da respectiva tradução. Determinar o público-alvo e traduzir em conformidade com o seu perfil foi umas das decisões essenciais para guiar a tradução deste *short story*, permitindo que o Texto de Chegada vá ao encontro desse mesmo público.

As considerações que se podem retirar da análise dos tipos de leitores apresentada vêm assim reforçar a sua importância para o processo tradutório. Como é referido em Rosa, “importing and adapting these notions of actual, implied (and ideal) reader into Translation Studies and considering them for the research of norms will allow for a more finely tuned approach to studying any TT’s textual-linguistic regularities...” (Rosa, 2006: 106). A referência ao conceito de normas leva-nos, assim, aos pontos seguintes, onde se explica a origem e a definição do mencionado conceito e onde se revela o impacto que esta proposta teórica tem nos Estudos de Tradução e neste trabalho.

2.3 Equivalência

A equivalência, tal como é definida por Nord (1988), refere-se a um conceito abstracto e relativamente abrangente que determina que uma tradução tem de ser fiel ao Texto de Partida, sendo que essa relação de correspondência a aproxima muito do similar conceito de “fidelidade”. Este acto de se ser fiel revela, conseqüentemente, uma relação de poder e implica a associação a uma série de imagens como “o principal” e “o secundário”, “o valorizado” e “o desvalorizado”. Assim sendo, ambos os conceitos (equivalência e fidelidade), ao partilharem esta característica, são inerentemente prescritivos.

A equivalência pode dividir-se em duas vertentes: a “equivalência formal”, que determina que por motivos literalistas ou outras prerrogativas se aderiria a uma maior equivalência literal, e a “equivalência dinâmica”, em que se pressupõe que alguma mudança estrutural será necessária para manter a consistência funcional. Ambas as vertentes não se afastam, porém, do paradigma geral de equivalência. (Pym, 2004: 54-55)

Para efeitos de uma definição consensual, e apesar de se tratar de um conceito pouco claro e com várias interpretações, podemos essencialmente definir a equivalência como uma forma estruturalista de estabelecer uma relação entre dois elementos, dois textos, nomeadamente o Texto de Partida e o Texto de Chegada, sendo que em vários casos é esta mesma relação que irá permitir que o Texto de Chegada seja considerado como uma tradução do Texto de Partida.

A translation is normally expected to render “faithfully” all the relevant features of the source text. It is a fairly common assumption, and also one often held by linguists and literary critics, even, that the concept of faithfulness or “fidelity” can be equated with “equivalence”... (Nord, 1988: 22)

Espera-se, portanto, que uma tradução verta “fielmente” o que há de significativo do Texto de Partida para o Texto de Chegada, podendo essa mesma fidelidade ser equiparada com o conceito de “equivalência”. A mesma autora, referindo-se às

inúmeras interpretações do termo “equivalência”, afirma que existe, de facto, uma associação ao conceito de fidelidade, e que a avaliação das traduções continua a ser feita segundo este critério “duvidoso”. (Nord, 1988: 23) Na *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, editada por Mona Baker, Dorothy Kenny diz-nos que alguns autores (como Mona Baker) utilizam o termo “equivalência” mais por uma questão de conveniência do que por este estar imbuído de algum estatuto teórico. (Kenny, 2008: 96)

É de notar também que a definição geral apresentada, e que constitui uma relação entre dois elementos culturais e linguísticos, não é desprovida de problemas e está longe de alcançar a funcionalidade teórica esperada. Pym (2008: 99), por exemplo, aponta que esta é uma definição circular, uma vez que a equivalência define o que é uma tradução e a tradução, por sua vez, define a equivalência, ou seja, ambos os conceitos são determinados pela existência do outro. Já Roman Jakobson, no seu artigo “On Linguistic Aspects of Translation” (Jakobson [1959], *apud* Bassnet 1991: 14-15), refere que não existe uma equivalência total na tradução. Nem a aparente sinonímia comporta equivalência, uma vez que, no processo tradutório, muitas vezes se terá de recorrer a uma combinação de unidades de forma a interpretar completamente o sentido, ou valor semântico de uma única unidade. Jakobson afirma assim que toda a arte poética é tecnicamente intraduzível, visto nunca poder haver uma equivalência completa (em termos de sinonímia ou semelhança). Se também considerarmos que dentro de uma única língua natural não existe (ou que é extremamente rara) uma sinonímia estrita, ou seja, que nenhuma palavra é realmente sinónima da outra, como é referido em Correia (1995), fará sentido que em tradução esta equivalência de sentido também não se verifique entre duas línguas diferentes. Também no português europeu temos de parafrasear uma palavra para obtermos uma completa equivalência de sentido e, assim, como Jakobson refere, o conceito de equivalência perde o seu valor. Sublinhando estas considerações, Georges Mounin afirma que a crítica sausriana:

(...) explica cientificamente por que motivo a tradução ao pé da letra jamais pôde funcionar de forma satisfatória: porque, as palavras não possuem forçosamente a mesma superfície conceptual em línguas diferentes. (Mounin, 1975: 36)

A referida impossibilidade de uma tradução literal mostra, assim, como o conceito de equivalência formal é questionável.

Em Bassnet (1991), encontramos também um capítulo que se refere aos problemas do conceito de equivalência. Segundo esta autora, a equivalência em tradução não pode ser tida como uma procura da “igualdade” (Bassnet, 1991: 29), uma vez que esta simplesmente não existe entre o Texto de Partida e o Texto de Chegada (nem chegando a existir entre dois Textos de Chegada diferentes que partilhem o mesmo Texto de Partida).

No que diz respeito ao conceito de equivalência, Christiane Nord levanta ainda uma questão crucial:

Target texts which do not comply with the standard of equivalence are, on principle, ruled out of the sphere of translation proper. Thus, word-for-word translations and literal translations (cf. Wilss 1982: 87f.) or philological translations (in the terminology of Reiss 1985) are not accepted as “translations” in the strict sense of the word because they “too faithfully” reproduce certain features of the original, and adaptations, free renderings and paraphrases are regarded as unacceptable because they take too many “liberties” with the source text. (Nord, 1988: 23)

Esta autora afirma, assim, que as traduções não são consideradas como traduções – no sentido estrito da palavra – quando são demasiado literais ou quando são demasiado parafraseadas. É nesse sentido que a equivalência ambicionada para este trabalho se posiciona num lugar entre a equivalência dinâmica e a equivalência formal, como veremos em pormenor mais à frente.

Deste conceito prescritivo de “equivalência” surgiu, então, a evolução teórica e metodológica para o conceito descritivo de normas, necessário para compreender os objectivos e a metodologia tradutória deste trabalho. As normas, como afirma Schäffner (1999: 5), são a ferramenta crucial para responder às questões deixadas em aberto pelo conceito de equivalência, permitindo uma nova perspectiva e uma reavaliação deste mesmo conceito.

2.4 Normas de Tradução

A génese das normas de tradução é, como afirma Theo Hermans (1996: 25), provavelmente o fruto do conceito de polissistema, uma abordagem da autoria de Itamar Even-Zohar, e iniciada pelo trabalho associado a Jirí Levý. No entanto, o nome mais preponderante ou incontornável neste campo será o de Gideon Toury, uma vez que foi este académico israelita que, nos anos 70, introduziu o conceito pela primeira vez nos Estudos de Tradução. Toury propunha assim fazer referência às regularidades tradutórias que se verificam numa determinada situação sociocultural.

Antes desta abordagem, o estudo de tradução tendia para uma comparação avaliativa entre Texto de Partida e Texto de Chegada, não se prestando a devida atenção ao contexto em que cada um deles era produzido. A proposta de Even-Zohar forneceu uma alternativa em relação ao tratamento dos textos como elementos isolados, situando-os num contexto histórico e social e aprofundando uma compreensão de que ambos deveriam funcionar colectivamente. (Baker, 2008: 190).

Em Toury (1995: 53), explica-se que o acto de traduzir tem de ser visto como tendo significado cultural, e que a aquisição de um conjunto de normas é um pré-requisito para a formação de um tradutor dentro de um ambiente cultural. Toury passa então a distinguir entre regras relativamente absolutas e totais idiossincrasias, sendo que as referidas normas se encontram entre estes dois opostos. Toury, posteriormente, esclarece o que se entende como norma e apresenta uma definição:

Sociologists and social psychologists have long regarded norms as the translation of general values or ideas shared by a community – as to what is right and wrong, adequate and inadequate – into performance instructions appropriate for and applicable to particular situations, specifying what is prescribed and forbidden as well as what is tolerated and permitted in a certain behavioural dimension. (Toury, 1995: 55)

As normas são, portanto, valores ou ideias que permitem discernir o que é ou não é aplicável e adequado a certas situações. Será importante notar também que, uma vez

que a tradução compreende no mínimo duas línguas e duas culturas distintas, também compreenderá, no mínimo, dois conjuntos de normas.

A primeira norma proposta por Toury é a norma inicial. Esta estabelece que há uma escolha inicial por parte do tradutor, mesmo antes de a tradução propriamente dita ocorrer, uma escolha caracterizada pelo facto de o tradutor poder escolher seguir as normas da Cultura de Partida ou seguir as normas da Cultura de Chegada.

Thus, a translator may subject him-/herself either to the original text, with the norms it has realized, or to the norms active in the target culture, or in that section of it which would host the end product. (...) Thus, whereas adherence to source norms determines a translation's **adequacy** as compared to the source text, subscription to norms originating in the target culture determines its **acceptability**. (Toury, 1995: 56-57)

Os conceitos de adequação e aceitabilidade acima referidos servirão como base para este trabalho. Assim sendo, fará sentido que se explicita em maior detalhe a tipologia adoptada para a análise desta tradução.

Uma tradução feita em aceitabilidade é, portanto, segundo a distinção de Toury, uma tradução que coloca em primeiro lugar a Cultura de Chegada para uma melhor legibilidade e compreensão do texto. Toury afirma ainda que o que um tradutor faz, seguindo uma tradução em aceitabilidade, é introduzir na Cultura de Chegada uma versão do trabalho original, feita à medida de um modelo preexistente na Cultura de Chegada. (Toury, 1995: 60-61) Uma tradução em adequação é, pelo contrário, um processo que implica a conservação da Cultura de Partida, mantendo-se um certo exotismo, possivelmente à custa da compreensão do texto e, porventura, incompatibilizando-o com a Cultura de Chegada.

Desta forma, o conceito de adequação opõe-se, em certa medida, ao conceito de aceitabilidade, embora ambos não sejam incompatíveis na tradução de um texto. Na verdade, segundo Toury, uma tradução normal não apresenta regularidades absolutas ou extremos tradutórios.

We are still talking regularities, then, but not necessarily of any absolute type. It is unrealistic to expect absolute regularities anyway, in any behavioural domain. Actual translation decisions (the results of which the researcher would confront) will necessarily involve some ad hoc combination of, or compromise between the two extremes implied by the initial norm. (Toury, 1995: 57)

Este irrealismo de se esperar que haja qualquer tipo de absolutos tradutórios significa, portanto, que será normal que ocorra um compromisso, cedência, combinação ou equilíbrio entre as duas normas iniciais de tradução.

Após o conceito de norma inicial, Toury avança para outras normas relacionadas com o processo tradutório: as normas preliminares e as normas operacionais. Como a sua denominação indica, as normas preliminares definem a estratégia de tradução antes de esta ser iniciada, tendo precedência lógica e cronológica sobre as normas operacionais, embora ambas se possam condicionar uma à outra e estabelecer entre si relações de influência mútua.

As normas preliminares relacionam-se com duas considerações que estão, muitas vezes, interligadas. Uma delas é a política da tradução, ou seja, a razão pela qual uma obra (ou texto) é escolhida para ser traduzida e integrada numa cultura e língua diferentes, numa altura específica; a outra consideração consiste no facto de se determinar se essa tradução será directa ou indirecta (por ex. através de uma língua de mediação) e se uma tradução indirecta – bem como a sua divulgação como tal – é, de facto, permitida/proibida/tolerada/preferível em relação a uma tradução directa.

As normas operacionais, por sua vez, podem ser vistas como as que dirigem as decisões tomadas durante o acto tradutório. Estas normas que condicionam o material linguístico da tradução são constituídas por normas matriciais, normas estas que governam a própria existência do material da Língua de Chegada que se pretende como substituto para o material da Língua de Partida que lhe corresponde (manipulações, segmentação de texto, adições e omissões) e por normas linguístico-textuais, que governam a selecção do material no qual se formula o Texto de Chegada e com o qual se irá substituir o material linguístico e textual do Texto de Partida.

Para Toury, as normas determinam o tipo e a extensão da *equivalência* nas traduções, embora este mantenha o conceito numa perspectiva histórica, e não prescritiva. Segundo a sua visão, terá de se concluir que as normas de tradução e a concretização do

postulado de equivalência, estão, em grande medida, dependentes da posição que a tradução – tanto a actividade como o produto resultante – tem na Cultura de Chegada (Toury, 1995: 61). Em relação a este ponto, Baker (2008) faz menção às normas que se tornam leis, explicitando o que acontece quando existem diferenças de poder entre a Culturas/Línguas envolvidas.

An example of a translation law is the “law of interference”, where the “observed behaviour” is interference and the conditioning factor is the relative dominance of the languages/cultures involved: “tolerance of interference – and hence the endurance of its manifestations – tend to increase when translations is carried out from a “major” or highly prestigious language/culture, especially if the target language/culture is “minor” or “weak” in any other sense. (Baker, 2008: 192)

Observamos, assim, que a norma inicial escolhida pelo tradutor irá, provavelmente, espelhar a relação de poder existente entre a Língua/Cultura de Partida e a Língua/Cultura de Chegada. Tal tenderá a verificar-se na tradução de certas línguas e culturas de “maior prestígio” ou na tradução de um autor canonizado.

Concluindo a apresentação do ponto de vista teórico de Gideon Toury, será então importante referir que os conceitos de adequação e aceitabilidade irão nortear a tradução do *short story* e a sua posterior análise. Uma vez que se espera, com este trabalho, encontrar e aplicar um caminho intermédio de tradução entre a Cultura de Partida e a Cultura de Chegada, serão necessários pontos de referência, ou seja, os dois extremos de uma escala de tradução. É tendo estas normas iniciais (adequação e aceitabilidade) como referências, que se espera cumprir o objectivo de alcançar uma tradução que evidencie um equilíbrio entre as duas culturas.

Caberá, no entanto, também a este trabalho referir que esta mesma proposta não é isenta de críticas, e embora seja muito influente nos Estudos de Tradução não é, como se possa pensar, universalmente aceite. Um dos problemas com o conceito de normas de Toury, referido por Andrew Chesterman no seu artigo “Description, explanation, prediction: a response to Gideon Toury and Theo Hermans” (Schäffner, 1999: 90), é o facto de este por vezes ser tão geral que perde a sua utilidade. Anthony Pym, como já se referiu, também entra em contradição com a teoria de que as convenções de tradução

são específicas de uma cultura, explicitando que estas existem primeiro no próprio tradutor, devendo assim ser interculturais.

Incidindo ainda sobre o enquadramento teórico proposto por Toury, será digno de nota referir que Leuven-Zwart (1990) apresenta também dois conceitos relevantes e próximos das noções de adequação e aceitabilidade. Estes conceitos aparecem no contexto de um método para descrever desvios na tradução integral de textos narrativos, baseado na premissa de que as mudanças micro e macroestruturais podem fornecer indicações sobre as normas tradutórias aplicadas pelo tradutor. (Leuven-Zwart, 1990: 69) Estes conceitos designam-se por “naturalização” e “exotização”.

A naturalização (se frequente) é o processo pelo qual o mundo ficcional se torna mais “doméstico”, adaptando-se à cultura do leitor e minimizando a distância existente entre o mundo ficcional e o leitor. A exotização (se frequente) faz com que o estilo seja evocativo, sendo que o mundo ficcional é também exótico para o leitor. Deste modo, o narrador é o seu guia pelo mundo literário, “his eyes are the eyes of a connoisseur who wants to introduce the reader to a new world”. (Leuven-Zwart, 1990: 76)

É, portanto, claramente perceptível que a tradução em aceitabilidade está relacionada com a naturalização, enquanto a tradução em adequação se relaciona com a exotização.

Outra das propostas de Leuven-Zwart (1990), em relação a mudanças de nível microestrutural que poderão, com alguma frequência e consistência, resultar numa mudança macroestrutural, prende-se com a modulação semântica, nomeadamente com os conceitos de “generalização” e de “especificação”. A “especificação”, como o próprio nome indica, torna um estilo mais preciso ou específico e tende a privilegiar a Cultura de Partida enquanto a “generalização” torna um estilo mais vago, menos preciso e menos específico do que no Texto de Partida (Leuven-Zwart, 1990: 71), privilegiando a compreensão na Cultura de Chegada. Estes conceitos serão, posteriormente, úteis para explicar algumas das estratégias utilizadas na tradução de vários elementos do *short story*.

Também em estreita relação com as propostas acima apresentadas, Venuti (1995: 17) diz-nos (de um ponto de vista prescritivo) que a invisibilidade do tradutor num texto é algo a que a prática de tradução não deve aspirar, sendo uma tradução ideal a que oferece no texto evidentes marcas da passagem do tradutor. Segundo este autor,

idealmente, o tradutor não deveria centrar-se em produzir um texto dotado de tal transparência que pareceria não ter sido traduzido, mas sim precisamente no contrário.

Esta ilusão de transparência é mantida através da fluência do texto, e através de um contínuo esforço por parte do tradutor em assegurar que a sua visibilidade é apagada, assim como, provavelmente, também o serão as marcas culturais do Texto de Partida, para dar espaço ou entrada à Cultura de Chegada.

A respeito da visibilidade ou ausência da mesma por parte do tradutor, Venuti apresenta dois conceitos que se relacionam com os acima propostos por Toury e Leuven-Zwart. São estes os conceitos de domesticação e estrangeirização.

A domesticação seria o processo através do qual uma tradução se aproxima da Cultura de Chegada, mascarando a presença do tradutor e facilitando a leitura na Cultura de Chegada. Esta seria, na perspectiva de Venuti, um tipo de tradução na qual o tradutor será, claramente, menos visível, uma vez que a tradução, livre de opacidades, se lê fluentemente, sem estranhezas e sem a percepção de que há um Texto de Partida por trás da tradução apresentada.

A estrangeirização é, inversamente, a estratégia que afirma que as traduções devem ser lidas como tal, preservando a diferença linguística e cultural e não a obscurecendo a favor de uma facilitação de leitura ou da fluência discursiva. Venuti defende este processo tradutório como o correcto, um acto de resistência, urgindo outros tradutores a verem para lá da transparência e a seguirem os seus passos, para que a tradução seja percebida como uma tradução e se mantenha a identidade cultural do Texto de Partida.

Segundo Venuti, quanto mais fluente é a tradução, mais invisível se torna o tradutor e, supostamente, mais visível se torna o autor ou o significado do Texto de Partida. (Venuti, 1995: 2) Esta frase exemplifica a prática corrente e a posição inversa de Venuti, sendo que este se opõe à tradução etnocêntrica, defendendo um processo de “tradução minorizante”. Este assenta num processo de estrangeirização do Texto de Chegada, que consiste em reter as marcas culturais que caracterizam o Texto de Partida, e, se necessário, em tomar certas liberdades para que o texto traduzido seja entendido como isso mesmo, uma tradução, e não uma versão cuja fluência terá como objectivo uma emulação do Texto de Partida. As visões sociopolíticas de Venuti fazem-no ver a tradução domesticadora como um instrumento de poder que mantém a hegemonia e os valores culturais da cultura para a qual se está a traduzir (o inglês, no caso de Venuti), razão pela qual se insurge contra uma falsa noção de “não-tradução” ou uma “ilusão de

originalidade”. Venuti apresenta, deste modo, um ponto de vista prescritivo em relação à tradução, incompatibilizando-se, por isso, com a visão essencialmente descritiva dos conceitos propostos por Toury.

Em linhas semelhantes às que manifestam a visão de Venuti, encontram-se as propostas de outros autores como Antoine Berman que, sublinhando a diferença entre a tradução “estrangeirizante” e a tradução “naturalizante”, diz:

The essence of translation is to be an opening, a dialogue, a cross-breeding, a decentering. Translation is “a putting in touch with,” or it is *nothing*.” (Berman, 1992: 4)

Pode constatar-se então que, segundo Berman, a não ser que haja uma certa relação do Texto de Chegada com o Texto de Partida, ou seja, um contacto com o Estrangeiro, a tradução perde o seu propósito.

Numa nota semelhante, Vladimir Nabokov é de opinião que uma boa tradução não deveria caracterizar-se pela facilidade de leitura, o que mais uma vez eleva o Texto de Partida a uma posição de poder. Pode então concluir-se que Nabokov defende uma maior estrangeirização do Texto de Chegada, por oposição a uma naturalização do mesmo. Este autor afirma também que é quando se traduz o “espírito” e não o sentido textual do Texto de Partida que o tradutor começa, de facto, a traduzir o autor, e que uma paráfrase, por mais bonita que seja, será sempre menos útil do que uma tradução literal. (Nabokov, 2000: 115)

Estas linhas de pensamento são importantes se considerarmos que por muitas vezes se verificam sucessivos apagamentos das marcas culturais do Texto de Partida em prol de uma maior legibilidade por parte da Cultura de Chegada. Se o objectivo da tradução apresentada é encontrar um equilíbrio entre os pólos de domesticação e estrangeirização (usando a terminologia de Venuti), deverá combater-se um processo de extrema tradução domesticante. Porém, terá de se ter em mente que o pólo inverso (um processo de total estrangeirização) também terá de ser evitado. Um processo extremo de estrangeirização iria sem dúvida causar um extenso e indesejável número de problemas de compreensão na Cultura de Chegada. Novamente, na nossa opinião, qualquer medida extrema poderá ser – de uma forma ou de outra – prejudicial.

Para sustentar esta afirmação, faz-se referência a Hatim e Mason (1997), onde se afirma que as dicotomias existentes entre “visibilidade” e “invisibilidade”, entre “tradução literal” e “tradução livre”, entre “tradução semântica” e “tradução comunicativa” (entre outras) reflectem a imensa diversidade presente no acto de traduzir. Será então missão ou meta do tradutor, como comunicador, ter em conta esta diversidade para com ela criar um trabalho que estabeleça não só um acto de comunicação entre o autor da Cultura de Partida e o leitor real na Cultura de Chegada mas também, conseqüentemente, uma ponte eficaz entre Cultura de Partida e Cultura de Chegada. Para este efeito, terá de se ter em atenção que a comunicação nem sempre requer uma estrita adequação à escrita e à cultura patente no texto autoral e que, por outro lado, o tradutor não deverá traduzir somente tendo em mente a facilidade comunicativa, olvidando todos os aspectos culturais e linguísticos que caracterizam o Texto de Partida. Este é o equilíbrio tradutório que se procura para este trabalho.

3. A tradução de expressões idiomáticas

3.1 Expressões idiomáticas: conceito e definição

Expostos e clarificados os parâmetros pelos quais a tradução se orientou, chega-se então ao núcleo deste trabalho de projecto.

A expressão idiomática, ou idiomatismo, é uma parte integrante da língua e da sua fraseologia, que se caracteriza pela sua idiomaticidade. A idiomaticidade, como afirma Gasser (2006), é a tendência que as frases têm de adoptar significados que transcendem o significado das suas partes, ou seja, o conceito que se opõe à composicionalidade (Gasser, 2006: Ponto 5.3). A expressão idiomática confere, nas mais variadas línguas, expressividade ao discurso e revela uma vivência acumulada ao longo dos anos.

Actualmente, não existe uma definição consensual sobre o que é, de facto, uma expressão idiomática. Por consequência, será não só útil como necessário referir as definições que alguns autores sugeriram para este conceito. Assim, comparando toda a informação obtida poderemos retirar algumas conclusões sobre a definição de expressão idiomática com a qual se irá trabalhar.

Segundo os autores consultados, uma expressão idiomática seria uma unidade sintáctica e lexicológica (Giraud, 1961: 5) constituída por mais de uma palavra (Everaert, 1995: 3), que possui um significado global (Alvarez, 2001: 83-96), na qual nenhuma palavra pode ser substituída por uma palavra sinónima, e na qual a disposição das palavras raramente pode ser modificada (McMordie, 1954: 6), ou seja, raramente permite variação (Crystal, 1980: 179). É uma expressão que pode ter um significado literal se for entendida como não idiomática e que, tipicamente, possui a forma sintáctica de uma expressão não idiomática (Chomsky, 1980: 149-151), cujo significado não pode ser deduzido através do significado dos seus constituintes (Strässler, 1982: 79), que se apresenta num registo geralmente metafórico (Long, 1979: viii-iv), e que nasce da frequência de uso que lhe é conferida pelos falantes (Block, 2004: 21).

3.1.1 Expressão idiomática *versus* phrasal verb

Esta definição de expressão idiomática apresentada permite, assim, reduzir o escopo do projecto no campo da fraseologia. Deste modo, excluem-se, por exemplo, outros aspectos fraseológicos semelhantes como os “phrasal verbs”.

Segundo o *Collins Cobuild English Dictionary* (1995: 1239), um “phrasal verb” descreve-se como “a combination of a verb and an adverb or preposition, (...) which together have a particular meaning”. A introdução do *Longman Dictionary of Phrasal Verbs*, por sua vez, define “phrasal verbs” como “idiomatic combinations of a verb and adverb, or a verb and preposition (or verb with both adverb and preposition)”.

Posto isto, poderia gerar-se alguma confusão entre “phrasal verb” e expressão idiomática, uma vez que o sentido dos “phrasal verbs” também não pode geralmente ser deduzido pela análise dos seus constituintes. Tal acontece porque também estes aglomerados fraseológicos são, geralmente, entendidos como uma unidade de sentido (ex. “watch out”, “look after”).

No entanto, os “phrasal verbs”, como o próprio nome indica, pressupõem a existência de um verbo, o que não é condição absoluta no caso da expressão idiomática (ex. “out of the blue”, “in his shoes”). Para além disto, o valor semântico de um “phrasal verb” – mesmo com a influência metafórica – está normalmente relacionado com o verbo que o constitui (“pick up” continua a referir-se a apanhar algo ou alguém, “catch on” continua a ser – mesmo que metaforicamente – o acto de apanhar), o que raramente acontece com as expressões idiomáticas, visto que estas, ao nível metafórico, tendem a revestir-se de uma maior complexidade.

3.1.2 Expressão idiomática *versus* metáfora

Foi também essa complexidade que levou a incluir a metáfora na definição de trabalho como uma das características essenciais de uma expressão idiomática, visto esta ser um dos elementos mais produtivos da fraseologia.

Recuperando uma obra de 1972 pela sua formulação clara e sintética sobre a origem deste termo, encontramos em Terence Hawkes uma definição de metáfora na qual se sublinha esta transferência:

The word *metaphor* comes from the Greek word *metaphora* derived from *meta* meaning “over”, and *pherein*, “to carry”. It refers to a particular set of linguistic processes whereby aspects of one object are “carried over” or transferred to another object, so that the second object is spoken of as if it were the first. There are various types of metaphor, and the number of “objects” involved can vary, but the general procedure of “transference” remains the same (...) Metaphor is traditionally taken to be the most fundamental form of figurative language. (Hawkes, 1972: 1)¹

A metáfora é, assim, tida como o alicerce da linguagem figurada. Contudo, embora a metáfora seja um componente importante de todas as expressões idiomáticas (uma vez que estas têm um sentido geralmente metafórico), tem características que a distinguem destas expressões. Será, portanto, importante apresentar as características da metáfora de forma a estabelecer uma distinção entre estes dois termos.

A metáfora é, portanto, uma figura de estilo (Martinich, 1984: 85), em que uma palavra concreta é empregue para exprimir uma noção abstracta, sendo, por extensão, o emprego de todo o termo substituído por um outro que lhe é assimilado, (Dubois, 1978: 411). Esta implica um conjunto de correspondências sistemáticas, por meio de uma

¹ Nota: curiosamente, a etimologia da própria palavra “metáfora” (transporte ou transferência de um local para outro) assemelha-se à etimologia da palavra “tradução”, como é referido em Budick e Iser (1996: 207).

associação de semelhança implícita entre dois elementos (Ceia, 2005), frequentemente referidas como mapeamentos. (Kövecses, 2002: 6)

Ex.: “Aquele homem é uma raposa” (está a atribuir-se ao homem os constituintes conceptuais de uma raposa, nomeadamente a esperteza ou a matreirice)

Existe, como se constata, uma clara correspondência entre metáfora e expressão idiomática no que diz respeito ao mapeamento conceptual, visto que uma expressão idiomática comporta, geralmente, uma metáfora. Dwight Bolinger explica:

Many of the expressions that we call idioms acquired their meanings in the same way. When leftovers are consigned as bird feed it does not take long for the association in our minds to pass from the purpose to the value; hence **It’s for the birds**, “It’s worthless.” (...) Still, some of the things that we do to meanings are closer to daylight than others, and they, as much as the forces that work in the dark, lead to reinterpretations by the speakers who come after us. Among these are certain figures of speech (...). (Bolinger, 1968: 109-111)

Este autor mostra assim que é natural existirem exemplos de sobreposição, visto que se dá o caso frequente de uma metáfora dar origem a uma expressão idiomática.

Todavia, o facto de uma metáfora poder ser constituída por apenas uma palavra, como é referido em Gewehr (1998: 191), faz com que seja diferente de uma expressão idiomática, visto esta necessitar de, pelo menos, duas palavras para se caracterizar como tal.

Ex.: “Burro/a” (metáfora, geralmente utilizada como insulto para se referir a alguém de pouca inteligência)

Ex.: “Burro/a como uma porta” (expressão idiomática, geralmente utilizada como insulto para se referir a uma pessoa pouco inteligente)

Porém, não é somente esta a característica que distingue metáfora e expressão idiomática. Uma outra distinção prende-se com a gênese de ambas. Patrick Hanks fala-nos de metáforas dinâmicas (“dynamic metaphors”) e metáforas convencionais (“conventional metaphors”): “Dynamic metaphors are coined ad hoc to express some new insight; conventional metaphors are just one more kind of normal use of language”. (Hanks [2004], *apud* Stefanowitsch, 2006: 17)

Complementando esta afirmação, Steen (2007) explicita que uma nova metáfora nasce do uso e não de uma gramática:

Part of the difficulty with the contrast between grammar and usage is that grammar is derived from usage. Conventionalized metaphorical meanings of grammar are consequently also found in usage. They have to be, since that is the only place where they can be observed in their natural habitats in the first place. (...) Usage does not only exhibit conventionalized lexico-grammar manifestations of metaphor. It also contains novel expressions of conventional metaphor. (Steen, 2007: 6)

Percebe-se, portanto, que as metáforas (dinâmicas, neste caso) podem ser cunhadas *ad hoc*, não sendo o seu significado afectado ao encontrarem expressão numa nova forma. É o uso, e não uma gramática onde estas metáforas se atestam, que determina uma expressão ou palavra como sendo metafórica.

Em relação às expressões idiomáticas e à forma como estas surgem e persistem ao longo do tempo, Charles F. Hockett faz, sucintamente, referência a este ponto crucial:

In every living language, new idioms are constantly being created, some destined to occur only once or twice and then to be forgotten, others due to survive for a long time. (Hockett, 1958: 303)

Charles Hockett refere, assim, que existe uma grande produtividade na criação de expressões idiomáticas, afirmando ainda que tanto as metáforas como as expressões idiomáticas são compreendidas mesmo quando se revelam como uma produção *ad hoc* e que o contexto, entendido por todas as partes envolvidas na comunicação, é extremamente importante para determinar o seu significado.

No entanto, em relação à produção de uma nova expressão idiomática, este autor também afirma:

The way in which it comes about is basically simple: the new utterance is a nonce-form, built from familiar material by familiar patterns. (...) However, the mere occurrence of a nonce-form for the first time does not in itself constitute the creation of a new idiom. An additional ingredient is required: something more or less unusual either about the structure of the newly-produced nonce-form, or about the attendant circumstances, or both, which renders the form memorable. (Hockett, 1958: 304)

Deste modo, Hockett mostra que a nova produção de uma expressão metafórica – apesar de a entendermos como metafórica – não é suficiente para categorizar uma expressão como idiomática. Para tal acontecer tem de existir um factor que torne a expressão memorável, ou seja, que favoreça uma probabilidade de repetição por parte dos falantes. Assim, a questão prende-se também com a frequência de uso dessa nova expressão.

Block (2004) faz referência a este ponto, afirmando “they have become idiomatic because a wide majority of speakers use them”. (Block, 2004: 21) Esta autora refere ainda que “...idiom always supersedes logic and usage creates idioms” (Block, 2004: 21)

Considerando todos estes aspectos, e para este trabalho, uma metáfora pode então definir-se como tendo as seguintes características:

- É uma figura de estilo;
- Pode ser constituída por uma só palavra;
- Consiste num mapeamento de um conceito com correspondências sistemáticas a outro conceito;
- Não necessita de frequência de uso para ser entendida como metáfora.

Na tabela seguinte (fig. 2) resumem-se as diferenças mais relevantes entre metáfora e expressão idiomática.

DIFERENÇAS PERTINENTES ENTRE METÁFORAS E EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	
Expressões Idiomáticas	Metáforas
Têm de ser constituídas, no mínimo, por duas palavras	Podem ser constituídas por apenas uma palavra
Requerem frequência de uso para serem consideradas expressões idiomáticas	Não requerem frequência de uso para serem consideradas metáforas

Figura 2 – Diferenças pertinentes entre metáforas e expressões idiomáticas

Ocorre ainda referir que existem outras figuras de estilo envolvidas na criação de expressões idiomáticas, um facto que Hawkes (1972) refere:

The various forms of “transference” are called *figures of speech* or *tropes*; that is, “turnings” of language away from literal meanings and towards figurative meanings. Metaphor is generally considered to manifest the basic pattern of transference involved and so can be thought of as the fundamental “figure” of speech. The other figures tend to be versions of metaphor’s prototype, particularly the three main traditional categories:

- (a) *Simile*. Where metaphor assumes that the transference is possible or already taken place (...)
- (b) *Synecdoche*. (...) Here the transference takes the form of a part of something being “carried over” to stand in place of the whole thing, or vice versa. (...)
- (c) *Metonymy*. (...) Here the name of a thing is transferred to take the place of

something else with which it is associated... (Hawkes, 1972: 3-4)

Considera-se, assim, que a metonímia, a símile e a sinédoque são, em último caso, versões da metáfora. Deste modo, fará sentido tirar a ilação de que a metáfora é, em termos de figuras de estilo, o denominador comum de todas as expressões idiomáticas e a base da sua linguagem figurada.

É certo que se poderiam apresentar outras figuras de estilo, excluindo as anteriormente referidas, mas o processo de transferência associado à metáfora é partilhado por todas elas, o que necessariamente torna a metáfora um dos pontos centrais da definição de expressão idiomática.

Na prática, será impossível existir uma língua que expresse apenas o literal e dotada de um vocabulário não ambíguo. A metáfora apresenta-se como uma forma de relacionar campos conceptuais, adequando a língua à vivência e à realidade, interligando essa mesma língua com o que nos rodeia e ao conhecimento que temos do mundo, conferindo-lhe assim uma maior expressividade, criatividade e riqueza linguística. A linguagem figurada, nomeadamente a metáfora, é tão frequente no nosso discurso que será praticamente impossível não a utilizar no quotidiano.

É, assim, através dessa mesma linguagem figurada, e normalmente metafórica, que as expressões idiomáticas dão um subtil mas constante contributo à composição e ao desenvolvimento de uma língua. A metáfora desempenha um papel crucial neste processo porque é através dela (embora não só) que fazemos associações entre campos semânticos diferentes. A dualidade que se alcança no uso da metáfora é não só uma forma de ganhar maior expressividade e uma nova relação intralinguística, mas torna-se também um grande motor de criação no campo da fraseologia. A tradução encontra nesta relação entre a língua e a sociedade que a moldou – uma relação específica a cada língua – uma das suas maiores dificuldades. As expressões idiomáticas e o modo como as suas intrincadas metáforas são vertidas de forma a tentar manter o sentido idiomático que comportam são a prova deste facto.

Tendo sempre em conta que as expressões idiomáticas são aqui tratadas com o intuito de serem traduzidas, a informação acima descrita adquire especial relevância.

3.2 Expressões idiomáticas: problemas e estratégias de tradução

Devido às suas características não composicionais e ao seu registo geralmente metafórico, as expressões idiomáticas têm tendência a gerar problemas na sua tradução.

The main problems that idiomatic and fixed expressions pose in translation relate to two main areas: the ability to recognize and interpret an idiom correctly; and the difficulties involved in rendering the various aspects of meaning that an idiom or a fixed expression conveys into the target language. (Baker, 1992: 65)

Assim, um tradutor tem de ter em atenção que não só é necessário reconhecer uma expressão como idiomática como também saber que esta acarreta em si um significado que, geralmente, difere do significado dos seus constituintes (como já foi referido no ponto anterior). Isto porque, uma vez que a expressão se apresenta num registo metafórico, será necessário que o tradutor saiba reconhecer o valor semântico da expressão.

Considerando estes problemas, Bassnet (1991) dá-nos uma explicação que se refere à tradução de elementos metafóricos e de expressões idiomáticas:

Translation involves far more than replacement of lexical and grammatical items between languages and, as can be seen in the translation of idioms and metaphors, the process may involve discarding the basic linguistic elements of the SL text. (Bassnet, 1991: 25)

Podemos, assim, constatar que a tradução de uma expressão idiomática requer muito mais do que uma mera substituição de itens lexicais e gramaticais, sendo necessário ter em conta vários outros aspectos. Para precisar esses aspectos, foi necessário identificar uma classificação quer de expressões idiomáticas (relevante para fins de tradução) quer de relações de correspondência entre expressões idiomáticas no Texto de Partida e no Texto de Chegada.

3.2.1 Equilíbrio entre adequação e aceitabilidade

Já atrás se referiu um destes aspectos, como sendo o desejado equilíbrio tradutório entre os conceitos de aceitabilidade e adequação. Seria opção deste trabalho evitar uma tomada de posição extrema, pretendendo-se um texto fluente que, contudo, não subtraia ao texto referências à Cultura de Partida. No entanto, reflectindo sobre a tradução de expressões idiomáticas, e tendo em mente que a o objectivo de traduzir uma expressão idiomática do Texto de Partida por outra expressão idiomática no texto de Chegada pressupõe, em termos gerais, uma tradução em aceitabilidade (para que se retenha a idiomaticidade e o valor semântico da expressão), será claro que um equilíbrio tradutório não deverá, neste ponto, ser alcançado.

O facto de o tradutor manter a sua invisibilidade, na medida em que as notas de rodapé seriam evitadas (para não quebrar o ritmo da leitura), as expressões idiomáticas traduzidas por expressões idiomáticas da Língua de Chegada (de forma a não causar uma estranheza desmedida) e algumas designações vertidas de forma domesticadora para facilitar a leitura, faz com que haja uma maior aproximação à Cultura de Partida e que um equilíbrio tradutório tenda a não funcionar neste ponto. Isto não significa, porém, que todas as marcas culturais do Texto de Partida sejam eliminadas ou vertidas para um termo português que o generaliza ou parafraseia, pois será de extrema importância que o texto retenha os aspectos que lhe conferem a sua identidade cultural. Assim, nesta tradução, o tradutor não estaria completamente invisível, mas sim relativamente “escondido”, “espreitando” em certas ocasiões que se verificam ser de importância para a compreensão do texto ou para providenciar informação adicional. Neste aspecto, a tradução não se mantém completamente subordinada à Cultura de Partida (comprometendo a eficácia comunicativa) mas por outro lado também não se prostra perante a Cultura de Chegada, retirando toda e qualquer marca da Cultura de Partida em prol de uma transparência cultural excessiva.

De uma forma ou de outra, Toury, Leuven-Zwart e Venuti indicam-nos uma clara distinção tradutória entre uma tradução que dá primazia ao Texto de Partida e à sua cultura e uma tradução que privilegia o Texto de Chegada e a cultura que o recebe. Para evitar uma tomada de posição radical, neste trabalho não se pretende apresentar uma

tradução subversiva, nem uma tradução cujos elementos “estrangeirizantes” sejam completamente eliminados, tentando-se, na medida do possível, criar um equilíbrio entre os conceitos propostos pelos autores já referidos (os conceitos de adequação/aceitabilidade, naturalização/exotização, domesticação/estrangeirização).

If the translator chooses the author, the work, and the foreign language as exclusive masters, (...) he runs the risk of appearing to be a foreigner, a traitor in the eyes of his kin. (...) On the other hand, if the translator settles for a conventional adaptation of the foreign work (...) he will have irrevocably betrayed the foreign work as well as, of course, the very essence of translation. **Nevertheless, this impossible situation is not the inescapable reality of translation...** (Berman, 1992: 3-4)

Como afirma Berman, a aparente impossibilidade tradutória, causada pela incompatibilidade de traduzir em aceitabilidade e em adequação, não é uma situação inevitável. Nord (1991), por seu lado, afirma-o também:

The translator is committed bilaterally to the source text as well as to the target text situation and is responsible to both the ST sender (or the initiator if he is also the sender) and the TT recipient. This responsibility is what I call “loyalty”. “Loyalty” is a moral principle indispensable in the relationships between human beings, who are partners in a communication process, whereas “fidelity” is a rather technical relationship between two texts. (Nord, 1991: 32)

Este compromisso bilateral entre o Texto de Partida e Texto de Chegada, entre o autor e receptor está, de alguma forma, sempre presente na mente do tradutor. Neste caso, a preservação e adaptação são os instrumentos através dos quais o tradutor gere as suas opções, sendo que este é, por vezes, levado a tomar posições de compromisso.

Relativamente a este posicionamento por parte do tradutor, Nord apresenta também um esquema (ver fig.3) em que se expõe o grau de preservação e adaptação utilizado numa tradução (mais uma vez, conceitos estritamente ligados aos conceitos de adequação e aceitabilidade, que irão ser usados como tipologia).

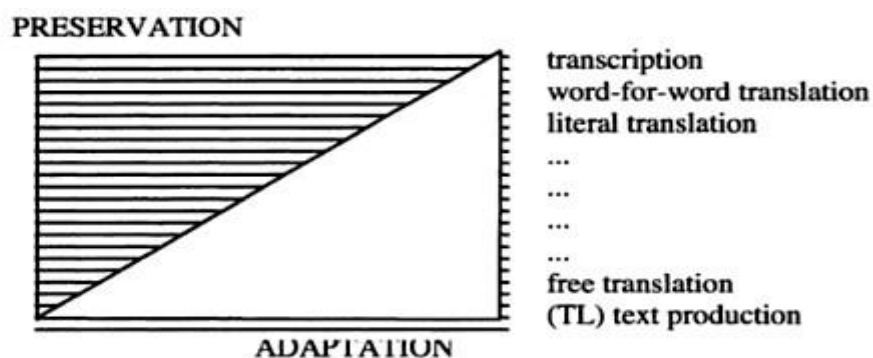


Figura 3 – Preservação e adaptação em tradução (in: Nord 1988: 33)

Com este esquema, onde a área branca representa a adaptação (aceitabilidade) e a área com riscas representa a preservação (adequação), é visível que podem existir diferentes graus de tradução, dependendo da quantidade de elementos do Texto de Partida que foram preservados. Estes graus são medidos numa escala que vai desde a fidelidade extrema até à liberdade total.

Translation is the production of a functional target text maintaining a relationship with a given source text that is specified according to the intended or demanded function of the target text (translation skopos). Translation allows a communicative act to take place which because of existing linguistic and cultural barriers would not have been possible without it. (Nord, 1991: 28).

Tentando manter a referida relação entre Texto de Partida e Texto de Chegada, pesando as vantagens e desvantagens de uma tradução em adequação e de uma tradução em aceitabilidade (ou preservação e adaptação, para usar os conceitos usados no esquema de Nord), e visto que se define como objectivo um equilíbrio tradutório, será claro que nenhum grau de tradução extremo se conjugará com tal meta. O antigo provérbio latino

diz-nos que a virtude está num meio-termo (“virtus in medio est”), e tal poderá também aplicar-se ao acto tradutório. Tal não significa, porém, que o objectivo de alcançar um desejável equilíbrio tradutório possa ser cumprido, pois, como se foi percebendo ao longo da tradução, esta por vezes requer os já referidos compromissos que levam o tradutor a ter de optar por uma aproximação a um dos extremos, nem sempre se conseguindo uma justa medida entre os mesmos.

Actual translation decisions (the results of which the researcher would confront) will necessarily involve some ad hoc combination of, or compromise between the two extremes implied by the initial norm. (Toury, 1995:57)

Como é demonstrado por Toury, em certas ocasiões, não será possível enveredar pelo “caminho do meio”, pois o tradutor, atendendo às mais diversas razões, poderá ter de escolher uma aproximação a um dos opostos tradutórios, alternando entre adequação e aceitabilidade, em conformidade com o objectivo pretendido.

3.2.2 Relações de correspondência e categorização

Outro aspecto a ter em conta na tradução de expressões idiomáticas é o tipo de relação que se estabelece entre uma expressão idiomática no Texto de Partida e a sua tradução no Texto de Chegada.

Numa primeira abordagem, de modo a explicitar de forma sintetizada e eficaz este tipo de relação entre expressões idiomáticas em línguas diferentes, faz-se referência à noção de correspondência entre expressões idiomáticas de Simonetta Vietri, utilizada no trabalho de Jorge (1992: 55). Nesta classificação, apresentada como uma primeira forma de estudar as expressões idiomáticas de uma língua estrangeira, podemos ver que existem três tipos de correspondência: semântica, lexical e sintáctica.

Segundo Vietri, a correspondência pode, então, verificar-se:

- a) a um nível semântico – o significado é vertido em maior ou menor medida, verificando-se a diferença ou semelhança entre o significado da soma das partes e o significado global;
- b) a um nível lexical – em que as unidades lexicais são transpostas para o Texto de Chegada com uma maior ou menor medida de tradução literal;
- c) a um nível sintáctico – tem-se em conta uma maior ou menor correspondência na forma estrutural da expressão, podendo haver omissão, adição ou substituição de certos elementos.

No que diz respeito à tradução deste *short story* de Claire Keegan, estabeleceu-se como objectivo traduzir sempre uma expressão idiomática do Texto de Partida por uma expressão idiomática da Cultura de Chegada e – empregando a noção de correspondência de Vietri – procurando que entre elas haja uma correspondência semântica tão próxima quanto possível, ou seja, que a tradução se faça pela expressão idiomática que mais se aproxima do sentido da expressão presente no Texto de Partida.

No trabalho de Jakobsen *et al.* (2007: 223) e de Baker (1992: 72), encontramos a referência a Fernando e Flavell (1981: 82) que nos diz existir “a strong unconscious urge in most translators to search hard for an idiom in the receptor-language”. Apesar de tal facto se verificar neste trabalho, a decisão de se traduzir uma expressão idiomática por outra foi tomada com base no perfil literário do Texto de Partida. Devido à grande densidade idiomática que o *short story* apresenta e ao papel que esta ocupa na caracterização das personagens e do próprio estilo da autora, optou-se por ter essa correspondência idiomática como objectivo.

Na tradução propriamente dita, as correspondências lexicais e sintácticas foram relegadas para segundo plano, pois manter este tipo de correspondências enquanto, ao mesmo tempo, se mantém a semântica da expressão será quase impossível entre este par de línguas (e entre muitos outros, seguramente). A frequência com que esta correspondência (lexical, semântica e sintáctica) ocorre é extremamente rara, como é referido em Jorge (1992: 56). Assim, de modo a atingir um dos objectivos propostos para este trabalho (uma tradução que mantenha a idiomaticidade da língua traduzida), neste *short story* o sentido será sempre privilegiado. Para este efeito e no que se refere às expressões idiomáticas, optou-se, na grande maioria dos casos, por fazer uma tradução em aceitabilidade, onde o valor semântico da expressão idiomática não é posto em causa por uma tradução literal. Estar-se-á, desta forma, a comprometer o objectivo de atingir um equilíbrio tradutório, no que diz respeito à tradução de expressões idiomáticas. Contudo, apesar de não se atingir um equilíbrio tradutório neste ponto, esta tradução (maioritariamente) em aceitabilidade assegura que, em quase todos os casos, o sentido da expressão e a sua idiomaticidade se mantenham.

Tendo em conta a dificuldade que existe na tradução de expressões idiomáticas e o objectivo deste trabalho (sempre que possível, traduzir uma expressão idiomática do Texto de Partida por uma expressão idiomática no Texto de Chegada), sentiu-se a necessidade de recorrer a uma classificação de estratégias de tradução de expressões idiomáticas, para enquadrar e analisar as decisões tomadas na tradução deste *short story*. Para tal efeito – e embora se tenha tido em consideração as estratégias de Chesterman (1997) – optou-se por valorizar um subconjunto de estratégias que se revelaram mais pertinentes e operativas para este trabalho. Este subconjunto, apresentado por Jakobsen *et al.* (2007: 226), baseia-se no tipo de equivalência alcançado na tradução de

expressões idiomáticas e na estratégia, ou seja, o tipo de transferência que ocorre nessa tradução. Abaixo, apresentam-se as estratégias e tipos de equivalência possíveis.

Tipos de equivalência

Estratégia

- | | |
|----------------------------------|---------------------------|
| - Total (ou quase total) | - Transferência directa |
| - Parcial | - Transferência indirecta |
| - Sem equivalência | - Paráfrase |
| - Equivalência formal enganadora | |

O parâmetro de equivalência retirado de Jakobsen *et al.* (2007), que conjuntamente com as estratégias de tradução demonstra ser de grande utilidade para este trabalho em termos de categorização, é o motivo pelo qual não se recupera a classificação proposta por Vietri, à qual anteriormente se fez referência.

Após se verificar qual o tipo de equivalência e qual a estratégia utilizada, poderá, então, determinar-se a categoria em que a tradução das expressões idiomáticas se irá inserir. São estas categorias as seguintes:

- Expressão idiomática cognata – equivalência total ou quase total, em forma e conteúdo;
- Expressão idiomática semi-cognata – equivalência parcial em termos de forma, e total ou quase total em termos de conteúdo;
- Expressão idiomática não cognata – sem equivalência formal; com equivalência total ou quase total em termos de conteúdo;
- Expressão idiomática específica da Língua de Partida – sem equivalência, pois não existe uma expressão idiomática na Cultura de Chegada (a evitar);
- Expressão idiomática falsa cognata – equivalência formal enganadora; sem equivalência de conteúdo, ou com uma equivalência de conteúdo imperfeita/inaceitável (a evitar).

A tabela seguinte (fig.4) baseia-se em Jakobsen *et al.* (2007: 226) e agrupa e classifica de forma clara a distinção entre cada uma destas categorias, fazendo também a relação entre o tipo de expressão idiomática (no TP e no TC) e o tipo de equivalência obtido e a estratégia utilizada. Consegue-se, assim, estabelecer uma tipologia para a tradução de expressões idiomáticas, exemplificada com expressões retiradas do *short story* traduzido.

Tipo de E.I. (TP e TC)	Tipo de equivalência	Exemplo	Estratégia
Cognata	Total ou quase total (forma e conteúdo)	<i>In good faith</i> (p. 157)/ <i>Em boa fé</i> (p. 195)	Transferência directa (E.I. para E.I.)
Semi-cognata	Parcial em termos de forma; total ou quase total em termos de conteúdo	<i>Felt light in the head</i> (p. 146)/ <i>Sentiu a cabeça a andar à roda</i> (p. 182)	Transferência directa ou indirecta (E.I. para E.I.)
Não cognata	Sem equivalência formal; total ou quase total em termos de conteúdo	<i>At the drop of a hat</i> (p. 140)/ <i>Sem pensar duas vezes</i> (p. 148)	Transferência indirecta (E.I para a E.I. escolhida)
Específica da Língua de Partida (ou da autora)	Sem equivalência	<i>Bold spear of a woman</i> (p. 138)/ <i>Mulher arrojada como uma lança</i> (p. 174)	Paráfrase (após uma busca por uma E.I. e verificada a impossibilidade de transferência directa e indirecta)
Falsa cognata	Equivalência formal enganadora, sem equivalência de conteúdo (ou uma equivalência imperfeita/inaceitável)	–	Expressão idiomática para expressão idiomática ou paráfrase. NOTA: A transferência directa poderá trazer resultados indesejados

Figura 4 – Tabela de classificação de expressões idiomáticas (TP e TC), tipos de equivalência e estratégias de tradução

Observando esta tabela, conseguimos perceber que a distinção entre as expressões idiomáticas cognatas/semi-cognatas e as expressões idiomáticas não cognatas se estabelece, principalmente, pela sua capacidade de transferência directa. Enquanto nas expressões idiomáticas cognatas/semi-cognatas existe transferência directa, nas expressões idiomáticas não cognatas há uma necessidade de se operarem mudanças significativas ou de se encontrar uma expressão idiomática completamente diferente, como se refere em Jakobsen *et al.* (2007: 224). À semelhança do que acontece no trabalho deste autor, neste projecto considera-se uma expressão idiomática como cognata/semi-cognata se todos ou quase todos os elementos do Texto de Partida e do Texto de Chegada tiverem a mesma origem, e não cognata se uma grande parte da expressão idiomática do Texto de Chegada tiver uma origem diferente da expressão idiomática do Texto de Partida.

As expressões idiomáticas são específicas da Língua de Partida quando não encontram uma expressão idiomática equivalente na Língua de Chegada. Nestes casos, no presente trabalho, recorreu-se a uma paráfrase para manter o conteúdo ou sentido da expressão do Texto de Partida.

Uma expressão idiomática é uma falsa cognata quando parece evidenciar uma equivalência total, tratando-se na realidade – de um ponto de vista formal – de um falso amigo. Uma tradução por uma expressão idiomática falsa cognata será, assim, algo a evitar.

Tendo, assim, os conceitos de expressão idiomática definidos, em contexto monolíngue e em contexto tradutório, passar-se-á agora à aplicação dos critérios estabelecidos aos exemplos retirados do *short story* de Claire Keegan.

4. Análise de opções de tradução

4.1 Análise de expressões idiomáticas

Agrupam-se agora as expressões idiomáticas segundo o seu tipo, num contexto tradutório (cognata, semi-cognata, não cognata, específica da língua e falsa cognata), de modo a conseguir uma melhor perspectiva da sua distribuição.

No total, foram recolhidas e trabalhadas vinte e sete expressões idiomáticas do *short story*, que, consideradas em termos de um trabalho de tradução, se podem quantificar da seguinte forma:

Tradução de expressões idiomáticas cognatas – uma expressão
(3,703% do total)

Tradução de expressões idiomáticas semi-cognatas – nove expressões (33,333% do total)

Tradução de expressões idiomáticas não cognatas – treze expressões (48,148% do total)

Tradução de expressões idiomáticas específicas da Língua de Partida – quatro expressões (14,814% do total)

Observando estes números, verifica-se que, na tradução do *short story*, nos deparámos com um maior número de expressões não cognatas por oposição a um número ínfimo de expressões cognatas. As expressões semi-cognatas ocorrem também em grande número, quase equiparável às expressões não cognatas, enquanto as expressões específicas da Língua de Partida, embora em menor número, se apresentam com um valor não desprezável.

Considerando a quantidade percentual de cada tipo de expressões neste texto, verifica-se, portanto, que a hierarquização das expressões idiomáticas e da sua tradução, por ordem decrescente, se faz da seguinte forma:

- a) Tradução por expressão idiomática não cognata
- b) Tradução por expressão idiomática semi-cognata
- c) Tradução por expressão idiomática específica da Língua de Partida
- d) Tradução por expressão idiomática cognata

Deste modo, é perceptível que na tradução deste texto, à semelhança do estudo levado a cabo por Jakobsen *et al.* (2007), a estratégia de tradução de expressões idiomáticas preferida contempla uma solução não cognata. A única diferença entre este trabalho e o referido estudo prende-se com o facto de neste trabalho existirem mais casos de tradução por paráfrase do que por transferência directa (encarada com alguma desconfiança pelos tradutores, como se refere no trabalho de Jakobsen). O facto de isto acontecer pode ser explicado por, nesta tradução, haver vários exemplos de expressões idiomáticas específicas da Língua de Partida ou que possuem o cunho da autora, o que normalmente implica que o parafraseamento da expressão seja inevitável.

No que diz respeito à tradução em aceitabilidade e em adequação, verifica-se que 26 em 27 casos de expressões idiomáticas foram traduzidos em aceitabilidade e apenas um caso em adequação. Tal significa que a divisão percentual da tradução das expressões idiomáticas se faz da seguinte forma:

Tradução em aceitabilidade - 26 expressões (96%)

Tradução em adequação – 1 expressão (4%)

Após esta breve reflexão, vejamos então os exemplos retirados do *short story* que, pela sua idiomaticidade, se revelaram de interesse para este trabalho. Apresentam-se também os detalhes do processo tradutório, sendo a origem ou etimologia de ambas as expressões (no Texto de Partida e no Texto de Chegada) explicadas sempre que possível. A página em que o exemplo se encontra refere-se sempre à página do Texto de Partida.

Expressões idiomáticas cognatas

Ex. 1 - In good faith – Em boa fé

“The people left in good faith and their ailments and their apparitions disappeared.”
(p. 157)

“As pessoas foram embora em boa fé e as suas doenças e aparições desapareceram.”
(p. 195)

A expressão idiomática “in (all) good faith” é descrita pelo *Longman Dictionary of English Idioms* como “with sincere or honest intentions”. Com origem na expressão latina “bona fide”, cujo sentido se prende com a rectidão ou conduta honesta da pessoa a quem a expressão se refere, este será um caso em que a tradução consegue manter, de forma completa, tanto o valor semântico como a forma da expressão idiomática. “Em boa fé”, ou seja, acreditando na veracidade do que foi dito, é uma expressão atestada pelo *Dicionário Idiomático* de Hans Schemann (1980: 294) e inclui todos os aspectos presentes no Texto de Partida, apresentando-os no Texto de Chegada.

A tradução é feita em aceitabilidade, mas será curioso notar que uma tradução em adequação produziria exactamente o mesmo resultado. Isto dever-se-á provavelmente ao facto de ambas as expressões terem origem no latim e à particularidade de serem usadas não só no quotidiano mas também em termos legais, difundindo o seu uso e limitando a variação. Este é o único exemplo em que existe uma correspondência lexical perfeita (e uma equivalência total em termos de conteúdo) entre a expressão idiomática utilizada no Texto de Partida e a utilizada no Texto de Chegada o que, por sua vez, determina que ambas as expressões sejam cognatas.

Expressões idiomáticas semi-cognatas

Ex. 2 - Felt light in the head – Sentiu a cabeça a andar à roda

“Beside her, he felt light in the head, was hot in himself then cold.” (p. 146)

“Ao lado dela, sentiu a cabeça a andar à roda e o chão a fugir-lhe debaixo dos pés.”
(p. 182)

Segundo o *Cambridge Idioms Dictionary*, a expressão idiomática “to be/feel light-headed” significa “to feel weak and as if you might fall over”. É uma expressão metafórica que descreve a tontura de forma figurada, uma vez que o sintoma se apresenta como uma sensação de leveza na cabeça. No Texto de Chegada, traduziu-se em aceitabilidade para a expressão “sentiu a cabeça a andar à roda”, mantendo o significado e a idiomaticidade da expressão do Texto de Partida. “Com a cabeça à roda”, uma expressão portuguesa que, segundo o *Dicionário Idiomático* de Hans Schemann (1980: 96), significa estar “atordoado”, “estonteado” ou “tonto”. Existe também uma estratégia de tradução para uma expressão semi-cognata, que se traduz numa limitada correspondência lexical (no Texto de Partida encontra-se a palavra “head” e no Texto de Chegada encontra-se a palavra “cabeça”).

Ex. 3 - Put the heart crossways – Com o coração aos pulos

“...and their fears put her heart crossways.” (p. 157)

“...e esses medos deixavam-na com o coração aos pulos.” (p. 194-195)

“To put the heart crossways” significa “impressionar-se”, “espantar-se” ou “assustar-se”. É uma expressão idiomática que poderá estar relacionada com “cross my heart”, uma expressão derivada da comum prática cristã em que alguém se benze quando algo a

assusta ou surpreende. É uma expressão metonímica, uma vez que o estado de medo é descrito através de um dos seus efeitos.

Uma solução possível, que manteria a idiomaticidade da expressão, seria a tradução para a expressão “com pele de galinha”, uma metáfora que faz a ligação de semelhança entre a pele arrepiada (implicando medo ou susto) com a pele de uma galinha. Esta expressão, contudo, não será tão forte como “put the heart crossways”, que pressupõe não só um arrepio mas o chamado “susto valente”. Com esta informação do valor semântico em mente, chega-se a uma outra alternativa possível, e que nos pareceu mais indicada para o contexto em questão: a expressão metonímica “com o coração aos pulos”.

Segundo os *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*, de António Nogueira Santos (1989: 121), algumas das acepções de “andar com/sentir o coração aos pulos” são “estar sobressaltado” e “inquieto”. Assim, fazendo a ligação entre o estar assustado e um dos seus possíveis efeitos físicos, esta tradução em aceitabilidade permite manter a idiomaticidade da expressão do Texto de Partida, manter a relação com a palavra “coração” e, simultaneamente, adequar-se de forma mais exacta ao valor semântico expresso ao texto.

Consequentemente, por se conseguir manter a relação entre a palavra “heart” e a palavra “coração”, esta expressão no Texto de Partida é o resultado de uma estratégia de tradução para uma expressão semi-cognata, onde se consegue a limitada correspondência lexical que justifica a sua inserção nesta categoria.

Ex. 4 - Having your wits about you – Estar de perfeito juízo

“So, being mad was the same as having your wits about you, Margaret thought.”

(p. 159)

“Portanto, ser doido era o mesmo que estar de perfeito juízo, pensou Margaret.”

(p. 197)

“To have one’s wits about one” significa, segundo o *Longman Dictionary of English Idioms*, “to have complete possession of one’s mental powers” ou “to know exactly what one is doing”.

Uma vez que “wit” significa “juízo”, “faculdade mental” ou “inteligência”, a expressão idiomática comporta uma metáfora, visto estar a estabelecer uma escala e relação de proximidade com a inteligência ou razão. Deste modo, se alguém “traz consigo a sua razão” (fazendo uma tradução mais literal), será, necessariamente, uma pessoa sã, por oposição a alguém que, “não tendo a razão consigo”, será louca ou, pelo menos, não tão sã.

Segundo os *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas* de António Nogueira Santos (1989: 216), alguém “em seu (perfeito) juízo” significa “pessoa que está no uso pleno das suas capacidades intelectuais, sabendo perfeitamente o que faz”, o que se coaduna perfeitamente com a definição da expressão idiomática do Texto de Partida. Esta expressão idiomática portuguesa não só possibilita uma escala (perfeito ou completo juízo em oposição a pouco ou nenhum juízo) como evidencia a relação com a razão ou juízo nas palavras “estar de”, visto estas reflectirem um estado, e um estado implicar proximidade com os sentimentos que veicula. Assim sendo, fez-se uma tradução em aceitabilidade para a expressão “estar de perfeito juízo”, mantendo o valor semântico e o carácter idiomático da expressão.

Este exemplo, uma vez que nele se verifica a correspondência lexical entre “wits” e “juízo”, integra também os casos em que se adoptou uma estratégia de tradução para uma expressão idiomática semi-cognata.

Ex. 5 - Had him ruined – Estragar com mimo

“...she rocked him until she had him ruined.” (p. 162)

“...embalou-o até o estragar com mimo.” (p. 199)

A expressão idiomática “to ruin someone or something”, descrita no *McGraw-Hill Dictionary of American Idioms and Phrasal Verbs*, significa “the cause of destruction” e/ou “a failure”. Este dicionário refere como exemplos “your bad judgment will be the ruin of this company” e “the greedy politicians were the ruin of the old empire”, o que se pode adequar ao exemplo em análise (“until she had him ruined”).

“Ruined”, neste contexto, tem um significado hiperbólico. Estabelece-se uma metáfora entre a atenção devotada (neste caso e geralmente) a uma criança e a carga negativa que tal acção poderá trazer, como se a ruína ou declínio na educação de uma criança começasse ou se perpetuasse a partir do momento em que os seus desejos e pedidos são constantemente satisfeitos, sem que se olhe a restrições ou contenção. Os *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas* de António Nogueira Santos (1990: 256) atribuem a “estragar alguém com mimos” o significado de “criar maus hábitos a uma pessoa, cedendo a todos os seus caprichos, exigências, birras”.

A idiomaticidade da expressão no Texto de Chegada mantém-se, então, fazendo uma tradução em aceitabilidade para a expressão idiomática portuguesa (de valor metafórico) “estragar com mimo”, mantendo também, no verbo “estragar”, a carga negativa patente no verbo “to ruin”.

Existe também uma correspondência lexical parcial entre o verbo “to ruin”, presente na expressão idiomática do Texto de Partida, e o verbo “estragar”, na expressão do texto de Chegada, o que motiva a inserção deste exemplo nos casos de tradução para uma expressão idiomática semi-cognata.

Ex. 6 - Grew tall as a stake – Crescia a olhos vistos

“...pushed them around the narrow roads of Dunagore in his own pram and grew tall as a stake.” (p. 162)

“...empurrava-os pelas estradas estreitas de Dunagore no seu carrinho de bebé e crescia a olhos vistos.” (p. 200)

A origem da expressão idiomática “tall as a stake” poderá estar relacionado com as altas estacas usadas para a fortificação de campos militares, ou com a estaca sobre a qual assenta uma tenda, sendo o “alicerce” mais alto do habitáculo. Independentemente da sua origem, a expressão, apesar de não ser de uso comum (e podendo até integrar uma nova fraseologia da autoria de Claire Keegan), estabelece uma comparação usando o adjetivo “tall”, o que permite uma fácil compreensão da semântica que lhe está inerente.

De forma a manter o sentido e a idiomaticidade que caracteriza a expressão no Texto de Partida, optou-se por traduzir, em aceitabilidade, por “crescia a olhos vistos”, expressão atestada no *Dicionário Idiomático* de Schemann (1980: 511). Esta expressão idiomática portuguesa utiliza a metáfora (ao invés da comparação utilizada no Texto de Partida) para relacionar o crescimento de alguém com o facto óbvio de que qualquer pessoa, apenas por olhar, poderia comprovar esse crescimento.

Verifica-se ainda que as expressões do Texto de Partida e do Texto de Chegada têm uma correspondência lexical parcial entre o verbo “to grow” e o verbo “crescer”, tratando-se de um caso em que a estratégia de tradução passa por uma solução semi-cognata.

Ex. 7 - Put pen to paper – Deitavam mão à caneta

“*Children put pen to paper, sent letters to the North Pole.*” (p. 142)

“*As crianças deitavam mão à caneta e enviavam cartas para o Pólo Norte.*” (p. 179)

Segundo o *Cambridge Idioms Dictionary*, a expressão idiomática “put pen to paper” significa “to start to write something”. O *Cambridge Dictionary of American Idioms* apresenta ainda a mesma expressão com a variante “set pen to paper” com a acepção “to write on paper.”

Assim, num sentido geral, a expressão idiomática “putting pen to paper” significa “começar a escrever”. Literalmente traduzida, esta expressão seria algo como “levar a caneta ao papel”. Nos *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas* de António Nogueira Santos (1989: 305) encontramos a expressão idiomática “pegar na pena”, com a acepção de começar a escrever. Contudo, esta tradução pareceria algo estranha devido à referência a “pena”, uma vez que a expressão idiomática não é das mais familiares e pelo facto de as crianças claramente usarem uma caneta. Nesse sentido, optou-se por uma tradução por “deitar mão à caneta”, uma variante da expressão idiomática “deitar mãos à obra” atestada no *Dicionário Idiomático* de Hans Schemann (1980: 143-441), tendo esta variante o significado de “começar a escrever”. Neste caso “mãos” é apresentado no singular pois apenas se escreve com uma das mãos (mesmo uma pessoa ambidextra escreve com uma mão de cada vez).

Existe, portanto, uma correspondência lexical entre a expressão do Texto de Partida e a expressão do Texto de Chegada na palavra “pen” (caneta).

Ex. 8 - Had the run of the house – Era dona da casa

“He did not live alone but with Josephine, the sleek brown goat who had the run of the house.”(p. 140)

“Não vivia sozinho, mas sim com Josephine, a lustrosa cabra castanha que era a dona da casa.” (p. 176)

“To have the run of something” é uma expressão idiomática que significa mandar ou ter controlo do sítio especificado. Neste caso, a expressão idiomática diz-nos que Josephine, a cabra, é praticamente a dona da casa, querendo com isto dizer que fazia da casa o que bem entendesse.

Como possível tradução, e numa tentativa de manter a idiomaticidade da expressão, poderia optar-se pela solução “ter a casa por sua conta”, porém, o valor semântico desta expressão é diferente do presente no Texto de Partida, significando “ter a casa só para si” ou “estar sozinho/a em casa”. Considerando este desvio, optou-se antes pela opção tradutória “era dona da casa”, uma hipérbole e uma metáfora que relaciona a posse (ser dono/a de algo) com a possibilidade de se fazer o que se quer do local. A tradução em aceitabilidade para esta expressão portuguesa, que não tem uma total correspondência lexical à expressão do Texto de Partida (havendo apenas a correspondência de “casa”), faz com que se retenha, no entanto, a correspondência semântica.

Ex. 9 - Keep at arm’s length – Manter à distância

“But until then she would do her best to keep people at arm’s length...” (p. 139)

“Mas até lá, faria o seu melhor para manter as pessoas à distância...” (p. 176)

Esta expressão idiomática significa, segundo o *Longman Dictionary of English Idioms*, “far away, so that one does not have to touch something or become friendly with someone”. A sua origem metafórica estará no facto de a largura de um braço esticado ser a equivalente a um considerável espaço de afastamento, assim como também se

poderá interpretar o gesto de ter os braços esticados como um acto que cause distância ou separação, evitando o contacto com algo ou alguém.

Segundo os *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas* de António Nogueira Santos (1989,) a expressão “manter à distância” significa “proceder com certa frieza deliberada de forma a evitar familiaridades”, o que se adequa perfeitamente ao contexto. A correspondência lexical entre a expressão do Texto de Partida e a do Texto de Chegada verifica-se (como no exemplo anterior) entre o verbo “to keep” e o verbo “manter”, sendo que a tradução em aceitabilidade para a expressão “manter à distância” dá conta do sentido da expressão idiomática, mesmo que a metáfora do Texto de Partida não seja mantida.

Ex. 10 - To top it all – Ainda por cima

“...she’s like a radiator going around heating the place and, to top it all, I’ve milk.”
(p. 149)

“...é como um aquecedor que anda por aí a aquecer a casa e, ainda por cima, tenho leite.” (p. 186)

Segundo o *Longman Dictionary of English Idioms*, “to top it all” significa “finally” ou “on top of everything (usually introducing something undesirable)”. Esta expressão idiomática significa, portanto, que de todas as coisas enunciadas a que se segue à expressão será a que mais destaque merece. A expressão contém também uma metáfora que associa a importância de algo a uma escala vertical, sendo que em cima será o mais importante e em baixo o menos importante. Neste caso, o enunciador está a dizer que, considerando todas as vantagens de se ter uma cabra, o leite é o seu atributo mais valioso.

Segundo os *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas* de António Nogueira Santos (1989), “ainda por cima” significa “além disso” ou “como se não bastasse”. Uma expressão sinónima também apresentada é “para cúmulo” mas esta já não se adequaria tão bem ao contexto, visto sugerir um aspecto negativo que, como já foi referido, também pode ser associado à expressão.

Considerando, então, os aspectos apresentados, pode constatar-se que a melhor opção seria uma tradução em aceitabilidade da expressão idiomática “top it all” para a expressão “ainda por cima”, uma expressão cuja correspondência lexical se dá entre “top” e “cima”, e que, respeitando a metáfora existente no Texto de Partida, mantém o carácter idiomático do Texto de Partida.

Expressões idiomáticas não cognatas

Ex. 11 - Having a think – A dar voltas à cabeça

“She liked to roam around in her nightdress having a think...” (p. 147)

“Gostava de vaguear em camisa de noite a dar voltas à cabeça, a beber chá pela manhã.” (p. 183)

No *Cambridge Dictionary of American Idioms*, encontramos a expressão “to have another think (coming)”, que significa “to need to consider something again” e que, à excepção de um factor de repetição (“another”) e da possível combinação com “coming”, tem um sentido e forma lexical muito semelhantes à expressão em questão.

A expressão idiomática presente neste exemplo é de natureza metafórica, uma vez que “having a think” pressupõe que alguém está a “chamar ideias a si” ou a “tomar pensamentos”. A metáfora existe porque, em qualquer uma das interpretações, há uma aproximação do enunciador ao processo cognitivo. Escolheu-se, assim, como opção tradutória, a expressão metafórica “dar voltas à cabeça”, atestada como “dar voltas ao miolo” ou “dar tratos à cabeça” nos *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*, de António Nogueira Santos (1989: 72). Ambas as entradas têm uma acepção que implica esforço mental, estando a metáfora para o acto de pensar presente nas voltas que o cérebro daria numa tentativa de compreensão.

Poderia também ter-se optado por “absorto em pensamentos”, uma expressão atestada nos *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*, de António Nogueira Santos (1989: 306), com a acepção de “concentrado nas suas ideias, preocupações, planos”.

Esta opção não foi utilizada, pois retira bastante ao registo mais oral e popular da expressão no Texto de Partida. Outra das alternativas tradutórias consideradas seria “matutar” (de modo a reter uma maior idiomática), mas esta opção iria contra a definição de trabalho de expressão idiomática, visto que “matutar” é composto por apenas uma palavra, e uma expressão idiomática, assim como neste trabalho foi definida, requer mais do que uma. Esta tradução para “a dar voltas à cabeça”, não sendo literal e tendo em conta um leitor português contemporâneo, continua a ser uma tradução em aceitabilidade. Há também, neste caso, uma estratégia de tradução para uma expressão idiomática semi-cognata, existindo uma correspondência lexical limitada a certos elementos. Tal verifica-se na palavra “think”, que no Texto de Chegada corresponde à palavra “pensar”, criando uma intersecção entre as duas expressões.

Ex. 12 - Came to his senses – Pôs as ideias no sítio

“...came to his senses and walked up the path to the priest’s house.”(p. 147)

“...pôs as ideias no sítio e foi até à casa do padre.” (p. 183)

“Come to one’s senses” é descrito no *Longman Dictionary of English Idioms* como “to begin to behave sensibly”. A relação metafórica de aproximação ao racional, um posicionamento que envolve a proximidade com a sanidade e a razão, está patente nesta expressão idiomática. A expressão significa também quase um despertar para o mundo real, como se antes estivesse num estado que não permite um raciocínio claro.

Para conservar esse sentido, fez-se uma tradução em aceitabilidade para a expressão idiomática “pôs as ideias no sítio” para que, com uma tradução em aceitabilidade, se retivesse o sentido, a idiomática e a metáfora. Esta metáfora conserva-se no sentido em que “arrumar as ideias” ou “pô-las no sítio” implica também um posicionamento das ideias e um melhor acesso ao pensamento racional. Outra alternativa tradutória poderia ser “ganhar juízo”, porém, esta opção implica que, em certa medida, haja um comportamento inadequado a anteceder o “ganhar juízo”, o que não sucede nesta situação.

A expressão “não estar com a cabeça no sítio”, extremamente semelhante a “não estar com as ideias no sítio”, está atestada no *Dicionário Idiomático* de Schemann (1980) e, como se pode constatar, não tem qualquer correspondência lexical com a expressão do Texto de Partida.

Ex. 13 - We may buy it in – Bem podemos dizer-lhe adeus

““*We may buy it in. I said we shouldn't have mowed today.*”” (p. 143)

“– *Bem podemos dizer-lhe adeus. Eu disse que não devíamos ter cortado hoje.*”
(p. 180)

De acordo com o *McGraw-Hill Dictionary of American Idioms and Phrasal Verbs*, a expressão “buy in” significa “to agree with” ou “to accept an idea as worthwhile”.

Podia, de facto, fazer-se uma tradução para “podemos aceitá-lo”, mas tal não reteria nenhuma da idiomaticidade da expressão do Texto de Partida. No sentido de transportar uma maior idiomaticidade para o Texto de Chegada, foi feita uma tradução em aceitabilidade para a expressão “bem podemos dizer-lhe adeus” (a palavra “bem”, inserida no início, tem apenas a intenção de tornar a expressão um pouco mais coloquial). Nesta expressão, atestada pelo *Dicionário Idiomático* de Hans Schemann (1980) como “poder dizer adeus a qualquer coisa”, existe uma relação metafórica entre o acto de despedida e o contexto, nomeadamente a resignação ao facto de o feno estar arruinado e para além de qualquer salvação.

Não existe, como se observa, qualquer correspondência lexical entre as formas do Texto de Partida e do Texto de Chegada, ainda que se mantenha a idiomaticidade e o sentido.

Ex. 14 - Takes a terrible toll – É madrasta

““*The new moon takes a terrible toll on women like her...*”” (p. 142)

“– *A lua nova é madrasta para mulheres como ela*” (p. 178)

A expressão idiomática “take its toll”, de acordo com o *Longman Dictionary of English Idioms*, significa “to cause much harm or damage (to someone or something)”.

Através do substantivo “toll” (portagem), a expressão idiomática do Texto de Partida utiliza a metáfora para evocar uma imagem de “custo” ou de “preço a pagar”, o que, neste contexto, significaria que da fase de lua nova adviriam graves consequências.

Uma das alternativas de tradução possíveis seria “tem um efeito devastador”, visto que é este o valor semântico da expressão, no entanto, a tipicidade ou genuinidade do discurso dita que uma expressão mais simples, ou mais “típica”, seja utilizada. Assim, fazendo uma tradução em aceitabilidade, utilizou-se no Texto de Chegada a expressão idiomática “é madrasta para”, uma expressão idiomática metafórica que faz a associação semântica entre o mau efeito da lua nova e os maus tratos por parte de uma madrasta, uma vez que esta, supostamente, será má para os seus enteados. Entre a expressão do Texto de Partida e a utilizada no Texto de Chegada não existe, como se constata, qualquer correspondência lexical.

Ex. 15 - Neither here nor there – Não vem ao caso

“*But that is neither here nor there, and I must be getting on with my story...*” (p. 137)

“*Mas isso não vem ao caso, e eu devia continuar a minha história...*” (p. 173)

“Be neither here nor there” é uma expressão idiomática cujo significado é, segundo o *Longman Dictionary of English Idioms*, “be unimportant or not related to the subject being discussed”. A expressão metafórica funciona por associação semântica ao estar entre dois pontos, num sítio indeterminado, ou seja, estabelece-se a relação semântica entre o indefinido e o não importante.

No Texto de Chegada, esta expressão foi traduzida, em aceitabilidade, por “não vem ao caso”, uma expressão atestada pelo *Dicionário Idiomático* de Hans Schemann (1980: 131), embora na variante “não vir (aqui) ao caso”. Traduzindo-a desta forma, mantém-se a idiomaticidade da expressão e a acepção de que algo não tem importância porque é pouco relevante.

Trata-se de uma estratégia de tradução por uma expressão idiomática não cognata. Apesar de não haver qualquer correspondência lexical, como parece ser frequente na tradução de expressões idiomáticas, a semântica permanece inalterada, o que é aqui o factor de maior relevância.

Ex. 16 - At the drop of a hat – Sem pensar duas vezes

“...committing adultery at the drop of a hat. In fact, hats didn't drop fast enough for them.” (p. 140)

“...cometendo adultério sem pensar duas vezes. Na verdade, não chegavam sequer a pensar uma vez.” (p.176)

“At the drop of a hat”, segundo o *Longman Dictionary of English Idioms*, significa “immediately and willingly”, ou seja, não só fazer algo rapidamente, ou sem hesitação, mas também por vontade própria. A expressão é uma metáfora que estabelece uma relação entre o cair de um chapéu (algo súbito e com uma duração demasiado curta para se poder pensar no assunto) e uma acção feita sem pensar, sem medir as consequências, sem hesitação. Apesar de a expressão ter o sentido explicitado, a metáfora não parece contemplar o facto de ser algo propositado, como sugere a definição do *Longman Dictionary of English Idioms* (pois o acto de um chapéu cair será, em princípio, accidental), contudo, a expressão idiomática para a qual se traduzirá terá a mesma característica, pois implica uma certa ligeireza de atitude.

A estratégia utilizada é a de tradução por uma expressão idiomática não cognata, não se verificando qualquer correspondência lexical. Fazer uma tradução em adequação da expressão idiomática inglesa estaria, obviamente, fora de questão, pois seria dar-lhe um sentido literal que em nada favoreceria a compreensão do leitor.

Os *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*, de António Nogueira Santos (1989: 385), têm atestada a expressão idiomática “pensar duas vezes”, que significa “ponderar antes de pronunciar-se ou decidir-se”. Outras opções, descritas nestes dicionários, incluiriam “dormir sobre o caso”, “consultar o travesseiro” ou “conversar com o travesseiro”. Porém, estas últimas opções impediriam, ou pelo menos dificultariam, um bom resultado no jogo de palavras que se segue. Assim, optou-se pela tradução em aceitabilidade que contempla a expressão idiomática portuguesa “sem pensar duas vezes”, uma expressão que comporta o mesmo valor semântico: algo rápido, impulsivo e irreflectido (não estando também explícito na metáfora, como acontece na expressão do Texto de Partida, uma intenção ou vontade própria). A expressão idiomática no Texto de Chegada mantém assim o significado e a idiomaticidade da expressão, e tem ainda em consideração o jogo de palavras que envolve esta mesma expressão.

O referido jogo de palavras, ao qual teria de se prestar especial atenção, relaciona-se com “hats didn’t drop fast enough for them”, que surge na frase seguinte. Podemos, assim, claramente verificar que a tradução da expressão idiomática “at the drop of a hat” vai afectar a tradução de “hats didn’t drop fast enough for them”.

Para resolver este problema de tradução optou-se, tal como já foi referido, por fazer uma tradução em aceitabilidade para a expressão “sem pensar duas vezes”, para que na frase seguinte se pudesse utilizar “não chegavam sequer a pensar uma vez”, mantendo-se assim o sentido e o reforço dado à primeira frase.

Ex. 17 - Run off his feet – Não teve mãos a medir

“The postman was run off his feet but Margaret didn’t even get a card.” (p. 142)

“O carteiro não tinha mãos a medir mas Margaret nem sequer recebeu um cartão.”
(p. 179)

Harkes (1974), em *A Dictionary of Verbal Idioms*, descreve “to be run off one’s feet” como “to be kept very busy”, uma acepção confirmada pelo *Longman Dictionary of English Idioms*, em que a expressão idiomática “run off his feet” significa “to keep (a

person) very busy by continuous work”. Neste caso, uma tradução possível poderia ser “matou-se a trabalhar”, uma expressão que também transmite a mensagem de alguém sobrecarregado com trabalho. Porém, existe uma alternativa mais exacta e que utiliza, à semelhança da expressão do Texto de Partida, uma referência a uma parte do corpo humano: as mãos. Esta observação só será curiosa ou relevante se considerarmos que no Texto de Partida se pode verificar a referência a “pés” (“feet”), enquanto no Texto de Chegada, apesar de não haver uma correspondência lexical (visto a estratégia de tradução utilizada ser a de traduzir para uma expressão idiomática não cognata), se verifica a referência a uma outra parte do corpo humano: “mãos”. Fez-se assim a tradução em aceitabilidade para a expressão idiomática “não ter mãos a medir”, uma expressão metafórica que relaciona o facto de as mãos de um indivíduo não chegarem ou mal chegarem (não estarem à medida) para a quantidade de trabalho que lhe é atribuída. Esta expressão está atestada no *Dicionário Idiomático* de Hans Schemann (1980: 441) e nos *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*, de António Nogueira Santos (1989: 245); na última obra tem a acepção de “estar muito atarefado”, “ser muito solicitado” e “não poder perder tempo ou descansar”.

Ex. 18 - Out of the blue – Vinda de não-sei-onde/ caiu do nada

“And then, one evening, a heavy shower fell out of the blue.” (p. 143)

“E então, uma noite, um forte aguaceiro caiu do nada.” (p. 180)

“Then, out of the blue, she’d walked into the yard with a clutch of eleven chickens.”

(p. 147)

“Depois, vinda de não-sei-onde, aparecia no quintal com uma ninhada de onze pintos.”

(p. 184)

Segundo o *Longman Dictionary of English Idioms*, “out of the blue” significa “unexpectedly” ou “without warning”. “Out of the blue” faz referência a algo que, como um raio, cai do céu quando este se encontra límpido, sendo que, por implicação, significaria um acontecimento súbito, sem aviso ou oportunidade de preparação.

Em português, existem algumas expressões idiomáticas cujo sentido seria em tudo semelhante à expressão inglesa, como é o caso de “vinda do nada”. Nos *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*, de António Nogueira Santos (1989: 267), pode encontrar-se a expressão semelhante “tirar do nada”, cujas acepções são “criar” e “inventar”. Podemos, assim, verificar que ambas as expressões (“tirar do nada” e “vinda do nada”) têm o valor semântico de que algo surge inesperadamente, ou de forma imprevista. A segunda alternativa viável seria “vinda de não-sei-onde”, uma expressão também bastante popular, cuja variante “um não-sei-quê” se encontra atestada nos *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*, de António Nogueira Santos (1989: 267), com o sentido de algo indefinível ou vago. Também esta alternativa se relaciona semanticamente com a expressão do Texto de Partida.

A questão neste caso, prende-se com o contexto, uma vez que existem duas frases no Texto de Partida onde se pode encontrar a expressão “out of the blue”. Na primeira situação, atendendo ao contexto de um aguaceiro inesperado, aplicou-se a primeira alternativa com uma ligeira alteração no verbo (“caiu do nada”), uma vez que, tratando-se de um aguaceiro, o verbo “cair” é mais adequado do que o verbo “vir”. Na segunda situação, que se refere a uma galinha que surge de um sítio indefinível (e vago), foi utilizada a segunda alternativa (“vinda de não-sei-onde”). Uma vez que ambas as expressões comportam o mesmo significado que “out of the blue” no Texto de Chegada, esta tradução por duas expressões idiomáticas diferentes na Língua de Partida é também uma forma de oferecer alguma diversidade vocabular e tornar mais visível no Texto de Chegada este importante aspecto idiomático do texto.

Existe, portanto, uma tradução em aceitabilidade, para que se mantenha, nas duas expressões, o mesmo sentido idiomático presente no Texto de Partida. Visto a estratégia tradutória utilizada ter sido a de traduzir por uma expressão idiomática não cognata, não existe qualquer correspondência lexical entre as duas expressões.

Ex. 19 - Was hot in himself then cold – Sentiu o chão a fugir-lhe debaixo dos pés

“Beside her, he felt light in the head, was hot in himself then cold.” (p. 146)

“Ao lado dela, sentiu a cabeça a andar à roda e o chão a fugir-lhe debaixo dos pés.”
(p.182)

Segundo o *Cambridge Idioms Dictionary*, a expressão idiomática “feel/go hot and cold (all over)” significa “to feel that your body is hot and cold at the same time, because you have had a shock”. Considerando esta definição, e o seu valor semântico, foi feita uma tradução em aceitabilidade para “sentiu o chão a fugir-lhe debaixo dos pés”.

Esta expressão idiomática portuguesa faz a ligação metafórica entre a desorientação e o retirar-se o chão por baixo dos pés de alguém, o que, naturalmente, faria com que a pessoa se sentisse desequilibrada ou insegura. No *Dicionário Idiomático* de Hans Schemann (1980: 143-144), estão atestadas as expressões “faltar o chão debaixo dos pés a alguém” e “sentir o chão fugir debaixo dos pés”, todas elas com a acepção de uma sensação de desorientação ou incapacidade de agir, tendo as duas últimas opções sensivelmente a mesma expressão (com alguma variação na forma).

O facto de se estar a utilizar uma estratégia de tradução que consiste em traduzir a expressão do Texto de Partida por uma expressão idiomática não cognata faz com que não haja, como se pode depreender, nenhuma correspondência lexical entre o Texto de Partida e o Texto de Chegada neste exemplo.

Ex. 20 - Wudout a stitch – Com’ vieram ao mundo

““Imagine the two of ‘em wudout a stitch,” said the draper’s wife.” (p. 151)

“– Imaginem os dois com’ vieram ao mundo – disse a mulher do dono da loja de panos.” (p. 188)

“Wudout a stitch” é a forma oral de “without a stitch”, transposta para o texto de forma a conferir uma maior credibilidade ao discurso da personagem. A variação ortográfica é

claramente intencional e é contemplada na tradução. Esta expressão é uma pequena variação da expressão idiomática “not have a stitch on” que, de acordo com o *Longman Dictionary of English Idioms*, significa “to have no clothes on” ou “to be naked”.

A expressão idiomática caracteriza-se por incluir uma forma metonímica que utiliza “stitch” (os pontos que, neste caso, são usados para coser o vestuário) em vez de referir as peças de roupa.

No Texto de Chegada, através de uma tradução feita em aceitabilidade, manteve-se o carácter idiomático com a expressão “como vieram ao mundo” (aqui sem a elipse da vogal necessária no texto), estando esta expressão atestada no *Dicionário Idiomático* de Hans Schemann (1980: 476) como “(tal) como veio ao mundo”. Apesar de a metonímia se perder, é mantido no Texto de Chegada o valor semântico e a idiomaticidade da expressão.

A estratégia de tradução adoptada neste exemplo foi a de traduzir a expressão do Texto de Partida por uma expressão idiomática não cognata, razão pela qual não existe nenhuma correspondência lexical entre as expressões.

Ex. 21 - She gave him his own way at every turn – Fazia-lhe sempre todas as vontades

“*And she gave him his own way at every turn.*” (p. 162)

“*E fazia-lhe sempre todas as vontades.*” (p. 199)

O *Longman Dictionary of English Idioms* atesta a expressão idiomática “have it one’s (own) way”, que significa “to believe or do whatever one wants”. O *Oxford Dictionary of Current Idiomatic English* atesta a expressão idiomática “at every turn” como “whatever one does”, “wherever one goes” ou “constantly”. O *Longman Dictionary of English Idioms* tem esta mesma expressão com o significado “at all times” ou “wherever and whenever one looks, goes, etc.”.

Este exemplo contempla, portanto, dois aspectos idiomáticos numa só frase. Em primeiro lugar, temos a expressão metafórica “his own way”, que significa, num contexto mais amplo, “a sua forma de fazer as coisas” (havendo um paralelismo entre a

vontade pessoal e um caminho a seguir). Esta tradução, contudo, não seria a mais adequada devido ao facto de que a precedê-la se encontra “she gave”, que, neste caso, tem o valor semântico de “ela permitia”. Esta precedência do verbo “to give” faz com que seja possível uma tradução para a expressão portuguesa “fazia-lhe todas as vontades” que, segundo os *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas* de António Nogueira Santos (1989: 393), significa “aceder aos desejos ou caprichos de uma pessoa”. Uma outra alternativa proposta pelo Dicionário é “fazer todos os mimos a alguém”. No entanto, a palavra “mimo” irá ser utilizada na frase seguinte, não convindo, assim, repetir o termo. Através desta tradução em aceitabilidade consegue-se, portanto, um valor semântico semelhante ao da expressão inglesa.

Em segundo lugar, temos “at every turn”, ou, como foi traduzido neste trabalho, “sempre”. Apesar de não se manter a metáfora, mantém-se o sentido de algo acontecer repetidamente (“a cada virar da esquina”, numa tradução literal). Para uma maior tipicidade do discurso, “sempre” foi deslocado, não havendo assim a necessidade de uma vírgula. A tradução em aceitabilidade retira alguma idiomaticidade à frase mas não lhe retira o valor semântico.

É de notar também que, mais uma vez, visto a estratégia envolver a tradução de uma expressão do Texto de Partida por uma expressão não cognata, não existe uma correspondência lexical entre ambas as expressões.

Ex. 22 - Wink of sleep – Não pregava olho

“Stack hardly got a wink of sleep.” (p. 162)

“Stack quase não pregava olho.” (p. 199)

A expressão idiomática “not to get a wink of sleep” refere-se a uma variação da conhecida expressão idiomática “not sleep a wink”, atestada pelo *McGraw-Hill Dictionary of American Idioms and Phrasal Verbs* como “not to sleep at all”, e pelo *Cambridge Idioms Dictionary of American Idioms*, com a mesma acepção.

Trata-se de uma expressão idiomática metonímica. “Wink of sleep”, traduzido literalmente, significa “pestanejo de sono”, o que se coaduna com o método metonímico

de usar relações de contiguidade ou proximidade (neste caso, o fechar os olhos é algo que se relaciona, por proximidade, com o acto de dormir).

Nos *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas* de António Nogueira Santos (1989: 278), “não pregar olho” tem a seguinte acepção: “não conseguir adormecer ou conciliar o sono”. Isto faz desta expressão uma alternativa viável e idiomática para traduzir “wink of sleep”.

Utilizando a expressão idiomática “não pregava olho”, estar-se-á também a empregar o mesmo recurso estilístico, uma vez que refere o acto de dormir através de um dos seus componentes, a acção de fechar os olhos. No Texto de Chegada há, por acrescento, a utilização de uma metáfora no verbo “pregar”.

Faz-se, assim, uma tradução em aceitabilidade para a expressão “não pregava olho”, para que se mantenha a idiomaticidade e o sentido da expressão idiomática do Texto de Partida. A estratégia tradutória utilizada é a de tradução da expressão idiomática do Texto de Partida por uma expressão idiomática não cognata, não havendo qualquer correspondência lexical entre as duas expressões.

Ex. 23 - Lovelier than the raven – Mais bonita do que nunca

“Margaret, in nothing only her nightdress and her coat, felt lovelier than the raven.”
(p. 148)

“Margaret, vestindo apenas a camisa de noite e o casaco, sentiu-se mais bonita do que nunca.” (p. 184-185)

Esta expressão idiomática levanta outro problema interessante. Ao traduzir, literalmente, “lovelier than the raven” por “mais bela do que o corvo” ou “mais bonita do que o corvo”, vemos que se trata de uma expressão na qual a idiomaticidade se destaca. O problema surge quando se percebe que a expressão é conhecida mas de uso muito restrito, dificultando uma análise sobre a sua origem e significado. O contexto e a pouca informação disponível são, no entanto, suficientes para que se perceba a semântica da expressão.

Para que a estranheza de uma tradução literal fosse evitada (visto que “corvo”, segundo a cultura portuguesa, nada tem que se possa associar a “belo” ou “bonito”), optou-se por uma tradução em aceitabilidade que visasse a melhor compreensão do leitor: “mais bonita do que nunca”. Esta expressão utilizada no Texto de Chegada, devido à sua frequência de uso, já perdeu um pouco da sua idiomaticidade, não estando atestada na bibliografia consultada. No entanto, mantém as características de uma expressão idiomática (registro metafórico, o sentido não composicional, etc.) e é, para esta tradução, considerada como a melhor opção viável, uma vez que mantém não só a idiomaticidade da expressão como o seu valor semântico.

A estratégia de tradução deste exemplo passa pela tradução de uma expressão idiomática do Texto de Partida por uma expressão idiomática não cognata, não existindo qualquer tipo de correspondência lexical.

A origem da expressão “lovelier than the raven” não pôde ser determinada devido à falta de informação sobre este assunto, admitindo-se a hipótese de que esta, porventura, possa ser da autoria de Claire Keegan.

Expressões idiomáticas específicas da Língua de Partida ou da autora

Ex. 24 - Bold spear of a woman – Mulher arrojada como uma lança

“She was a bold spear of a woman who clearly wasn’t used to living on the coast...”
(p. 138)

“Era uma mulher arrojada como uma lança, que não estava, claramente, habituada a viver à beira-mar...” (p. 174)

Esta expressão levanta um problema muito interessante quando se considera a sua tradução para o português europeu. “Bold spear of a woman” é uma expressão criada propositadamente para este texto e significa “ser arrojado” ou “decidido”, utilizando, para esse efeito, alguns recursos estilísticos. Através da personificação, atribui-se a lança (“spear”) a característica humana de ser audaz ou arrojado (“bold”).

Seguidamente, através da metáfora, caracteriza-se a personagem principal do texto, estabelecendo-se a relação entre a sua personalidade e os traços distintivos de um lanceiro, ou seja, o soldado portador de uma lança.

A questão põe-se: “porquê criar uma expressão?” Considerando que o *short story* é minuciosamente trabalhado e que nada é deixado ao acaso, será fácil perceber que existe uma razão, e que tal razão não se prenderá apenas com a forma ou com a estilística. O facto é que, na sua etimologia irlandesa, “Garret”, parte do nome da personagem em questão (Margaret), significa “bold spear” ou “hard spear” (havendo também a variante de “bold spearman”), o que incute à expressão maior profundidade. Assim, a expressão neológica caracteriza a personagem pela relação que estabelece entre a lança e a mulher, havendo um especial motivo etimológico para utilizar “lança”.

Outra questão que este exemplo levanta é se esta expressão, por ter sido criada e não retirada de uma gramática ou compêndio de expressões atestadas, se pode considerar uma expressão idiomática.

De facto, uma expressão idiomática “fabricada” talvez pareça um paradoxo, pois o facto de ser criada poderá excluir a hipótese de que seja verdadeiramente considerada como expressão idiomática. Contudo, apesar da aparente contradição, já se referiu que a metáfora presente numa expressão idiomática nasce do seu uso, e que é, portanto, a produtividade e a criatividade linguística do falante que a irão posteriormente atestar como tal.

Este caso trata-se, portanto, evidentemente, de uma metáfora dinâmica, como também já se referiu anteriormente, uma vez que esta designa uma nova produção metafórica.

Considerando, então, que tanto as metáforas como as expressões idiomáticas que estas originam estão constantemente a ser criadas, poderíamos afirmar que este caso se trata de uma expressão idiomática, sendo o seu uso (neste caso o uso escrito) e contexto situacional que determinam a sua validade como expressão idiomática. Neste caso, uma expressão cuja idiomaticidade é fabricada pelo uso de uma metáfora (dinâmica) não deixaria de se considerar uma expressão idiomática. No entanto, precisamente por também ser o uso e a sua frequência a caracterizarem uma expressão como idiomática, este caso torna-se problemático. A expressão é criada especificamente para este contexto, logo, não se poderá dizer que a sua frequência de uso se estenda para além do contexto literário em que é apresentada. Como tal, “bold spear of a woman”, por ser

uma expressão nova e não atestada, não é – pelo menos não totalmente – uma expressão idiomática, embora, por conter uma metáfora dinâmica, possa porventura dar origem a uma expressão mais usual. Assim, considera-se este exemplo como um caso de fronteira (entre metáfora e expressão idiomática), sendo que a sua categorização como metáfora (dinâmica) está estabelecida mas como expressão idiomática não o está – pelo menos de uma forma que se possa considerar inequívoca.

No Texto de Chegada, optou-se por não fazer uma tradução em aceitabilidade, mas sim em adequação. Fez-se esta escolha porque, mesmo no Texto de Partida, a expressão se insere no campo da neologia, que, segundo o *Dicionário de Linguística* (1978: 430-431), é “o processo de formação de novas unidades léxicas. (...) (palavras novas e novas combinações, ou sinapsias)”. Tal factor tornaria assim um pouco divergente uma tradução que contemplasse uma natureza idiomática. Para além disso, traduzir, neste caso, em aceitabilidade, seria perder todo o trabalho subjacente à escolha das palavras empregues e do sentido etimológico que acarretam. Assim, foi também criada uma expressão que, em português, mantém o significado mais “oculto” de “bold spear of a woman”, uma vez que, por uma questão de fluidez, esta opção carecia apenas de que a metáfora presente no Texto de Partida se tornasse uma comparação no Texto de Chegada.

Apesar de esta expressão idiomática ser específica da língua inglesa e de a sua tradução – devido ao facto de se tratar de um caso de fronteira – envolver inevitavelmente uma paráfrase, o facto de a tradução ter sido feita em adequação faz com que exista uma correspondência lexical limitada aos elementos “woman” (mulher), “bold” (arrojada) e “spear” (lança) – algo que não é comum na tradução de expressões específicas da Língua de Partida, através da paráfrase.

Ex. 25 – Your tongue is quick – Língua de uma mulher brava

““Oh, your tongue is quick.” When he said the word she was back again under the quicken trees.” (p. 149)

“– Oh, você tem a língua de uma mulher brava.

Quando ele disse a palavra, ela voltou a estar por baixo das sorveiras-bravas.”

(p. 185)

No *McGraw-Hill Dictionary of American Idioms and Phrasal Verbs* pode encontrar-se a expressão “sharp tongue”, descrevendo-a como “an outspoken or harsh manner” e “a critical manner of speaking”, o que, em termos semânticos, se harmoniza com “quick tongue”. Podemos dizer que, embora a forma lexical não seja a mesma, são expressões idiomáticas que possuem um grau de sinonímia elevado.

Esta expressão idiomática acarreta um problema de tradução interessante, não pela expressão em si mas pelo contexto em que é usada. “To have a quick tongue” utiliza a metonímia (sendo que o movimento rápido da língua se relacionará com o acto de responder com maior rapidez) e significa ter uma resposta pronta.

Apesar de se poderem encontrar expressões que na tradução se adequassem ao sentido da expressão do Texto de Partida (“ter uma língua afiada” seria um bom exemplo), a frase seguinte (“When he said the word...”) faz com que tenha de haver uma ponderação sobre o que é dito anteriormente. “Word” refere-se a “quick” e é a sua afinidade com a palavra “quicken” que, por sua vez, vai fazer com que a personagem a associe às árvores (“quicken tree”). Assim, no Texto de Chegada, tentámos usar uma palavra que sirva o mesmo propósito, nunca esquecendo o sentido que a frase contém. Deste modo, optou-se por traduzir por “língua de uma mulher brava” para que “brava” se relacionasse com “sorveira-brava” da mesma forma que “quick tongue” se relaciona com “quicken tree”, no Texto de Partida.

A tradução faz-se em aceitabilidade na medida em que não existe adequação ou tradução literal e, apesar de a solução (que tem em conta dois contextos literários) não produzir uma expressão idiomática conhecida, o seu sentido idiomático tornar-se-á perfeitamente compreensível. Para além disso, será de notar que existe uma correspondência lexical parcial entre as duas expressões (“tongue” e “língua”). Esta

correspondência só existe devido à adequação contextual, pois, normalmente, uma tradução para uma paráfrase não teria qualquer tipo de correspondência.

Ex. 26 - Kept herself well clear – Mantinha-se bem longe

“And at night she kept herself well clear of him...” (p. 161)

“E à noite, mantinha-se bem longe dele...” (p. 198)

Esta expressão relaciona-se com a expressão idiomática “to steer clear” que, segundo o *Longman Dictionary of English Idioms*, significa “to keep away (from something or someone)” ou “avoid”.

“To keep clear of something” tem também como significado o evitar ou manter-se longe de alguém ou alguma coisa. Isto porque a palavra “clear” pressupõe um espaço aberto ou uma distância sem obstáculos ou contacto com algo. No Texto de Chegada, em “mantinha-se bem longe” a idiomaticidade não é vertida por razões que afectariam o sentido da frase no Texto de Partida e por, no Texto de Partida, existir outra expressão idiomática semelhante (“to keep at arm’s length”). Esta expressão idiomática, já referida no exemplo 9, foi traduzida de forma a reter a sua idiomaticidade, deixando a similar expressão “kept herself well clear” sem uma alternativa tradutória idiomática que mantivesse também o seu valor semântico. Optou-se, assim, uma tradução que compreende o valor semântico da expressão utilizada na língua inglesa, havendo uma correspondência lexical entre as expressões limitada ao elemento “keep” (traduzido pelo verbo “manter”).

Ex. 27 - Took a liking – Engraçasse

““Wouldn’t it be terrible,” he said, “if that woman took a liking to me?”” (p. 142)

“– Não seria terrível – disse ele –, se aquela mulher engraçasse comigo?” (p. 178)

O *McGraw-Hill Dictionary of American Idioms and Phrasal Verbs* atesta as expressões idiomáticas “to take a fancy to someone or something”, “to take a liking to someone or something” e “to take a shine to someone or something”, todas elas sinónimas. Neste dicionário todas estas expressões significam “to develop a fondness or a preference for someone or something”. O *Cambridge Dictionary of American Idioms* regista “to take a fancy to someone or something” (que, como já foi referido, é uma expressão sinónima) com a acepção “to start liking someone or wanting something very much”. Todas estas acepções significam, portanto, “criar/estabelecer uma preferência ou estima por algo ou alguém”.

“To take a liking”, contudo, é de todas estas expressões a que menos idiomaticidade retém, devido à sua frequência de uso. No Texto de Chegada, optou-se por traduzir este idiomatismo, em aceitabilidade, por “engraçasse”, um verbo que embora não se possa classificar como expressão idiomática (pois é apenas uma palavra) mantém o valor semântico do Texto de Partida e imprime um certo tom informal, pela sua singularidade e uso mais restrito. O seu carácter mais informal permite, deste modo, uma aproximação ao registo correspondente à expressão idiomática presente no Texto de Partida. Faz-se esta aproximação porque as expressões idiomáticas têm uma evidente relação com a oralidade e com uma forma mais coloquial de falar.

Na introdução dos *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*, de António Nogueira Santos lê-se o seguinte:

As expressões idiomáticas não são menos reveladoras da capacidade imaginativa com que o povo e os escritores sabem explorar essas virtualidades da língua. (...) ouvem-se nelas ecos da sabedoria popular que as aproximam dos provérbios.
(Santos, 1990: ix)

Apesar de esta relação ainda não ter sido, aparentemente, objecto de um estudo aprofundado, depreende-se desta citação que existe de facto uma ligação entre expressões idiomáticas e o discurso oral e popular, justificando assim a opção de se traduzir num registo mais informal.

Observa-se ainda que, visto a expressão idiomática do Texto de Partida ser específica da Língua de Partida (e após ter-se procurado uma expressão idiomática que lhe correspondesse em forma e/ou conteúdo), a estratégia de tradução utilizada foi a paráfrase. Consequentemente, não existe, também neste caso, qualquer correspondência lexical entre o Texto de Partida e o Texto de Chegada.

Após a análise detalhada de todos os exemplos de expressões idiomática, podemos, assim, agrupar as características assinaladas na seguinte tabela (fig.5):

	Expressão idiomática	Tipo de expressão idiomática	Tipo de equivalência	Estratégia tradutória
Ex. 1	In good faith – Em boa fé	Cognata	Total ou quase total (forma e conteúdo)	Transferência directa (E.I. para E.I.)
Ex. 2	Felt light in the head – Sentiu a cabeça a andar à roda	Semi-cognata	Parcial em termos de forma; total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência directa ou indirecta (E.I. para E.I.)
Ex. 3	Put the heart crossways – Com o coração aos pulos	Semi-cognata	Parcial em termos de forma; total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência directa ou indirecta (E.I. para E.I.)
Ex. 4	Having your wits about you – Estar de perfeito juízo	Semi-cognata	Parcial em termos de forma; total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência directa ou indirecta (E.I. para E.I.)
Ex. 5	Had him ruined – Estragar com mimo	Semi-cognata	Parcial em termos de forma; total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência directa ou indirecta (E.I. para E.I.)
Ex. 6	Grew tall as a stake – Crescia a olhos vistos	Semi-cognata	Parcial em termos de forma; total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência directa ou indirecta (E.I. para E.I.)

Ex. 7	Put pen to paper – Deitavam mão à caneta	Semi- cognata	Parcial em termos de forma; total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência directa ou indirecta (E.I. para E.I.)
Ex. 8	Had the run of the house – Era dona da casa	Semi- cognata	Parcial em termos de forma; total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência directa ou indirecta (E.I. para E.I.)
Ex. 9	Keep at arm’s length – Manter-se à distância	Semi- cognata	Parcial em termos de forma; total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência directa ou indirecta (E.I. para E.I.)
Ex. 10	To top it all – Ainda por cima	Semi- cognata	Parcial em termos de forma; total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência directa ou indirecta (E.I. para E.I.)
Ex. 11	Having a think – A dar voltas à cabeça	Não Cognata	Sem equivalência formal; equivalência total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência indirecta (E.I. para a E.I. escolhida)
Ex. 12	Came to his senses – Pôs as ideias no sítio	Não cognata	Sem equivalência formal; equivalência total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência indirecta (E.I. para a E.I. escolhida)
Ex. 13	We may buy it in – Bem podemos dizer- lhe adeus	Não cognata	Sem equivalência formal; equivalência total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência indirecta (E.I. para a E.I. escolhida)
Ex. 14	Takes a terrible toll – É madrasta	Não cognata	Sem equivalência formal; equivalência total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência indirecta (E.I. para a E.I. escolhida)
Ex. 15	Neither here nor there – Não vem ao caso	Não cognata	Sem equivalência formal; equivalência total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência indirecta (E.I. para a E.I. escolhida)

Ex. 16	At the drop of a hat – Sem pensar duas vezes	Não cognata	Sem equivalência formal; equivalência total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência indirecta (E.I. para a E.I. escolhida)
Ex. 17	Run off his feet – Não teve mãos a medir	Não cognata	Sem equivalência formal; equivalência total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência indirecta (E.I. para a E.I. escolhida)
Ex. 18	Out of the blue – Caiu do nada/ vinda de não-sei-onde	Não cognata	Sem equivalência formal; equivalência total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência indirecta (E.I. para a E.I. escolhida)
Ex. 19	Was hot in himself then cold – Sentiu o chão a fugir-lhe debaixo dos pés	Não cognata	Sem equivalência formal; equivalência total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência indirecta (E.I. para a E.I. escolhida)
Ex. 20	Wudout a stitch – Com' vieram ao mundo	Não cognata	Sem equivalência formal; equivalência total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência indirecta (E.I. para a E.I. escolhida)
Ex. 21	She gave him his own way at every turn – Fazia-lhe sempre todas as vontades	Não cognata	Sem equivalência formal; equivalência total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência indirecta (E.I. para a E.I. escolhida)
Ex. 22	Wink of sleep – Não pregava olho	Não cognata	Sem equivalência formal; equivalência total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência indirecta (E.I. para a E.I. escolhida)

Ex. 23	Lovelier than the raven – Mais bonita do que nunca	Não cognata	Sem equivalência formal; equivalência total ou quase total em termos de conteúdo	Transferência indirecta (E.I. para a E.I. escolhida)
Ex. 24	Bold spear of a woman – Mulher arrojada como uma lança	Específica da língua	Sem equivalência	Paráfrase (após uma busca por uma E.I.)
Ex. 25	Your tongue is quick – Língua de uma mulher brava	Específica da língua	Sem equivalência	Paráfrase (após uma busca por uma E.I.)
Ex. 26	Kept herself well clear – Mantinha-se bem longe	Específica da língua	Sem equivalência	Paráfrase (após uma busca por uma E.I.)
Ex. 27	Took a liking – Engraçasse	Específica da língua	Sem equivalência	Paráfrase (após uma busca por uma E.I.)

Figura 5 – Tabela de análise dos exemplos de expressões idiomáticas no Texto de Partida e respectiva tradução

Esta análise permite-nos constatar que o objectivo de que, sempre que possível, todas as expressões idiomáticas do Texto de Partida fossem traduzidas por expressões idiomáticas no Texto de Chegada, e de que estas, simultaneamente, retivessem o mesmo valor semântico, acaba por limitar a liberdade tradutória. Desta forma, estar-se-á a afastar o grau de tradução de uma posição central – a marca divisória entre o domínio da adequação e o domínio da aceitabilidade (ver fig.3, pág. 39) – aproximando-o, visivelmente, no campo da aceitabilidade.

De modo a que o valor semântico, acima de tudo, fosse preservado, é importante referir novamente que, no total de vinte e sete exemplos de expressões idiomáticas presentes no Texto de Partida, apenas quatro são paráfrases e que vinte e seis dos exemplos foram traduzidos em aceitabilidade. No entanto, um deles (“in good faith”),

por ter uma expressão cognata que lhe confere uma correspondência lexical perfeita, talvez se possa considerar também como uma tradução em adequação. À exceção deste caso raro, a única expressão idiomática traduzida em adequação (“a bold spear of a woman”) pode ser considerada como um neologismo, não existindo uma expressão idiomática na língua portuguesa que possua completamente o seu sentido. Esta tradução faz-se em adequação precisamente devido às qualidades especiais da expressão, pois seria lamentável que se perdesse o significado subjacente desta expressão idiomática e a mestria com que foi criada.

Observando esta proporção desigual entre aceitabilidade e adequação, comprova-se que, no campo das expressões idiomáticas, um equilíbrio na sua tradução só seria possível à custa do valor semântico das expressões. Não se pode determinar o sentido de uma expressão idiomática através de uma tradução individual dos seus componentes, *ergo* será lógico deduzir que para que uma expressão idiomática mantenha o seu valor semântico e idiomaticidade no Texto de Chegada, a tradução terá de ser, geralmente, feita em aceitabilidade. Seguindo esta norma, pode afirmar-se que, de facto, na grande maioria dos casos, para além do valor semântico, também se conseguiu conservar a idiomaticidade das expressões.

Em nota final, deverá referir-se que os exemplos em que uma expressão idiomática não é traduzida por outra se relacionam com o facto de não haver uma expressão idiomática que mantenha o mesmo valor semântico no português europeu ou com eventuais problemas de alteração semântica. Por esta razão e pelo facto de o significado metafórico das expressões idiomáticas inviabilizar, em muitos dos casos, uma tradução em adequação, constata-se que, neste ponto, o equilíbrio tradutório pretendido para esta tradução não foi alcançado.

4.2 A tradução da superstição

As superstições são, como vários outros itens culturais, parte indissociável de uma cultura. Por mais avançada, moderna ou progressista que uma cultura seja, as suas origens mitológicas e supersticiosas ainda representam um papel importante e característico nas vidas quotidianas de grande parte da população mundial. Desde a crença popular de que o comum gato preto ou espelho partido são sinónimos de azar até ao acto de traçar uma cruz sobre o peito como tentativa quase inconsciente de esconjurar o maligno, há inúmeros gestos e atitudes que estão profundamente enraizados em várias culturas e que assim as vão modelando.

Neste ponto irá proceder-se à enunciação de algumas marcas culturais que se relacionam com as particularidades supersticiosas e mitológicas do Texto de Partida e a forma como estas foram transpostas para o Texto de Chegada.

4.2.1 Superstição

“A Noite das Sorveiras-bravas” é um texto repleto de referências a superstições, mitos e tradições, apesar de muitos destes elementos não serem de fácil interpretação ou nem sempre estarem identificados como tal. O facto é que a autora, Claire Keegan, nos oferece a visão de um país que, para o melhor e para o pior, se mantém apegado às superstições e tradições de outrora, pintando uma imagem de uma Irlanda que é, mesmo nos tempos de hoje, ancestral, e tecendo uma história repleta de simbolismo supersticioso.

A inserção destes elementos em diversas partes do texto ajuda a dar profundidade e interesse à narrativa, ao mesmo tempo que fornece uma grande variedade de características emblemáticas do folclore irlandês e da superstição em geral. Assim sendo, será útil definir, desde já, dois conceitos que se provarão essenciais para este ponto: superstição e mito.

Segundo a *Enciclopédia Católica Popular*, a superstição “genericamente, é a deturpação de teor mágico ou idolátrico do comportamento religioso”. (Falcão, 2004: 487)

Em relação ao mito, encontramos-lo descrito na *Enciclopédia Fundamental Verbo* como uma “expressão simbólica (...) de sentimentos e pressentimentos indefinidos, visões fantásticas (...) brotando dos acontecimentos ligados com a divindade, os fenómenos da natureza, as forças ocultas, o inconsciente, a imaginação, a emoção, etc.”. (Oliveira, 1982: 1037)

Uma vez que ambos os conceitos serão amplamente utilizados, estas duas definições serão, então, cruciais para entender o que, neste trabalho se entende por “mito” e por “superstição”.

Como parte intrínseca de inúmeras culturas, os mitos e as superstições têm, geralmente, algo de universal na sua origem. Note-se que, no caso das superstições, embora muitas não se conseguirem ligar directamente à vasta cultura irlandesa (por terem origens demasiado obscuras ou por se prenderem com regiões específicas), podem encontrar-se claras semelhanças em países e culturas diferentes. Existem traços comuns entre estas crenças que demonstram nítidos padrões de afinidade, exibindo uma certa relação, por mais ténue ou longínqua que seja. No entanto, e para efeitos de tradução, nos casos em que a superstição ou mitologia irlandesa, como é aqui o caso, não se coadunava com a existente em Portugal, a superstição ou mito em causa não foram alterados por uma tradução domesticadora, pois não se pretendeu retirar a “estranheza” do texto. Traduziu-se desta forma porque as superstições têm um elemento universal que nos permite entender a ideia geral da crença (e nos casos em que tal não aconteça, será inserida uma nota de tradutor no final). Apesar de várias referências supersticiosas serem, na cultura portuguesa, desconhecidas ou pouco difundidas, constata-se que muitos dos elementos relacionados com a superstição presentes no Texto de Partida são não só perceptíveis como superstição com têm elementos comuns a superstições familiares à Cultura de Chegada (o corvo, a lua, o gato, etc.). Deste modo, as superstições, mesmo que nem sempre compreendidas na totalidade, são reconhecidas como tal, pelo contexto e pelos seus elementos comuns característicos. Para além disso, estas superstições em particular também servem o propósito de caracterizar a personagem central (Margaret), como uma

mulher profundamente supersticiosa, e muitas outras personagens intervenientes, sabendo-se se partilham ou não as mesmas crenças.

Ao ler o *short story*, verificamos que a Irlanda, apesar de ser um país indubitavelmente modernizado, ainda retém muito do seu folclore e das superstições que, de algum modo, pautavam a vida das pessoas em tempos antigos e determinavam muitos dos seus comportamentos e costumes. Nos dias de hoje, estas são ainda uma parte integrante e indissociável da cultura irlandesa rural (e não só).

O folclore irlandês é prolífero, especialmente nas zonas mais rurais, possuindo uma grande variedade de lendas, crenças e misticismos. Fadas, duendes, animais e objectos dotados de propriedades mágicas são apenas alguns dos elementos que povoam os mitos e superstições irlandesas, sendo que várias destas referências se podem encontrar neste *short story*.

A diversidade de pormenores relevantes do *short story* que partem, justamente, do terreno fértil que é o campo da superstição e da mitologia gaélica, e o facto de que a remoção ou alteração de tais elementos seria empobrecer o texto e alterar as pequenas subtilezas que o caracterizam, justifica a opção de traduzir de forma a manter estas marcas culturais do Texto de Partida. Contudo, sublinha-se que, de forma a explicitar algumas das superstições presentes no texto (juntamente com outros pormenores que se consideraram relevantes), foram inseridas, no final do texto, algumas notas de tradução que, possivelmente, ajudarão o leitor a contextualizar a informação presente no Texto de Chegada. Tal foi feito porque o perfil traçado para o destinatário do Texto de Partida é diferente do perfil do destinatário do Texto de Chegada. Com base nestas pressuposições, o destinatário do Texto de Chegada (mesmo que se pressuponha ser um público culto) poderá precisar ou beneficiar de alguma informação adicional, informação essa que poderia não se revelar pertinente para o destinatário do Texto de Partida. Estas notas de tradução são inseridas após as notas da autora, já presentes no Texto de Partida, sendo por isso feita uma distinção entre os dois tipos de nota. Optou-se por relegar estas notas de tradução para o final do texto de modo a agrupá-las com notas semelhantes e de maneira a diminuir, de algum modo, uma grande visibilidade por parte do tradutor.

Seleccionando e analisando alguns dos elementos mais pertinentes, podem observar-se em seguida alguns exemplos relacionados com este tema e a forma como foram traduzidos.

Ex. 1 - Quicken tree – Sorveira-brava

“*She stopped in the clearing where the quickens grew.*” (p. 144)

“*Ela parou na clareira onde cresciam as sorveiras-bravas.*” (p. 155)

“Quicken Tree”, “mountain ash” e “rowan tree” são três dos muitos nomes dados à mesma árvore. Entre outros nomes conhecidos incluem-se: “quick-bane”, “whitchen”, “wicken-tree”, “roden-quicken-royan” e “witch-wood”. (Leland, 1891: 198)

A sorveira-brava, como é conhecida em português, tem na cultura irlandesa, e em muitas outras, propriedades místicas que envolvem a vivificação ou restauro de energias, conferindo sentido ao seu baptismo com o nome de “quicken” que neste contexto significa, precisamente, vitalização. Acreditava-se também que as sorveiras-bravas tinham um efeito protector, e as suas bagas e madeira eram muitas vezes utilizadas para confeccionar amuletos e variados objectos que afastariam os maus espíritos e encantamentos de infortúnio (Pulford, 2001: 88). Isto poderá também confirmar-se na antiga narrativa da mitologia irlandesa “A perseguição de Diarmuid e Gráinne”, em que alguns dos atributos especiais da árvore são referidos:

...guardava uma sorveira-brava dos Tuatha Dé Danann. Esta árvore havia nascido de uma semente trazida de Tír Tairngire – A Terra da Eterna juventude (...) Por isso, as suas bagas possuíam o sabor do mel e tornavam jovens todos os que as provassem. (Varandas, 2006: 222)

Uma vez que este nome figura no título do *short story*, e é uma parte central do mesmo, optou-se por traduzir “quicken tree” para “sorveira-brava”, a árvore que corresponde à sua designação latina (*Sorbus aucuparia*). Existem também algumas variantes no Texto de Partida como “rowan tree”, “mountain ash” e “ash”. “Ash” é o nome inglês para “freixo”, uma árvore diferente da sorveira-brava, porém, neste contexto, o termo deve ser entendido como uma abreviação de “mountain ash”.

Nestes casos, traduziu-se para as variantes portuguesas, segundo os termos atestados pela “Flora Digital de Portugal”, do Jardim Botânico da Universidade de Trás-os-

Montes e Alto Douro. Manteve-se, assim, um número igual de designações, cada uma delas correspondendo a um Termo do Texto de Partida:

Ash/ mountain ash – Tramazeira

Quicken Tree – Sorveira-brava

Rowan Tree – Escancerejo

Desta forma, mantém-se a referência à mesma árvore e a variedade presente no Texto de Partida é assegurada, obtendo-se um efeito menos repetitivo.

Ex. 2 - Black mongrel pups – Ninhada de rafeiros pretos

“...the door was wide open and a litter of black mongrel pups was running across the floor.” (p. 150)

“...a porta estava escancarada e uma ninhada de rafeiros pretos corria pelo soalho.” (p. 187)

Existe, nesta frase, uma possível e subtil referência supersticiosa. O cão negro é visto, em muitas culturas, como um psicopompo, um guia para os mortos. Por esta razão, e pela sua relação com o mundo dos mortos e com os espíritos, a sua imagem é – um pouco como a dos gatos pretos – associada ao infortúnio, podendo haver inúmeras fontes para esta superstição em particular.

Em Koch (2006), na obra intitulada *Celtic Culture: a Historical Encyclopedia*, podemos verificar que, na história galesa “The tale of Pwyll” se faz referência a Arawn, o Rei do Outro Mundo (também denominado por Annwn ou Annwfn). Refere-se também que Arawn possui vários cães a que deu o nome de Cães de Annwn (Cûn Annwn), uma matilha de poderes sobrenaturais que, por associação, estaria ligada à morte e ao Outro Mundo.

Na história intitulada “Nansi Llwyd e o Cão das Trevas”, há também alusão a um cão de poderes sobrenaturais (um *Gwyllgi*), cuja tenebrosa aparição é acompanhada por um círculo de fogo e pelo infortúnio. Na mesma história, Nansi Llwyd tentou pontapear o cão e a sua perna “ficou negra como o carvão e assim permaneceu até ao fim dos seus dias”. (Varandas, 2007: 286-288)

É também um facto cientificamente provado que os cães (juntamente com outros animais de companhia e de quinta) são transportadores de doenças denominadas zoonoses. Estas doenças infecciosas, transmissíveis de animais para humanos e vice-versa, incluem a tinha, ou cobrelo, (“ringworm”) e podem ter como sintoma a inflamação das amígdalas (“tonsillitis”). Será curioso notar que ambas as características são referidas no *short story* como sendo padecimentos do povoado, sugerindo que esta também poderá ser a base da superstição de que ter cães dentro de casa traria má sorte.

Numa nota mais positiva, diz-se na Escócia que um cão negro a entrar numa casa significa uma nova amizade. Este aspecto pode estar relacionado com o facto de, no texto, ser esta a altura em que Margaret volta da casa de Stark e os dois se ficam a conhecer. Stark irá depois ser pai do filho de Margaret.

Em termos de tradução, “black mongrel pups” foi traduzido em adequação por “ ninhada de rafeiros pretos”, uma vez que a referência supersticiosa ou cultural não está na própria designação mas sim nas subtis imagens que lhe poderão estar associadas (morte, infortúnio, etc.). Uma vez que a ausência de cor (o preto) e o cão negro (embora não tão pronunciadamente) também podem ser associados a estas imagens na Cultura de Chegada, optou-se por manter a subtil referência supersticiosa, sem recorrer a algo mais facilmente ligado ao azar na Cultura de Chegada, como “gatos pretos”. Isto evita também alterar um pormenor do Texto de Partida que, porventura (embora dificilmente), poderá não ter qualquer tipo de conotação supersticiosa.

Ex. 3 - Banshee – Banshee

“She’d heard the banshee the evening before he died but mistook her for a stray cat.”
(p. 152)

“Tinha ouvido a banshee na noite anterior à sua morte mas confundiu-a com um gato vadio.” (p. 189)

A palavra “banshee” deriva do irlandês arcaico “bean” (mulher) e “sídhe” ou “sidh” (fada). Segundo a tradição gaélica, este espectro (tido, geralmente, como maléfico) anunciava, com gritos ou gemidos, a morte de um membro de uma das principais famílias irlandesas, os Kavanagh, os O’Brien, os O’Connor, os O’Grady e os O’Neill. A banshee seguia estas famílias, que entretanto se tornaram muito mais extensas devido ao casamento entre elas, mesmo quando saíam da Irlanda.

A banshee está associada a três imagens: a de uma jovem mulher, a de uma matrona e a de uma velha decrépita. Estas relacionam-se directamente com as três divindades da guerra e morte na mitologia irlandesa: Badb (ou Bodb), Macha e Morrígan (também aparecendo como Morrigan e Morrighu). Também existem referências à banshee como uma lavadeira, neste caso chamada de “bean-nighe”, e na forma de um animal, como uma lebre, uma doninha ou um corvo. (Varandas, 2006: 270-271)

Também se acreditava que o número de gritos que a banshee produzia anunciava os dias que alguém ainda teria para viver. No texto, Margaret ouve a banshee na véspera da morte do filho. Presumindo que se trata de um único grito (sustentando pelo facto de Margaret a ter confundido com um gato vadio), poderá dizer-se que a superstição presente no texto se liga perfeitamente com a superstição existente e que é com o intuito de anunciar uma morte no dia seguinte que a autora aqui insere a lenda da banshee.

À excepção dos outros exemplos apresentados, anteviu-se que o contexto, neste caso, poderia não ser suficiente para entender totalmente o significado de “banshee”. Assim sendo consideraram-se diferentes alternativas tradutórias que poderiam clarificar o termo ou tornar o seu significado mais explícito. Uma delas seria uma tradução em aceitabilidade para “espectro”, fazendo uma generalização do termo “banshee”. Esta opção foi excluída, pois retiraria toda a componente cultural específica imbuída no termo.

Uma outra alternativa seria optar por uma dupla apresentação (“espectro banshee”). Esta tradução, embora tornasse o significado de banshee mais explícito e vá, de certa forma, ao encontro do objectivo deste trabalho de encontrar “o caminho do meio”, poderia retirar ao texto um pouco da sua fluidez e tornaria o termo redundante (uma vez que a “banshee” é, por definição, um espectro).

De forma a evitar esta redundância, para que a possível falta de contextualização não tornasse opaco o significado do termo e de modo a manter uma certa “estranheza” no texto que ofereça marcas da Cultura de Partida, a opção escolhida foi traduzir em adequação, mantendo a referência cultural e supersticiosa e inserindo posteriormente uma nota de tradutor no final do texto que tornasse claro (para quem o necessitasse) o significado de “banshee”.

Ex. 4 - Caul – Coifa

““*If you let me buy that caul, I’ll be safe at sea.*”” (p. 152)

“– *Se me deixar comprar essa coifa, vou estar seguro no mar.*” (p. 190)

A coifa, ou bolsa amniótica, é uma fina membrana que envolve o corpo e cabeça do feto durante o seu desenvolvimento e na qual o bebé, ao nascer, pode por vezes estar envolto.

As superstições relacionadas com a coifa são muitas e abrangem as mais diversas partes do mundo, mas para melhor entender a superstição a que o *short story* faz referência, o foco da análise incidirá sobre a crença de que possuir a coifa de um recém-nascido daria protecção ao seu portador e impedi-lo-ia de morrer afogado, o que a torna particularmente útil a marinheiros e pescadores.

A superstição teve, provavelmente, origem na Europa medieval, onde se acreditava que uma criança que nascesse na coifa era dotada da capacidade de se defender contra o mal e que estaria, assim, destinada a grandes feitos. Havia a tradição de entregar a coifa à mãe, que a guardaria como um objecto precioso, ligado ao processo de dar à luz. Ao longo do tempo, e devido às supostas propriedades mágicas da coifa, algumas mães passaram a vender a coifa do seu filho a pescadores e marinheiros, como um amuleto ou

talismã de boa sorte. Estes homens do mar chegavam a pagar grandes somas de dinheiro pela protecção que a coifa, supostamente, providenciaria.

Outro exemplo desta superstição na literatura poderá encontrar-se em *David Copperfield*, de Charles Dickens:

I was born with a caul, which was advertised for sale, in the newspapers, at the low price of fifteen guineas. Whether sea-going people were short of money about that time, or were short of faith and preferred cork jackets, I don't know (...) The caul was won, I recollect, by an old lady with a hand-basket.... It is a fact which will be long remembered as remarkable down there, that she was never drowned, but died triumphantly in bed, at ninety-two. (Dickens, 2003: 15)

No *short story*, podemos ver que a superstição refere o poder que a coifa tem de manter alguém em segurança no mar. Isto depreende-se da situação em que uma vidente diz a Margaret que o último homem a quem ela recusou vender a coifa do seu filho morreu no mar. Faz-se novamente referência a este aspecto supersticioso quando Margaret, ao encontrar-se com um novo pescador, lhe oferece a coifa do seu novo filho como acto redentor, sem aceitar nenhum dinheiro.

No que diz respeito à tradução, “caul” foi traduzido por “coifa”, tendo em conta que “caul” e “coifa” são palavras relativamente pouco comuns nas duas línguas e que ambas se referem ao mesmo item: a bolsa amniótica. Considerando também que ambos os termos têm uma baixa frequência de uso, as propriedades mágicas da coifa serão, em maior medida, compreendidas pelo contexto (“I'll be safe at sea...”), e não pela designação apresentada.

Ex. 5 - Crow – Corvo

“...she woke and saw a crow sitting on top of the wardrobe. She drove to the chapel and lit a candle for the soul of her child.” (p. 153)

“Certa manhã acordou e viu um corvo pousado em cima do guarda-fatos.” (p. 190)

Há muito tempo que o corvo é associado à morte e aos maus augúrios. Isto deve-se provavelmente à sua plumagem escura e aos seus hábitos necrófagos. Não é de admirar, portanto, que estes pássaros negros, que muitas vezes sobrevoavam e se alimentavam dos mortos num campo de batalha, fossem relacionados com a transição entre a vida e a morte.

O corvo foi, assim, ligado ao mito do transporte das almas, cabendo-lhe a missão de assegurar que a alma do falecido chegava ao seu destino, no outro mundo. O contrário, ou seja, a migração da alma desde o além para o mundo dos vivos também seria possível se fortes razões o justificassem e, mais uma vez, seria do corvo a função de transportá-la.

Esta ave também se relaciona com a banshee na medida em que o corvo era uma das formas que a banshee poderia tomar. De novo, se estabelece uma ligação com a morte e, neste caso, com a morte de um ente querido.

Como caso exemplificativo, poderá ver-se a referência ao mau presságio trazido pelo corvo na peça “Henry VI”, de William Shakespeare:

The owl shriek'd at thy birth, an evil sign!
The night-crow cry'd aboding luckless time,
Dogs howl'd, and hideous tempests shook down trees.

(Shakespeare, 1964: 137-138)

Ao ver um corvo, Margaret lembra-se do seu filho que morreu e dirige-se à igreja para acender uma vela pela sua alma. As razões pelas quais o faz podem variar mas tal acção prende-se certamente com o destino e bem-estar da alma do filho. Quer fosse para que o filho tivesse sido entregue ao seu destino ou para que o corvo não o trouxesse de volta,

Margaret, como mãe dedicada e supersticiosa que é, acende a vela como um acto protector, intercedendo pelo descanso do filho e pela sua paz de espírito. Prova ou indício da veracidade desta afirmação, será Margaret acender uma vela aos pés de Santo António, santo que na Irlanda é associado aos objectos e pessoas perdidas, neste caso, o seu filho.

Uma vez que na Cultura de Chegada o corvo também pode ser associado às imagens da morte e do mau presságio, optou-se por traduzir “crow” pelo termo “corvo”, retendo, assim, toda a carga supersticiosa que este animal veicula.

Ex. 6 - Peacock feathers – Penas de pavão

“One morning she got up and found peacock feathers stuffed through the letter-box.”
(p. 162)

“Uma manhã, levantou-se e encontrou penas de pavão metidas na caixa de correio.”
(p. 200)

Em diversos locais, as penas de pavão são consideradas um mau agoiro e, pelo contexto, percebemos que na cultura irlandesa tal superstição também existe. Esta crença poderá remontar à antiga Grécia, onde Argos Panoptes, o gigante de múltiplos olhos enviado para guardar Io, foi morto por Hermes, tendo os seus inúmeros olhos sido arrancados por Hera e colocados na cauda de um pavão (Morales, 2004:141). Também se diz que, pelo facto de a pena de pavão acabar num padrão semelhante a um olho, esta muitas vezes se associa ao mau-olhado. Esta superstição poderá – por generalização – estar na origem da crença de que as penas, em geral, trariam azar a quem as guardasse.

A opção de traduzir “peacock feathers” por “penas de pavão” justifica-se por na Cultura de Chegada também existir esta superstição (embora possivelmente não tão conhecida como na Cultura de Partida) e por haver a associação entre as penas e o azar. De qualquer modo, o contexto mais uma vez se encarrega de dar uma carga negativa às penas de pavão, pelo que não será difícil encará-las como um símbolo de algo que se pressupõe ser mau.

Ex. 7 - Seventh child – A sétima criança

“She says you’re a seventh child, that you have the cure.” (p. 156)

“Disse-me que você era uma sétima criança, que tem a cura.” (p. 194)

Segundo a superstição apresentada, um sétimo filho, ou seja, a sétima criança de um casal, seria dotado de poderes mágicos. Na Irlanda, como é demonstrado por este *short story*, estes poderes consistiriam em propriedades curativas.

Desconhece-se a origem desta superstição, mas as suas raízes remontam, provavelmente, ao misticismo que envolve o número sete. Na Bíblia, o número sete corresponde ao dia em que Deus descansou após a Criação e em muitos países é associado à divindade, à sorte e à perfeição. Na obra *Sacred mysteries among the Mayas and the Quiches, 11,500 years ago*, refere-se ainda que “seven seems to have been the sacred number *par excellence* among all civilized nations of antiquity. (...) Pythagoras, who had borrowed his ideas on numbers from the Egyptians, calls it “the Vehicle of Life”...”. (Le Ploengeon, 1909: 143)

Considerando esta antiga e referida associação do número sete com o sagrado, não será estranho que haja uma afinidade entre este número e a superstição de que uma sétima criança possa ser, de algum modo, prodigiosa.

Esta superstição é característica da Cultura de Partida, não sendo particularmente conhecida na Cultura de Chegada. A simbologia do número sete, no entanto, é comum a ambas as Culturas. Por este motivo, e pelo facto de o contexto permitir discernir toda as propriedades mágicas atribuídas à pessoa à qual a superstição se refere, optou-se por traduzir “seventh child” por “sétima criança”.

Ex. 8 – Seachain – Seachain

“...when you were throwing the water out you should say “Seachain!” for fear that any poor soul or spirit might be in the way.” (p. 137)

“...quando a deitássemos fora deveríamos dizer “Seachain!” com receio de que alguma pobre alma ou espírito pudesse estar no caminho.” (p. 173)

No primeiro parágrafo do *short story*, o leitor é confrontado com uma palavra que será, para muitos, desconhecida. A palavra em questão é o verbo gaélico “seachain”, que significa “evitar” ou “evadir”. Neste caso, o dito popular gaélico “seachain, seachain, an t-uisce salach!” seria traduzido, em contexto, por “desviem-se, desviem-se, água suja!”.

A superstição apresentada é característica da Cultura de Partida e utiliza a palavra em gaélico para prevenir uma pobre alma ou espírito da água para lavar os pés (“feet water”) que iria ser despejada. Encontra-se, no mesmo *short story*, referência ao facto de que manter a água para lavar os pés dentro de casa dá azar (“they say something bad will happen if you don’t throw out the feetwater...”), razão pela qual ela é atirada fora. Assim, de modo a garantir que esta marca cultural permanecesse no Texto de Chegada, optou-se por manter o termo “seachain”, fazendo uma tradução em adequação.

Uma vez que o contexto em que este termo surge poderá não deixar claro o seu significado, podendo este ser determinante para a total compreensão do texto, inseriu-se, no Texto de Chegada, uma nota de tradutor referente ao significado deste verbo.

Apresentados os exemplos, pode verificar-se que existe, de facto, uma génese irlandesa para várias superstições do texto. É o caso da banshee, de “seachain” ou a referência às propriedades mágicas da sorveira-brava, que se relaciona directamente com a herança celta da Irlanda. Isto prova que a autora, ao adicionar estas superstições, não o faz casualmente; fá-lo de forma a inserir elementos que, agregados, desenham os traços culturais das personagens e de uma zona rural que, consciente ou inconscientemente, não perdeu o contacto com a sua proveniência. Este contacto manifesta-se ao longo de todo o *short story*, em inúmeros elementos relativos à superstição.

Por esse motivo, como já foi mencionado e exemplificado, os elementos do Texto de Partida relativos à superstição – por serem, na sua grande maioria, compreendidos pelo

seu contexto – foram mantidos e traduzidos em adequação, permitindo que as marcas culturais da Cultura de Partida sejam visíveis no Texto de Chegada.

4.2.2 Superstição e elementos religiosos

Este ponto, um pouco à semelhança do anterior, aborda elementos associados, directa ou indirectamente à superstição. A diferença é a de que, neste ponto, se apresentam e analisam exemplos em que a superstição exhibe uma conexão com certos aspectos religiosos.

A inclusão deste ponto justifica-se pela nítida relação que a superstição apresenta com o tema religioso neste *short story*, o que permite a esta análise desenvolver a temática da superstição de uma perspectiva diferente e aprofundar o tema da religião como uma das importantes características da obra.

What is most telling about Paganism in relationship to Christian privilege, more specifically, about the emergence of Pagan practices and symbols in secular spaces, is the history of imposition of Christian practices and symbols virtually on top of Pagan ones. Such imposition served an important historical purpose in Christian proselytization... (Salili e Hoosain, 2006: 206)

Como se depreende pela citação anterior, constata-se que existiu um certo grau de união entre a religião, neste caso a cristã, e os cultos pagãos. Esta ligação provavelmente terá criado as bases nas quais assenta uma parte considerável das superstições populares.

Como já se referiu anteriormente na definição de superstição apresentada, o conceito de superstição está associado a uma deturpação de teor mágico ou idolátrico da religião. Esta secção irá mostrar como neste *short story* está patente a relação entre os dois conceitos, examinando casos de teor religioso que originam lendas, superstições e costumes, e revelando como nestes exemplos as duas noções são muitas vezes indissociáveis. Esta relação oferece não só casos interessantes de uma amálgama de costumes como importantes amostras de uma cultura cujas marcas ainda remontam a práticas da antiguidade.

Os exemplos enumerados abaixo irão somente atestar que os elementos religiosos descritos no texto deram origem a tradições que apresentam várias semelhanças com as superstições apresentadas no ponto anterior.

Ex. 1 - Saint Bridget's Cross – Cruz de Santa Brígida da Irlanda

“...hung a Saint Bridget's cross on the bedroom wall...” (página 138)

“...pendurou uma cruz de Santa Brígida da Irlanda na parede do quarto...” (p. 174)

Santa Brígida da Irlanda (ver fig. 6), ou Santa Brígida de Kildare, é a santa padroeira da Irlanda, juntamente com São Patrício e São Columba. Sabe-se que nasceu por volta de 450 em Faughart, mas os pormenores acerca do seu início de vida e linhagem são assaz contraditórios e a passagem do tempo não ajudou à disparidade na informação apresentada.



Figura 6 – Santa Brígida da Irlanda

No *Penguin Dictionary of Saints* (1965) podemos ler:

The numerous accounts written during the centuries immediately following her death consist principally of miracles and anecdotes, sometimes very far-fetched and not unmixed with folklore. (...) many of the wonders related of her were to meet the spiritual and physical needs of her neighbours. (...) The cultus of St Brigid spread far beyond her native land; in England and Scotland churches were dedicated in her honour as St Bride, and in Wales as Ffraid Santes. (Attwater, 1965: 75)

Como foi referido no excerto anterior, sabe-se que Santa Brígida foi educada na religião cristã e que se tornou freira, dedicando a vida a ajudar os necessitados e os pobres, facto pelo qual se tornou mais conhecida. São-lhe atribuídos vários milagres, sendo os mais conhecidos associados ao fogo, ao leite e à maternidade, razão pela qual muitas vezes é representada com uma vaca a seu lado (ver fig. 7).



Figura 7 – Emblema de Santa Brígida

Comprovando esta informação, no *Dicionário de Santos*, de Jorge Campo Tavares (1990), pode ler-se o seguinte:

Brígida da Irlanda – Santa nacional dos Irlandeses. Nasceu cerca de 450 e foi baptizada por um discípulo de S. Patrício. Era pastora e leiteira. Fundou o convento de Kildare, onde foi abadessa. Fez numerosos milagres. Os seus animais domésticos seguiram-na para o seu convento. É representada iconograficamente como abadessa (veste negra e véu branco), com um círio na mão, ou como leiteira batendo manteiga ou ainda como vaqueira no campo. O seu atributo é uma vaca deitada aos seus pés. (Tavares, 1990: 34)

Santa Brígida morreu cerca de 524 e foi enterrada junto à sua abadia. Algum tempo depois, como já foi referido, os seus restos mortais foram transportados para Downpatrick, mas o seu crânio, removido do resto do corpo para ser levado até à Terra Santa, acabou por ter como destino final a Igreja de S. João Baptista, no Lumiar, em Lisboa, onde ainda hoje se encontra. Isto aconteceu porque os cavaleiros irlandeses que transportavam a relíquia, fazendo escala em Lisboa e não prestando, supostamente, o

devido respeito às autoridades, foram mortos e sepultados em nichos da igreja, como eternos guardiães da relíquia humana.

Diz uma das lendas irlandesas que Santa Brígida, encontrando-se junto a um homem moribundo, fez uma cruz a partir de juncos (ver fig. 8) de modo a acalmá-lo e convertê-lo na hora da morte. Até hoje, no dia de Santa Brígida (1 de Fevereiro) penduram-se novas cruzes de Santa Brígida, feitas de juncos ou palha, para homenagear a santa e afastar o azar.



Figura 8 – Cruz de Santa Brígida

A tradição varia consoante o local, visto alguma pessoas acreditarem que, ao colocar uma nova cruz, se deve queimar a anterior e outras crerem que as cruzes deverão ser acumuladas ao longo do tempo. Ambas as tradições têm, no entanto, como objectivo geral a protecção do lar e, mais particularmente, a protecção contra um incêndio.

Este é um exemplo de como a referida deturpação de teor mágico da religião, neste caso a cristã, foi a fonte de uma superstição disseminada pela Irlanda. Estabeleceu-se, neste caso, uma ponte que aproveitou aspectos culturais do paganismo, nomeadamente o carácter protector dos amuletos, para fazer um entrosamento entre religião e superstição. Este objecto religioso possuiria, assim, o mesmo tipo de poder mágico (considerando a protecção contra o fogo) que qualquer outro amuleto ou objecto de efeito protector (ex. ferradura, pata de coelho, trevo de quatro folhas).

Será também curioso notar que Santa Brígida não só é a santa padroeira da Irlanda como também estende a sua protecção às mulheres grávidas e aos recém-nascidos. Este será um pormenor crucial tendo em conta a gravidez inesperada de Margaret e o facto de o seu primeiro filho, ainda bebé, ter morrido no berço. Mesmo que Margaret o faça sem pensar no futuro nascimento, a referência a Santa Brígida, protectora da

maternidade, também poderá ser uma forma subtil de dar a entender que, desta vez, o seu filho não correrá perigo.

A tradução de “Saint Bridget’s cross” foi feita para “cruz de Santa Brígida da Irlanda”, efectuando-se uma modulação semântica de especificação. Na Cultura de Partida, Saint Bridget não carece da informação que identifica a sua proveniência, visto ser uma das padroeiras da Irlanda. Na Cultura de Chegada, no entanto, esta informação é necessária pois não só existe uma outra santa católica de nome Brígida (Santa Brígida da Suécia) como a frequência de uso determina que se utilize “Santa Brígida da Irlanda” em vez de somente “Santa Brígida”.

Ex. 2 - Saint Anthony – Santo António

“Margaret lit a candle at the feet of Saint Anthony...” (p. 153)

“Margaret acendeu uma vela aos pés de Santo António...” (p. 190)

Santo António de Lisboa, ou Santo António de Pádua, é um santo da Igreja Católica nascido em Lisboa. Muitos lhe chamam Santo António de Pádua pelo tempo que passou na cidade e por, ao saber que estava perto da morte, lá ter desejado morrer. Apesar disso, acabou por falecer em Arcella, também em Itália. A data da sua morte é ainda hoje assinalada como feriado nacional em Lisboa (e em alguns locais do Brasil), a 13 de Junho.

Este é um caso curioso da interculturalidade entre a Irlanda e Portugal, presente no *short story*. Como foi dito anteriormente, na Irlanda, Santo António é tido como o santo dos objectos e pessoas perdidas, enquanto em Portugal (e no Brasil) é também visto como um santo casamenteiro. Ou seja, apesar de, em Portugal, Santo António também estar ligado às pessoas e objectos perdidos (e, como Franciscano, ao sentido da pobreza), para uma pessoa de nacionalidade portuguesa, que vê Santo António sobretudo como um santo relacionado com o casamento, esta associação aos objectos e pessoas perdidas poderá ser menos habitual.

Em seguida, pode observar-se uma antiga rima, em inglês e de origem desconhecida, em que se invoca o Santo António numa tentativa de ajudar a recuperar algo que foi perdido.

St. Anthony, St. Anthony,
please come around;
for Something is lost
and needs to be found.

(McGrath, 2002: 3)

Em Portugal e no Brasil, existe uma oração de louvor e petição, o Responso a Santo António (ou Antônio, em português do Brasil). Em baixo, apresenta-se uma parte do "Officium rhythmicum s. Antonii" (Ofício rítmico em honra de Santo António"), que teve a sua origem em 1233.

Se milagres desejais,
recorrei a Santo Antônio;
vereis fugir o demônio
e as tentações infernais.

Recupera-se o perdido,
rompe-se a dura prisão
e no auge do furacão
cede o mar embravecido.

Todos os males humanos
se moderam, se retiram,
digam-no aqueles que o viram,
e digam-no os paduanos.

Recupera-se o perdido...
pela sua intercessão
foge a peste, o erro, a morte,
o fraco torna-se forte
e torna-se o enfermo são.

(Repete-se):

Recupera-se o perdido...

Glória ao Pai, e ao Filho e ao Espírito Santo.

(Repete-se):

Recupera-se o perdido...

V: Rogai por nós, bem-aventurado Antônio

R: *Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.*

(Negrão, 2007: 55-56)

Como já foi explicitado, Margaret acende uma vela aos pés de Santo António para que o filho, apesar de ter falecido, não fique perdido, ou para que encontre o seu rumo. Este gesto reveste-se de alguma religiosidade popular e mesmo de superstição, quando apela a poderes mágicos com a intenção de proteger algo ou alguém contra o infortúnio.

A tradução é feita de “Saint Anthony” para “Santo António”, não carecendo, assim, de um comentário alargado a particularidades tradutórias específicas.

Ex. 3 - Bless the work – Abençoar o trabalho

“...or passed a labourer without blessing his work.” (p. 138)

“...nem passava por um trabalhador sem abençoar o seu trabalho.” (p. 174)

A tradição a que o texto alude diz que ao cruzarmo-nos com um trabalhador deveremos dizer “Deus abençoe o seu trabalho” ou “abençoado seja”. Esta acção de carácter religioso faz referência não só ao facto de haver uma crença que especifique uma acção ou comportamento específico quando nos encontramos face a um trabalhador, mas também à própria forma de o interpelar: a bênção. Ainda que não exactamente igual, tal é referido em Pulford (2001), onde se explicita a ligação específica desta tradição com a Irlanda.

A bênção consiste no acto de inculcar a divindade, o sagrado ou a esperança numa pessoa, objecto ou situação. Neste caso, trata-se de invocar a bênção de Deus sobre alguém essencial para a sociedade.

A tradução não oferece problemas de maior, não havendo, assim, necessidade de um comentário prolongado sobre os aspectos tradutórios deste exemplo.

Ex. 4 - Pull rushes in February – Apanhar juncos em Fevereiro

“...never failed to pull rushes in February...” (p. 161)

“...nunca deixou de apanhar juncos em Fevereiro...” (p. 199)

Esta crença liga-se directamente à festa de Santa Brígida da Irlanda, celebrada a 1 de Fevereiro. Tradicionalmente, no dia 31 de Janeiro, deverão recolher-se os juncos (puxados e não cortados com uma faca) com os quais se farão as cruces de Santa Brígida. Estas são usadas para abençoar a casa e, num sentido geral, trazer sorte ao lar.

No dia 1 de Fevereiro, entre o Solstício de Inverno e o Equinócio da Primavera, comemora-se também o “Imbolc” (“purificação”), um dos feriados religiosos celtas da Irlanda. Nesta data festejam-se os primeiros sinais da vinda da Primavera, originalmente

em homenagem à antiga deusa Brigit, cujo culto foi cristianizado e absorvido pelo culto de Santa Brígida (Varandas, 2006: 313). Hoje, devido à existência de Santa Brígida, o festival tem características do paganismo celta e da religião cristã.

O início do mês de Fevereiro é, portanto, uma altura especialmente simbólica no folclore irlandês e reveste-se de uma grande importância. Isso evidencia-se na preocupação de Margaret que, nesta altura, tenta moderar a sua superstição, mas não consegue, por mais que tente, abdicar de alguns hábitos ou superstições.

“Pull rushes in February” foi traduzido para “apanhar juncos em Fevereiro”, inserindo-se uma nota de tradutor no final do Texto de Chegada para uma maior explicitação.

Ex. 5 - Tongs across the pram – Tenaz por cima do carrinho de bebé

“...go out as far as the clothesline without placing the tongs across the pram.” (p. 161)

“...ir até ao estendal sem colocar a tenaz por cima do carrinho de bebé.” (p. 199)

Diz-se, na Irlanda, que colocar a tenaz em cima do carrinho de bebé evita que as fadas roubem a criança e deixem um substituto ou réplica (“changeling”) no seu lugar. Este substituto seria então criado pela mãe humana, enquanto o bebé verdadeiro seria um escravo no mundo mágico das fadas. A protecção oferecida pela tenaz pode relacionar-se com o próprio objecto (Keegan, 2007: 161) ou com o facto de que com tenazes se pode fazer o sinal da cruz por cima do berço, relacionando esta superstição com um ritual de carácter religioso. Encontramos menção a este facto na história “O *changeling* de Llanfabon”, onde uma jovem mãe, que guardava a sua criança para que esta não fosse levada pelas fadas “saiu à rua, esquecendo-se de proteger o berço com o sinal da cruz”. (Varandas, 2007: 255-257)

Em termos de tradução, “tongs across the pram” foi traduzido por “tenaz por cima do carrinho de bebé”. Neste exemplo, poderá fazer-se referência ao facto de “tongs” na Língua de Partida ser plural e “tenaz”, na Língua de Chegada, ser singular. Numa outra nota, “across”, no contexto da Língua de Partida, significa “por cima”, não se fazendo, por conseguinte, uma tradução ao nível da palavra para “através”.

Ex. 6 – Holy wells – Poços sagrados

“Tourist wandered into Doolin looking for Irish music and mussels, directions to holy wells.” (p. 152)

“Turistas viajavam até Doolin em busca de música irlandesa e mexilhões, de indicações para os poços sagrados.” (p. 188-189)

Através da referência a estes poços sagrados podemos observar mas um elemento do *short story* em que existe uma relação entre as antigas crenças celtas e a religião cristã.

Kumpf (2004) em relação aos anteriormente denominados como poços curativos ou poços mágicos (“healing wells”), diz-nos o seguinte:

The Irish, in an attempt to appease the Roman Church and still satisfy their ancient beliefs, assigned a Christian saint to each and began calling them “holy wells”.

St. Brigid’s Well, for example, is one of the most popular and well-known holy wells in Ireland and is located along the main road between Liscannor and the Cliffs of Moher. (Kumpf, 2004:32)

Deste modo, constata-se não só a ligação entre as antigas crenças celtas e a religião cristã, alterando-se a denominação de “poço mágico” ou de “poço curativo” para “poço sagrado”, mas também que um dos poços referidos no *short story* será, provavelmente, o poço sagrado de Santa Brígida da Irlanda, visto este se encontrar bastante perto de um dos locais onde se desenrola a história (os Penhascos de Moher, perto de Doolin).

Pode entrever-se, em todos os exemplos apresentados, um padrão de elementos que denotam que o tema da superstição (com ou sem ligação de carácter religioso) é uma das características centrais deste *short story*.

Ao traduzir estes elementos de forma a reter a sua eventual “estranheza”, espera-se conseguir um texto cujas marcas culturais irlandesas são perceptíveis mas não opacas o suficiente para que se tornem incompreensíveis dentro do contexto em que se apresentam.

4.3 Outras opções e particularidades tradutórias

Sendo este um projecto que tem como base a tradução de um *short story*, não será difícil imaginar que existam também várias particularidades tradutórias interessantes com as quais se teve de lidar durante a tradução.

Nesta secção reúnem-se alguns elementos isolados da tradução que, por diversos motivos, se destacaram. Estes relacionam-se, maioritariamente, com a tradução de marcas culturais do Texto de Partida, havendo, porém alguns casos em que a análise se prende com a polissemia inerente a alguns jogos de palavras, com o registo utilizado na tradução e com diversos aspectos tradutórios que se mostraram relevantes.

De modo a analisar todas as ocorrências seleccionadas, utilizaram-se como referência os já mencionados conceitos de adequação e aceitabilidade, bem como as estratégias referidas por Andrew Chesterman (1997) que dizem respeito a uma maior ou menor explicitação e à frequência de uso dos termos traduzidos. Seguidamente, podemos observar estes exemplos:

Ex. 1 - “Anenomes” – Anémonas

“There was the scent of damp fern. Wild anenomes shivered in the damp breeze.”

(p. 144)

“Sentia-se o cheiro dos fetos húmidos. Anémonas selvagens tremiam na brisa húmida.”

(p. 180)

A anémona é uma flor terrestre que, por sua vez, deu nome ao seu homónimo animal marinho. No Texto de Partida, o substantivo “anemones” foi mal grafado, tendo sido substituído por uma palavra de grafia semelhante. Na língua inglesa, escrever-se “anenomes” em vez de se escrever “anemones” – a forma correcta e que deriva do grego “άνεμος” (vento) – é um erro comum.

Caso o excerto se incluísse no diálogo de uma personagem, onde o erro ortográfico poderia ser deliberado e de algum modo justificado pelas particularidades oratórias da

personagem em questão, a incorrecção seria facilmente vista como um passo intencional. Como não é esta a situação, visto que a frase é narrada e não dita por uma personagem, resta a conclusão de que houve um desvio não propositado no uso da palavra “anemones”. Contemplando o facto de o erro não ter sido deliberado, a tradução foi efectuada como se a palavra não apresentasse nenhuma incorrecção, vertendo a palavra para o Texto de Chegada como “anémonas”.

Ex. 2 – Straight – Simple

“The barman asked her if she wanted it straight and she said yes, thinking this might be some kind of glass.” (p. 153)

“O barman perguntou se ela o queria simples e ela disse que sim, pensando que talvez ele se referisse ao copo.” (p. 191)

“Straight”, neste contexto em particular, significa “sem gelo”, “puro” ou “sem misturas”. Porém, visto ser uma palavra polissémica, também pode significar “direito” (em relação ao copo) e é precisamente com esses dois significados que se faz o jogo de palavras presente no Texto de Partida.

Para que o jogo de palavras funcione no Texto de Chegada é necessário que a palavra pela qual “straight” se traduza também seja uma palavra cuja acepção possa ser ambígua, em relação ao estado da bebida (sem gelo) e quanto ao copo em que ela é servida. “Simple” foi a opção tomada no Texto de Chegada visto poder aplicar-se aos dois casos.

Ex. 3 - Cross over – Atravessaria a baía

“She would keep her course, get in a boat and cross over to the Aran Islands...”

(p. 139)

“Manteria o seu rumo, entraria num barco e atravessaria a baía até às Ilhas de Aran...” (p. 175)

Neste caso, numa tradução mais literal, poderia ler-se “atravessaria até às Ilhas de Aran”, o que deixa, de certo modo, uma lacuna quanto ao que, de facto, se está a atravessar, lacuna essa que no Texto de Partida, com “cross over to the Aran Islands”, não se verifica.

Apesar de se saber que se trata de uma travessia feita por mar (visto o destino se tratar de um conjunto de ilhas), o verbo “atravessar” (ao contrário de “cross over”), neste caso, carece de um complemento necessário para um bom entendimento e fluência do Texto de Chegada. Faz-se, assim, uma especificação com a inserção do elemento “baía”, visto que entre os Penhascos de Moher e as Ilhas de Aran se encontra a baía de Galway. Deste modo explicitando alguma informação relevante para o Texto de Chegada, explica-se ao destinatário do texto o que se está, de facto, a atravessar.

Ex. 4 – Pigeon’s clutch – Um parzinho, como os pombos

“...rear Shorthorns and have two children, a pigeon’s clutch.” (p. 141)

“...criar gado Shorthorn e ter duas crianças, um parzinho, como os pombos.” (p. 177)

“Pigeon’s clutch” é o número total de ovos que os pombos põem de uma só vez. Este número é geralmente dois, visto os pombos produzirem uma baixa quantidade de ovos para serem incubados, e designação utiliza a metáfora para ligar o número da descendência humana ao número da descendência produzida pelos pombos.

Uma vez que, no português europeu, “um ninho de pombos” ou “pombinhos” tem uma acepção completamente diferente da utilizada no Texto de Partida, optou-se por

uma tradução em aceitabilidade que mantém, mesmo assim, a referência aos pombos (utilizando a comparação em vez da metáfora, para que não haja uma possível interpretação errónea).

Ex. 5 - Stick of rock – Chupa-chupa

“...her mother had gone on a pilgrimage to Knock and came back with a stick of rock...” (p. 139)

“...a mãe tinha ido a uma peregrinação a Knock e voltou com um chupa-chupa e um chapéu-de-chuva.” (p. 175)

“Stick of rock” refere-se a um doce cilíndrico feito à base de açúcar caramelizado. É geralmente vendido em cidades e vilas costeiras no Reino Unido, na Irlanda, na Dinamarca e na Austrália.

Uma tradução ao nível da palavra, neste caso, iria prejudicar grandemente a compreensão do leitor uma vez que este doce não será, provavelmente, conhecido pela maioria dos leitores portugueses. Apesar de ser algo que se incluirá, porventura, na gastronomia dos sítios referidos e, neste caso em particular, da Irlanda, este não será um caso em que uma tradução em aceitabilidade retire ao texto uma informação cultural essencial ou de grande importância. Considerando este facto, optou-se por uma estratégia de generalização. Utilizando esta estratégia, uma das alternativas possíveis seria “doce”, porém, apesar de ser uma opção viável, seria uma generalização demasiado acentuada que incluiria uma multiplicidade de acepções e imagens. Para que se consiga reduzir o número de interpretações possíveis, optou-se pelo termo “chupa-chupa”, um termo com uma elevada frequência de uso que, em adição à sua semelhança com o tipo de doce que é um “stick of rock”, proporciona uma mais fácil e fluida compreensão do Texto de Chegada.

Ex. 6 - Buttermilk – Leitelho

“She bought flour and sugar, oatmeal, buttermilk and tea...” (p. 139)

“Ela comprou farinha e açúcar, flocos de aveia, leitelho...” (p. 175)

“Buttermilk”, na sua variedade mais comum, refere-se ao líquido que se separa da matéria gorda depois de se baterem as natas, no processo de criação da manteiga.

Este caso adquire interesse numa tradução para o português europeu se considerarmos a baixa frequência de uso que todas as possibilidades tradutórias têm na Cultura de Chegada, dificultando, de certa forma, a decisão para a escolha tradutória mais indicada.

Várias opções poderiam ser contempladas na tradução. Em primeiro, poderia, efectivamente, fazer-se uma tradução algo intuitiva para “leite de manteiga”, visto que tal termo é, de facto, utilizado. Esta seria não só a tradução literal da palavra inglesa como a solução de mais fácil compreensão. No entanto, a frequência de uso deste termo é consideravelmente menor quando comparada com a segunda alternativa: leitelho. Esta segunda escolha, para além de ter uma maior frequência de uso, é utilizada nos mais variados contextos, tornando-a a melhor candidata à solução tradutória para o Texto de Chegada.

Poderia também optar-se por manter “buttermilk”, pois, num contexto gastronómico, este produto – muitas vezes um ingrediente – não é traduzido. Todavia, havendo uma tradução possível e considerando que a não tradução poderá afectar a compreensão do leitor (pelo facto de o termo estar em inglês ou por não haver uma familiarização com certos termos culinários), não faria sentido proceder-se de tal forma.

Por estes motivos, o termo “leitelho”, apesar de ser algo incomum no âmbito da cultura portuguesa, foi considerado para esta tradução.

Ex. 7 - Fig rolls – Biscoitos recheados de figo

“...and always remembered to bring her fig rolls from the town.” (p. 140)

“...e lembrava-se sempre de lhe trazer biscoitos recheados de figo da cidade.” (p. 176)

Uma vez que na cultura portuguesa não existe uma referência a “bolos de figo”, uma tradução ao nível da palavra será posta de parte como alternativa tradutória. Outra alternativa, com uma grande frequência de uso na Cultura de Chegada, seria traduzir em aceitabilidade para “queijos de figo”, um doce típico do Algarve. Este doce, no entanto, apresenta escassas semelhanças com o produto referido no Texto de Partida, pondo de parte a utilização deste termo. Para uma tradução que visasse a compreensão do leitor, embora se perdesse um pouco da referência cultural gastronómica, poderia optar-se por uma tradução para “bolinhos de figo”, generalizando o termo. No entanto, os “fig rolls” assemelham-se mais a um biscoito do que a um bolo, não tendo figo em toda a sua composição (são apenas recheados com uma pasta deste fruto). Por esta razão, escolheu traduzir-se por “biscoitos recheados de figo”, efectuando uma especificação que resultará num termo semanticamente mais próximo do doce referido.

Ex. 8 - Golden wonder / Victoria plum – Batata / Ameixa

“...and couldn't tell a golden wonder from a Victoria plum.” (p. 140)

“...e não distinguiam uma batata de uma ameixa.” (p. 176)

“Golden wonder” é uma variedade de batata enquanto “Victoria plum” é, como o nome indica, um tipo de ameixa. A questão que se coloca, ao traduzir estes termos, é se, ao traduzirmos em adequação, não se irá perder o sentido da frase. Repare-se que, para o leitor contemporâneo português, talvez não seja de fácil identificação o que é uma “golden wonder” ou uma “victoria plum” (embora este seja um pouco mais específico), e se o objectivo da frase é apresentar uma comparação entre dois itens simples e distintos, o efeito poderá perder-se ao apresentar a comparação entre dois termos mais

específicos e, possivelmente, mais estranhos à nossa cultura. Para além disso, a personagem que faz a afirmação não é uma pessoa culta e seria um pouco estranho se o seu discurso tivesse marcas associadas a uma linguagem mais erudita. Assim, traduziu-se para “golden wonder” e “victoria plum” “batata” e “ameixa”, através de uma generalização de ambos os termos.

Ex. 9 - Parish – Paróquia

“It was getting dark but there wasn’t a light in the parish.” (p. 143)

“Estava a escurecer mas não se via uma única luz em toda a paróquia.” (p. 179)

“Soon the whole parish started to come.” (p. 157)

“Em breve, toda a paróquia começou a vir.” (p. 194)

Este caso reveste-se de relativa importância pela frequência com que surge no *short story* e pelo papel que nela desempenha.

O termo “parish” pode ser facilmente traduzido para o português, utilizando o termo “paróquia”. O problema, porém, reside no facto de este termo poder criar alguma confusão, pois geralmente, e considerando sempre um contexto português, “paróquia” pode associar-se não a toda a freguesia mas sim a apenas uma parte da povoação e população. Isto porque “paróquia”, em termos mais latos, é usado para designar o aglomerado de pessoas que frequentam determinada igreja e, por associação, a própria igreja paroquial. Esta problemática está evidenciada na frase “It was getting dark but there wasn’t a light in the parish”, onde se poderá depreender que a falta de luz se dá numa habitação ou conjunto de habitações, ao invés do apagão geral que se dá em toda a povoação (sendo esta última a ideia que se quer transmitir). Os valores semânticos de “parish” também variam no *short story*, referindo tanto a população como a área que ocupam mas nesse aspecto “paróquia” detém a mesma polissemia.

Traduzir para o termo “paróquia” será essencial para preservar a conotação religiosa implícita no termo mas, para evitar uma possível interpretação errónea, traduziu-se “there wasn’t a light in the parish” para “não se via uma luz em toda a paróquia”. “Em

toda” é acrescentado para reforçar a ideia de que “paróquia” se refere a toda a povoação e não apenas às imediações da igreja.

Para todos os efeitos, esta será uma tradução semanticamente mais exacta do que freguesia (outra alternativa tradutória possível), visto manter-se o carácter religioso do local. Em segundo lugar, empregar este termo demonstrará, ou sublinhará, a existência de uma forte ligação do texto e das suas personagens à religião. Tal efeito seria perdido com uma tradução em aceitabilidade para “freguesia”, uma palavra sinónima que, neste contexto semântico, não seria tão correctamente aplicada.

Ex. 10 - Cream buns – Bolos com creme

“He would sit at the fire, eating cream buns, watching television with Josephine.”

(p. 145)

“Sentava-se junto à lareira, a comer bolos com creme, a ver televisão com Josephine.”

(p. 182)

Neste exemplo, “cream buns”, bolos muito populares e de fabrico originalmente chinês (embora se comercializem em inúmeras partes do globo), foi traduzido por “bolos com creme”. Neste caso, a estratégia de generalização aplicada retira alguma da especificidade cultural associada ao “cream bun”.

Esta tradução, contudo, é justificada pela convicção de que uma tradução em aceitabilidade (“bolas de Berlim” a título de exemplo) retiraria algo do “elemento estrangeirizante” necessário para o equilíbrio da tradução, substituindo-o por um termo que, num contexto irlandês, pareceria estranho e “deslocado”.

Para que o valor semântico seja mantido ao pormenor, optou-se pela preposição “com” em vez da preposição “de” (“bolos de creme”), tendo este termo (“bolos com creme”) uma frequência de uso bastante alta. Utilizando a preposição “de”, o doce poderia referir-se a um bolo feito inteiramente de creme enquanto utilizar a preposição “com” retém o valor semântico de um bolo cujo recheio – e não a composição total – é creme.

Ex. 11 - Christmas box – Lembrança de Natal

“Now he took an eel out of the fridge and put it on the pan to fry. It was a Christmas box from the fishmonger...” (p. 147)

“Agora, tirava uma enguia do frigorífico e punha-a na frigideira para fritar. Era uma lembrança de Natal do peixeiro...” (p. 183)

À semelhança do termo “backsheesh” (este, contudo, apenas referindo-se a valores monetários), “Christmas box” refere-se, geralmente no Reino Unido, a um presente ou “gorjeta” oferecida no Natal pelos serviços prestados durante o ano. É essencialmente uma retribuição de valor simbólico pelo trabalho feito e que tem como recipientes usuais os comerciantes ou carteiros de uma população.

O exemplo apresentado contempla diversas alternativas tradutórias mas para uma maior aproximação ao conteúdo semântico de “Christmas box” o termo escolhido foi “lembrança de Natal”. Outras escolhas analisadas incluíam “presente de Natal” e “cabaz de Natal”, sendo que no primeiro caso poderia estabelecer-se, enganosamente, uma familiaridade excessiva entre o comerciante e Stark e no segundo se pressupõe que existem mais produtos ou itens para além da enguia oferecida, o que pelo contexto podemos perceber que não se verifica. Segundo estes critérios, a opção tradutória parece revelar uma certa neutralidade afectiva entre os dois homens, ou seja, seria somente um “presente de negócios”, o que faz de “lembrança de Natal” a alternativa mais apropriada ao contexto.

Ex. 12 - Eggs – Ovos

“It was strange to be producing eggs again. Wouldn’t it be lovely to lay out? she thought, like a hen.” (p. 147)

“Era estranho estar a produzir ovos de novo. Não seria maravilhoso se pusesse um? – pensou ela – como uma galinha.” (p. 183)

Este exemplo não mereceria um comentário, não fosse dar-se o caso de haver um contexto que modifica a tradução esperada. “Eggs”, neste excerto, está a referir-se aos óvulos da personagem, ou seja, uma tradução possível poderia ser “era estranho estar a produzir óvulos de novo” ou “era estranho estar a ovular novamente”. Contudo, devido à frase seguinte (“wouldn’t it be lovely to lay out?”), que estabelece uma comparação entre a personagem e uma galinha, a tradução terá de ser feita para “ovos”, mantendo a coerência com o contexto.

Ex. 13 - Spades and shovels – Vários tipos de pás

“...she saw spades and shovels cocked up against the chimney wall...” (p. 148)

“...viu vários tipos de pás encostadas à parede da chaminé” (p. 184)

“Spade” e “shovel” são, na língua inglesa, palavras sinónimas que, à excepção de possíveis e pequenas diferenças, definem o mesmo objecto. Visto “pá”, em português, não ter sinónimo, origina-se um problema de tradução. Como forma de o resolver, optou-se por traduzir para “vários tipos de pás”, empregando uma estratégia de generalização. Esta é uma tradução que, não distorcendo em grande medida a semântica do Texto de Partida, também não compromete em nada a compreensão do Texto de Chegada.

“Spade”, ao longo do *short story*, é também traduzido por “pá”, visto esta ser não só a denominação adequada como a única possível (que não seja uma paráfrase).

Ex. 14 - Bog / Bogland / Haggard – Pântano / Palude

“...her long legs stretching uneasily over the bog.” (p. 138)

“...com as pernas compridas a esticarem-se cautelosamente pelo pântano.” (p. 174)

“...down to the bottom of the haggard and set fire to it.” (p. 138)

“...até ao fundo do palude e pegou-lhe fogo.” (p. 174)

“...just the shivering bogland and all the gulls wheeling around...” (p. 139)

“...apenas o pântano que estremecia e as gaivotas que o sobrevoavam...” (p. 175)

“Bog”, “bogland” e “haggard” são palavras que, à parte de uma ligeira componente semântica, significam o mesmo: “pântano”. A ligeira diferença entre elas existe porque “haggard” se refere à parte mais firme da região pantanosa, e não aos charcos e lodaçais que grandemente a constituem.

Sendo “pântano” a designação mais comum na língua portuguesa, sentido haveria em que fosse precisamente essa a opção tradutória utilizada para dar conta da palavra mais frequentemente usada no Texto de Partida. Neste caso, a palavra mais usada é “bog” mas, visto “bogland” ser uma palavra de sinonímia quase estrita (embora tal nunca aconteça), “pântano” foi o termo utilizado para verter ambas as palavras para o Texto de Chegada.

Para que fosse feita uma distinção, “Haggard” foi traduzido por “palude”, um sinónimo de “pântano”, pois não existe uma palavra portuguesa que signifique “a parte firme de um pântano” e uma paráfrase pareceria demasiado específica para o contexto. Embora talvez se perca uma especificidade do termo inglês, esta não parece ser de especial relevância pois depreende-se do contexto que a personagem estará num sítio de terra firme.

Ex. 15 - Rock bun – Bolinho de frutas secas

“Madame Nowlan was eating a rock bun, pulling raisins out of the dough...” (p. 154)

“Madame Nowlan estava a comer um bolinho de frutas secas, a tirar as passas da massa com as unhas.” (p. 191)

O “rock bun” é também conhecido por “rock cake”, o que literalmente se traduziria como “bolo de rocha” ou “bolo rochoso”, numa variante semântica. É um pequeno bolo de frutas secas, como passas, que, após ir ao forno, toma uma aparência semelhante a uma rocha, dando origem ao seu nome. Este bolo é, contudo, característico do Reino Unido, ou seja, “bolo de rocha” ou “bolo rochoso” não só não designam este mesmo bolo como não se referem, pelo menos num sentido geral, a nenhum bolo existente.

O único termo semelhante a uma tradução literal de “rock bun” que, de facto, existe é “bolo rocha” e este não se refere a nada remotamente parecido com um “rock bun”.

Assim, traduziu-se generalizando (e adicionando informação) para o termo “bolinho de frutas secas”, um pequeno bolo que se refere, em linhas gerais, ao mesmo produto de pastelaria que se encontra descrito no *short story* e cujo nome alcança uma frequência de uso bastante elevada.

Ex. 16 - Shingles – Cobrelo

“They had shingles and gout...” (p. 157)

“Tinham cobrelo, gota...” (p. 195)

“Shingles” refere-se a uma doença cutânea causada pelo mesmo vírus que provoca a varicela. Em português, esta condição dá pelo nome de “herpes-zóster”, sendo, no entanto, mais conhecida por “zona”.

Contudo, estes termos apresentam alguns problemas. “Herpes-zóster” será uma denominação demasiado técnica do termo e pareceria inapropriada no contexto situacional do *short story*. “Zona”, apesar de menos técnico e com uma maior

frequência de uso, não tem o mesmo valor semântico do que um termo popular como “shingles”. O nome “shingles” tem origem no latim “cingulum”, que significa “cinto” ou “cinta”, visto a erupção cutânea se apresentar em padrões circulares que envolvem o corpo, ou seja, estabelece-se uma relação entre o seu nome e o seu aspecto (“zona” seguirá o mesmo processo). Considerando esta relação, uma tradução adequada seria “cobrelo”, um termo de cariz mais popular que deve o seu nome à crença de que uma cobra teria passado por cima da roupa da pessoa afligida, resultando num padecimento cujo aspecto se assemelhava à pele escamosa de uma cobra. Esta tradução para o termo “cobrelo”, apesar de não ter uma frequência de uso tão elevada, permite – como também no Texto de Partida se verifica – estabelecer uma relação entre o nome e o seu efeito, mantendo, em simultâneo, o mesmo registo popular que se encontra no Texto de Partida.

Ex. 17 - Stones in their throats – Pedras na garganta

“...stones in their throats, bad knees and haunted cow-houses.” (p. 157)

“...pedras na garganta, maus joelhos e estábulos assombrados.” (p. 195)

“Stones in their throats” é a forma metafórica de “tonsillolith”, uma condição também referida como “tonsil stones” (literalmente traduzível por “pedras das amígdalas”). Esta calcificação das amígdalas pode, em português, designar-se por “litíase”, “calculose das amígdalas” ou “cálculo das amígdalas”. Qualquer uma destas alternativas, apesar de correcta, seria, à semelhança do exemplo anterior, demasiado técnica, não se adequando ao discurso da personagem e ao contexto da história. Para evitar este excesso de tecnicidade, traduziu-se a expressão “stones in their throats” por “pedras na garganta”, não só para que se mantenha o mesmo registo mas para que se retenha o sentido metafórico presente no Texto de Partida.

Ex. 18 - Ringworm – Tinha

“...looking to get rid of ghosts and ringworm.” (p. 160)

“... à procura de se livrarem de fantasmas e da tinha.” (p. 198)

Neste caso, as alternativas tradutórias variavam entre os seguintes substantivos de relativa sinonímia: “tinha”, “micose”, “dermatomicose” e “dermatofitose”.

Ao contrário de “micose” que será uma generalização para as infecções fúngicas, os termos “dermatomicose” e “dermatofitose” já têm uma componente demasiado específica e uma designação com um teor demasiado científico para o contexto em que é utilizada. Para uma tradução mais adequada ao contexto, escolheu-se o termo “tinha” como a alternativa tradutória a utilizar-se. Este termo não só possui uma frequência de uso bastante elevada como mantém um registo mais oral, adequando-o ao contexto social e situacional das personagens.

Ex. 19 - Irish – Gaélico / Irlandês

“Her mother, who said little, sang Irish:” (p. 143)

“A sua mãe, que pouco dizia, cantava em Gaélico...” (p. 179)

“...looking for Irish music and mussels...” (p. 152)

“...em busca de música irlandesa e mexilhões...” (p. 189)

De modo a conferir congruência ao Texto de Chegada, o termo “Irish” foi merecedor de especial atenção.

A língua irlandesa é conhecida como gaélico irlandês ou apenas como gaélico. É uma língua gaélica ou goidélica, pertencente ao subgrupo das línguas celtas, e ainda hoje permanece como um símbolo da Irlanda, apesar de apenas uma minoria dos seus habitantes a utilizar.

Não haverá dúvida de que, para o leitor português contemporâneo, devido à etimologia da palavra “gaélico” (*gaeilge*), o efeito será muito mais “estrangeirizante” do

que o termo “irlandês”. Optou-se, assim, por um critério que irá criar uma divergência tradutória da palavra “Irish”.

Assim, por uma questão de coerência, nas ocasiões em que “Irish” se refere à língua irlandesa, ou ao gaélico irlandês, a tradução será “gaélico” (visto o gaélico estar, normalmente, associado mais à língua irlandesa do que à sua população). Nas ocasiões em que “Irish” se referir à qualquer outro aspecto cultural da Irlanda, a tradução será “irlandês” (uma vez que “irlandês” é, geralmente, tido como o gentílico e não como a língua).

Uma vez que se está a utilizar uma palavra sinónima, o valor semântico da palavra não é comprometido, conseguindo, ao mesmo tempo, de certo modo, evidenciar a presença da cultura irlandesa no Texto de Chegada, enriquecendo o mesmo.

Ex. 20 - Poteen – Poteen

“They had kept whiskey at home for sick calves, and poteen to rub on the greyhounds...” (p. 153)

“Costumavam ter whiskey em casa para os bezerros doentes, e “poteen” para esfregar nos galgos...” (p. 190)

“Poteen” é um whiskey irlandês de fabrico clandestino. Assim, as alternativas tradutórias possíveis seriam manter “poteen”, traduzir para “whiskey” ou “whiskey clandestino”, generalizando a substância referida ou fazer uma dupla apresentação e apresentar ambos os termos: “whiskey poteen”. A opção escolhida foi a de manter “poteen” sem se proceder a uma tradução do termo. Esta decisão teve vários motivos. Tendo em conta que “poteen” é um termo cuja presença revela uma particularidade cultural irlandesa, seria, só por si, importante considerar a não tradução do termo. Aliado a esta razão está o facto de “whiskey”, o termo pelo qual “poteen” seria traduzido, já aparecer anteriormente na frase, ou seja, haveria uma repetição do termo “whiskey” no Texto de Chegada quando no Texto de Partida ambas os termos são semanticamente distintos (“whiskey” e “poteen”).

Considerando outra opção, a tradução para “whiskey clandestino”, apesar de semanticamente mais próxima de “poteen”, perderia a referência cultural que se encontra no nome gaélico, algo que não se coaduna com o objectivo deste trabalho. De modo a reter esta referência, a tradução para “whiskey poteen” pareceria uma boa alternativa, evitando também, de certo modo, a repetição causada pelo termo anterior (“whiskey”). No entanto, não evitaria a redundância criada pela aplicação dos dois termos (“poteen” não será tanto uma variedade de whiskey mas whiskey que é fabricado clandestinamente, logo, existe um pleonasma).

Uma vez que se manteve o termo “poteen”, inseriu-se, no Texto de Chegada, uma nova entrada de tradutor, de modo a que esta designação – provavelmente mais conhecido na cultura irlandesa – fosse explicitada com um pouco mais de detalhe aos leitores da Cultura de Chegada.

Ex. 21 - Fry – Pequeno-almoço

““*Hurry on. The fry will be in cinders.*”” (p. 148)

“– *Despache-se. O pequeno-almoço vai ficar em cinzas.*” (p. 184)

“Fry” é a designação dada a um pequeno-almoço britânico, constituído principalmente por alimentos fritos (bacon, ovos, salsichas, etc.). Visto não haver uma terminologia ideal em português, e porque, neste contexto, usar a designação “pequeno-almoço britânico” ou “pequeno-almoço inglês” não faria sentido (uma vez que será um termo normalmente utilizado por alguém que não pertença à cultura britânica) optou-se por traduzir em aceitabilidade para o termo “pequeno-almoço”, efectuando uma generalização e eliminando um pouco da Cultura de Partida em detrimento de uma melhor compreensão do termo na Cultura de Chegada.

Ex. 22 - Pucán – Pucán

“...it seemed more likely that she'd be turned into a pucán or a dock leaf.” (p. 143)

“...parecia-lhe mais provável ser transformada num “pucán” ou em erva-labaça.”
(p. 180)

“Pucán”, como podemos ver pelas notas explicativas no final do Texto de Partida, é um bode sexualmente activo. A questão prende-se com a opção de manter o termo gaélico “pucán” ou de o traduzir para “bode”, simplificando a designação e evitando o que seria uma explicação desnecessariamente longa (considerando também que, no final do texto a designação completa é providenciada). Outra opção ainda a considerar poderia ser uma dupla apresentação, traduzindo para “bode pucán”.

Neste caso, optou-se por uma tradução em adequação e ponderados vários critérios.

Em primeiro lugar, ao eliminar o termo “pucán” para o substituir por “bode” estaria a retirar-se um pouco da diversidade cultural e linguística pela qual o *short story* se caracteriza. Em segundo, o facto de não se especificar que um “pucán” se trata de um bode poderá não ser de especial relevância, uma vez que através do contexto se pode depreender o tipo de animal a que o termo se refere. Em terceiro lugar, na possibilidade de que o leitor não obtenha uma informação totalmente clara a respeito do substantivo gaélico, a nota de autor final tratará de esclarecer a dúvida. Parecerá óbvio que a autora admitiu uma forte possibilidade de que os seus leitores de língua inglesa não soubessem o que significava “pucán”, decidindo mesmo assim inserir o termo gaélico. Assim sendo, no Texto de Chegada, optou-se por utilizar o mesmo termo. Finalmente, a alternativa de traduzir para “bode pucán” poderá revelar-se redundante, uma vez que exhibe um pleonasma (um “pucán” é, por definição, um bode).

Ex. 23 - Raidió na Gaeltachta – Raidió na Gaeltachta

“...she sat with her feet in a basin of soapy water listening to Raidió na Gaeltachta...”
(p. 141)

“...sentava-se com os pés numa bacia de água com sabão a ouvir a “Raidió na Gaeltachta”...” (p. 177)

“Gaeltacht” é a palavra gaélica para “uma região que fala gaélico”. Ou seja, qualquer um dos distritos onde o gaélico é reconhecido pelos governos como a língua predominante. “Raidió na Gaeltachta” significa, portanto, “a rádio das regiões onde o gaélico predomina” ou, por extensão, “rádio gaélica”, visto, até 2005, essa mesma rádio só emitir canções gaélicas, não divulgando, conseqüentemente, quaisquer músicas de língua inglesa.

O problema presente nesta frase prende-se com as opções de tradução que se apresentam. Uma das alternativas seria a de traduzir em aceitabilidade, ou seja, traduzir por “Rádio Gaélica”, de forma a facilitar uma melhor compreensão por parte do leitor português contemporâneo que, assim, ficaria mais inteirado do significado da designação gaélica. Outra hipótese seria a de traduzir em adequação, o que neste caso consistiria em, essencialmente, não traduzir, transcrevendo apenas o nome da rádio com a sua denominação original, de modo a manter uma singularidade da cultura irlandesa, conservando o seu “exotismo”. Ainda seria possível traduzir-se através de uma dupla apresentação para “a rádio gaélica Raidió na Gaeltachta”, contudo, a redundância que se cria (especialmente para quem, de facto, conhece o significado da marca cultural) faz com que esta, porventura, não seja a alternativa tradutória mais indicada.

Perante estas opções, foi adoptada uma tradução em adequação, para que não se perdesse a designação própria de uma rádio que é, em si, parte da cultura irlandesa, havendo, porém, a inserção do termo na nota de tradutor final, de modo a clarificar eventuais dúvidas. Há também uma semelhança morfológica entre “Raidió” e “rádio” e entre “gaélica” e “Gaeltachta” que permite tirar ilações sobre aquilo a que esta marca cultural se refere, não havendo um obstáculo significativo à compreensão na Cultura de Chegada. Por este motivo foi mantida a forma “Raidió na Gaeltachta”, preservando um pormenor importante do contexto histórico e cultural da Irlanda.

Ex. 24 - Taoiseach – Taoiseach

“He criticised young people and turf, the Taoiseach...” (p. 150)

“Criticou a juventude e a turfa, o “Taoiseach” ...” (p. 187)

“Taoiseach” (que se pronuncia como “ti-xuk”) é o equivalente ao primeiro-ministro ou chefe de governo na Irlanda. O possível desconhecimento deste termo (cuja etimologia é proveniente do gaélico) pelo leitor português contemporâneo justificaria uma tradução em aceitabilidade, no entanto, ao fazê-lo, perder-se-ia um pouco da cultura irlandesa que marca este *short story*. Neste caso, optou-se, então, pela não tradução do termo gaélico.

De modo a solucionar a falta de clareza do termo e para que o traço cultural e linguístico não se perca, optou-se por fazer a inclusão deste termo na nota de tradutor final, ajudando a uma maior compreensão por parte do leitor do Texto de Chegada.

Ex. 25 - Quare – Esquesita

““You’re a quare woman.”” (p. 160)

“– És uma mulher esquesita.” (p. 197)

“Quare” refere-se ao adjectivo “queer”, que, entre outras acepções, significa “estranho” ou “esquisito”. De modo a manter uma grafia indicadora de um discurso oral, optou-se por traduzir para o adjectivo “esquisito” com a pronúncia oral que lhe é característica (“esquesito”).

Ex. 26 - Wudout a stitch – Com’ vieram ao mundo

“*“Imagine the two of ‘em wudout a stitch,” said the draper’s wife.*” (p. 151)

“*– Imaginem os dois com’ vieram ao mundo – disse a mulher do dono da loja de panos.*” (p. 188)

A expressão idiomática já analisada num ponto anterior é de novo apresentada numa perspectiva que privilegia e se centra nas suas marcas de oralidade. “Wudout a stitch” será facilmente reconhecível como a expressão “without a stitch” mas com uma ortografia distorcida cujo propósito é o de evidenciar uma maior oralidade no discurso da personagem.

No Texto de Chegada, o objectivo seria, portanto, transpor a variante ortográfica, para que a expressão exibisse uma maior oralidade. Para o efeito, escolheu-se eliminar a última vogal de “como”, aproximando a ortografia da expressão idiomática portuguesa a um discurso mais oral.

Ex. 27 - Let this day bring what it will – Que este dia seja o que Deus quiser

“*I’m past nothing. Let this day bring what it will.*” (p. 148)

“*Não passou a minha altura. Que este dia seja o que Deus quiser.*” (p. 185)

Nesta expressão podemos constatar a presença de uma metáfora morta, visto a sua utilização ser muito frequente e o conteúdo metafórico se ter perdido no uso corrente. A expressão significa que se está pronto para os acontecimentos que irão decorrer durante o dia, sejam eles bons ou maus, um sentido que a tradução também veicula na expressão “que este dia seja o que Deus quiser”. A tradução é feita em aceitabilidade, substituindo o verbo “to bring” pelo verbo “ser” e inserindo a palavra “Deus” na expressão, sendo que a alteração não é particularmente significativa.

Poderá argumentar-se que, ao referir “Deus” na tradução, se estará, de algum modo, a inserir um elemento religioso numa frase que, no Texto de Partida, não o tinha.

Porém, com esta tradução em aceitabilidade, o sentido mantém-se, e uma vez que a personagem que profere a expressão tem crenças religiosas, aliadas à superstição, não será despropositada a utilização de uma expressão com uma referência a Deus.

Para além disso, a expressão pode ser usada como força de hábito ou pelo seu uso frequente, sem que haja um especial cariz religioso na sua enunciação, tornando-a assim uma expressão popular e não necessariamente relacionada com a religião.

Neste ponto, apesar de a distribuição entre casos traduzidos em adequação e casos traduzidos em aceitabilidade apresentar alguma disparidade (tendendo mais para o domínio da aceitabilidade), deverá ter-se em mente de que somente alguns exemplos foram seleccionados, tendo sido retirados do *short story* para efeitos de comentário. Assim sendo, será natural que neste ponto não se possam – nem se pretendam – tirar ilações sobre o equilíbrio tradutório entre adequação e aceitabilidade na totalidade do texto.

Conclusão

Uma vez que o trabalho se centra em dois pontos essenciais: expressões idiomáticas e superstição, as conclusões também serão apresentadas de forma bipartida, salientando cada um destes pontos e relacionando-os com a preocupação constante ao longo deste trabalho de encontrar um equilíbrio tradutório entre referências culturais irlandesas e portuguesas.

No primeiro ponto, podemos constatar que as expressões idiomáticas ocupam um lugar de destaque no *short story*. Ao examinar, pormenorizadamente, todas as soluções tradutórias que envolviam expressões idiomáticas podem tirar-se as seguintes conclusões:

Todas as expressões idiomáticas, excepto algumas de origem possivelmente manipulada pela autora ou específicas da Língua de Partida, foram – usando os termos propostos por Gideon Toury – traduzidas em aceitabilidade. Encontram-se, assim, no Texto de Chegada expressões que procuram manter o valor semântico que tinham na Língua de Partida, a importância contextual e, sempre que possível, a sua idiomaticidade. Este último aspecto perderia alguma da sua prioridade em relação aos outros elementos, no entanto, uma vez que a tradução se fez, na sua avassaladora maioria, através de uma tradução em aceitabilidade, as características idiomáticas das expressões foram também, na sua maior parte, conservadas no Texto de Chegada.

Esta tradução foi feita de modo a visar a boa compreensão do leitor, a fluidez do texto, a caracterização linguística das personagens e a retenção do sentido e da idiomaticidade. Por esse motivo, constatou-se que num *short story* como este, com muita riqueza idiomática e com a esporádica utilização do gaélico, uma tentativa de criar um meio-termo entre adequação e aceitabilidade poderia prejudicar a tradução. Tal aconteceria porque, em prol de um equilíbrio entre estas duas normas, se sacrificariam, porventura, alguns aspectos idiomáticos que caracterizam o texto. Neste ponto, e pelas razões já indicadas, tal sacrifício não seria proveitoso. Assim, mesmo considerando o facto de não se atingir o equilíbrio pretendido, optou-se por uma tradução em aceitabilidade que procurasse reter a idiomaticidade e o valor semântico da expressão. Esta proposta pretende, assim, sugerir alternativas que enriqueçam o Texto de Chegada

com uma grande carga idiomática, ao mesmo tempo que tentem otimizar a fluidez do texto e a compreensão do leitor.

Ao analisar a definição de expressão idiomática e a sua relação com as expressões populares, a linguagem oral e a frequência de uso nos pares de línguas envolvidos nesta tradução, a investigação deparou-se com alguma dificuldade na obtenção de bibliografia. Dada a impossibilidade de incluir estas questões no presente trabalho, deixa-se a sugestão para um estudo que incida sobre a relação da expressão idiomática com a oralidade, o uso popular e a frequência de uso, abrindo assim, vários caminhos de investigação.

Num segundo ponto, examinando as várias superstições, percebeu-se que estas são parte activa da caracterização de personagens (explicando muitos dos seus comportamentos), ao mesmo tempo que fornecem informações sobre o ambiente e contexto social que em muito enriquecem a narrativa do *short story*. Através de uma análise detalhada de algumas das superstições e referências mitológicas apresentadas no *short story* – e da sua tradução – verifica-se que elas se revestem de um surpreendente grau de complexidade e de ligação directa às raízes da cultura irlandesa. Tal revela que a autora coloca muito da sua cultura nativa no texto e que os elementos culturais vão para além do óbvio, não se limitando à geografia, a características culturais da Irlanda e a especificidades linguísticas, como o uso do gaélico.

As superstições e os aspectos culturais irlandeses, incluindo expressões em gaélico, foram predominantemente traduzidos em adequação, oferecendo ao leitor português elementos provavelmente desconhecidos ou mesmo estranhos. Em compensação, de modo a facilitar a leitura ao receptor português, decidiu-se pela inserção de notas de tradutor em certos pontos do Texto de Chegada. Pretende-se, com esta medida, proporcionar alguma clarificação ou informação complementar ao leitor do Texto de Partida em alguns pontos cruciais, sendo a maior parte das notas inseridas no final do texto, de modo a reduzir a visibilidade do tradutor.

Religião e superstição têm também aqui um papel preponderante. Ao analisar estes aspectos e a sua tradução, verificou-se que existe uma notória ligação entre o tema religioso e o campo da superstição. Este elo entre os dois conceitos é uma evidência de que a religião serve, neste *short story*, para caracterizar culturalmente uma personagem e a relacionar com a cultura irlandesa. Em ambos os casos (superstição e religião) houve

uma tentativa de se manter – sempre que possível – as marcas e referências culturais específicas da Cultura de Partida, oferecendo ao leitor do Texto de Chegada alguns elementos estrangeirizantes que singularizam e valorizam o *short story*.

Em resumo, podemos verificar que apesar de se ter iniciado este projecto com o objectivo de alcançar um equilíbrio tradutório entre adequação e aceitabilidade, vimo-nos confrontados com novos caminhos que se foram abrindo.

No que concerne às expressões idiomáticas, apostou-se coerentemente numa tradução em aceitabilidade. A Cultura de Chegada prevaleceu sobre a Cultura de Partida, sendo esta aparente “conquista” necessária para manter o valor semântico e contextual das expressões. Em compensação, no que diz respeito à superstição, apostou-se numa tradução em adequação. A Cultura de Partida prevaleceu sobre a Cultura de Chegada, de forma a trazer até ao leitor várias características culturais irlandesas.

No primeiro caso, porém, a carga idiomática e o valor comunicativo das expressões idiomáticas do Texto de Partida são recriados no Texto de Chegada, preservando-se o valor semântico e, conseguindo-se até, em alguns casos, uma correspondência lexical. Neste aspecto, poderemos afirmar que a tradução não é totalmente feita em aceitabilidade e que existem, de facto, elementos da Língua de Partida e da Cultura de Partida no Texto de Chegada que a afastam de uma tradução em aceitabilidade e a aproximam de uma tradução em adequação.

No segundo caso, pode também constatar-se que a inclusão de notas de tradutor que clarificam ou desenvolvem o que foi traduzido em adequação permite facilitar a viagem do leitor português até aos elementos culturais irlandeses. Um pouco à semelhança do caso anterior, existe uma negociação entre estas duas normas de tradução, sendo que, neste caso, as notas de tradutor afastam a tradução campo da adequação e a aproximam a do domínio da aceitabilidade.

Poderá ainda dizer-se que, uma vez que cada um dos aspectos foi traduzido predominantemente em adequação ou em aceitabilidade, a totalidade do Texto de Chegada terá um certo equilíbrio tradutório global. A aproximação à Cultura de Chegada nas expressões idiomáticas é feita para uma melhor compreensão, familiaridade e fluidez de leitura por parte do receptor português, enquanto os elementos da Cultura de Partida presentes nas superstições, nas expressões em gaélico e nas referências culturais irlandesas permitem manter uma maior diversidade linguística

e cultural, levando o leitor do Texto de Chegada a aventurar-se para fora da sua cultura doméstica sem que no entanto – graças à adição de notas de tradutor – se sinta perdido fora dela.

As restantes opções tradutórias apresentadas, apesar de não poderem espelhar um equilíbrio tradutório, revelam soluções que passam tanto por uma tradução em adequação como por uma tradução em aceitabilidade, evidenciando que ao longo do Texto de Chegada existem diversos elementos traduzidos em conformidade com ambas as normas.

Numa nota mais pessoal, analisando retrospectivamente o percurso que agora se conclui, verifico que a tentativa de conciliar nesta tradução os objectivos iniciais de equilibrar adequação e aceitabilidade com as construções hipotéticas que o tradutor faz do leitor do Texto de Chegada e do autor, tendo também em conta o contexto e as particularidades do Texto de Partida, provavelmente, fez com que a tradução não fosse o que inicialmente se esperava.

Inicialmente, a pesquisa preliminar determinou que o objectivo estabelecido fosse o de tentar um equilíbrio tradutório entre a Cultura de Partida e a Cultura de Chegada, no entanto, ao fazer a tradução, não se tornou evidente que estava a traduzir ora predominantemente em aceitabilidade ora predominantemente em adequação. Só após o comentário à tradução, aprofundando a pesquisa sobre estas duas normas de tradução, as expressões idiomáticas e a superstição, pude revisitá-la e, em retrospectiva, tomar consciência de que o equilíbrio ambicionado não tinha sido integralmente atingido. O objectivo inicial, iluminado pelo enquadramento teórico e pela revisão da tradução, permitiu que a reflexão sobre a tradução encetasse um novo rumo. O novo rumo tomado poderá, assim, ser visto como uma evolução, uma vez que, aliando a teoria à prática, se abriram novos horizontes e se provou que o ponto de partida nem sempre coincide com o ponto de chegada. De facto, há tanto a considerar que será porventura até normal que a tradução final seja um produto diferente do inicialmente projectado. No entanto, considerando que neste projecto se pôs em equação e se pesaram as consequências de todos os aspectos acima mencionados, só espero que o percurso que esta dissertação apresenta possa ser interpretado como um progresso na minha formação profissionalizante como tradutor.

ANEXO 1

TEXTO DE PARTIDA

**“NIGHT OF THE
QUICKEN TREES”**

Night of the Quicken Trees

In every house in the country long ago the people of the house would wash their feet, the same as they do now, and when you had washed you should always throw out the water, because dirty water should never be kept inside the house during the night. The old people always said that a bad thing might come into the house during the night if the feet water was kept inside and not thrown out, and they always said, too, that when you were throwing the water out you should say “Seachain!” for fear that any poor soul or spirit might be in the way. But that is neither here nor there, and I must be getting on with my story...

From “Feet Water”, an Irish fairy tale

Shortly after the priest died, a woman moved into his house on the Hill of Dunagore. She was a bold spear of a woman who clearly wasn't used to living on the coast: not five minutes after she'd hung the wash out on the line, her clothes were blown halfway up to the bog. Margaret Flusk had neither hat nor rubber boots nor a man. Her brown hair was long, flowing in loose strands like seaweed down her back. She wore a big sheepskin coat that fitted her to perfection and when she looked out at the mortal world it was with the severity of a woman who has endured much and survived. When she moved to Dunagore she was not yet forty but it was past the time when she could bear a child. That power had left her years ago and always she blamed it on that night of the quicken trees.

The priest's house stood on the highest point of the hill beside the mast whose evening shadow fell into her rooms. It was joined to another cottage of equal size and they both looked down like two still hares across the Cliffs of Moher. It was autumn when she came. The swallows were long gone and any blackberry still clinging to its briar had begun to rot. The house smelled of the priest. Margaret dragged anything she didn't want down to the bottom of the haggard and set fire to it. Being superstitious, she kept her clothes. If she gave his clothes away he'd not have to go naked in the next world. She painted all the walls and ceilings with a bucket of white emulsion, disinfected the floors, the doorstep and rubbed the window panes until they squealed under the cloth, for, although she did not come from Clare, she knew nothing good ever happens in a dirty house.

When she got the chimney swept she tore across the fields towards a farmhouse where smoke was rising. Soon after, she was running back with a shovel full of embers, her long legs stretching uneasily over the bog. After that, smoke was always rising. Neither was she gone nor did she sleep long enough to let fire die. In fact, she liked getting up while the stars were still in the sky. It gave her satisfaction to see a star falling. If she believed in the forces of nature she was yet determined to avoid bad luck. She'd had her share of bad luck so now she never threw out ashes of a Monday or passed a labourer without blessing his work. She shook salt on the hearth, hung a Saint Bridget's cross on the bedroom wall and kept track of changes in the moon.

When she got the house clean, she drove down the hill and around the coast to Ennistymon. These roads were narrow and steep. She could hear bog water rushing through the ditches. Beyond stone walls, bony cattle and small flocks of long-woolled

sheep grazed the sod. Ponies stood with their backsides to the wind as though the wind would fertilise them. Every creature seemed capable or on the verge of flight.

Once, when Margaret was a child, her mother had gone on a pilgrimage to Knock and came back with a stick of rock and an umbrella. Margaret waited for a windy day, opened the umbrella and jumped off the boiler-house wall, believing she would fly, and landed with a broken ankle on the car-road. If only, in her adult life, her unfounded beliefs could be so abruptly disproved. To be an adult was, for the greatest part, to be in darkness.

Down in the village a crazy, white-haired man was standing on the bridge, directing traffic:

“Quick! Quick! Winter is round the corner!”

She bought flour and sugar, oatmeal, buttermilk and tea, peas and beans, spuds and salt fish, brought it home and baked a loaf. When it got dark at five o’clock, she went outside and lifted her skirt and squatted in the grass. She wanted to pass water on every blade of grass around her house, she could not say why. The grass was long and sour up there. Dunagore was a strange place without so much as a tree, not a withered leaf to be seen in autumn, just the shivering bogland and all the gulls wheeling around, screeching under restless clouds. The landscape looked metal, all sturdy and everlasting but to Margaret, coming from a place of oak and ash, it was without substance. There would be no shade in summer, no fields of barley turning yellow in the month of August. The skies in the east would now be obscured by falling leaves, their heifers would be in the barn, dairy cows chained to the stalls.

The next morning when Margaret went out to empty the ash bucket, the wind blew it back into her eyes, blinding her. When she came inside she decided she would stay in that house for as long as she could without harming anybody or letting anybody harm her. If either one of these things happened, she would move on. She would keep her course, get in a boat and cross over to the Aran Islands, go as far west as she could without leaving Ireland. But until then she would do her best to keep people at arm’s length for people were nothing but a nuisance.

Not every man can sharpen a scythe or cut turf. Stack, the forty-nine-year-old bachelor who lived next door, had a bald head and seeds of grey in his eyes. He’d lived and worked the land with his father all his life until his father died. He was thirty-eight when his father passed away and now he was left with all the bogs and an income from

the turf. He did not live alone but with Josephine, the sleek brown goat who had the run of the house. By day she stared into the fire and at night she took up more than half of the bed. Stack milked her every day, rubbed Palmolive on her teats and always remembered to bring her fig rolls from the town. He had courted a small farmer's daughter outside Lehinch for twelve years, bought her six hundred and twenty-four Sunday dinners but she wouldn't even let him touch the hem of her skirt or push the hair back out of her eyes so he could see her properly. Once she got a bit drunk and he placed his hand on her bare knee as they sat in the car outside her back door but that was all. In the end, she went off and married a man who sold stone and Stack found Josephine through an advertisement in the *Farmer's Journal*.

Stack couldn't bear to part with anything. The spare room was packed to the ceiling with his father's fishing rods, his mother's sewing machine, weed killers, jam jars, the old solid-fuel cooker. He kept all the clothes he'd ever worn, from his matinee coats to the trousers he'd recently grown out of, and kept the door closed because Josephine liked to go in there and eat his mother's slippers.

Stack did not like to think he would ever become like the new generation. Young people couldn't catch a fish or skim cream off milk. They went around in cars they couldn't afford, with children who'd never tasted their mother's milk, committing adultery at the drop of a hat. In fact, hats didn't drop fast enough for them. They drank beer straight from the bottle, came back from America and Prague looking for pizzas, and couldn't tell a golden wonder from a Victoria plum. And now a woman was living next door, setting fire to the priest's good furniture, walking the roads with her hair all tangled same as she didn't own a comb.

Time passed and little happened in Dunagore. Wind off the Atlantic pushed the clouds one way and then the other, blew eerie notes through the mast, blew gates open. Cattle and sheep escaped, went roving and were captured. The postman hardly ever stopped at Margaret's except to deliver a bill for the electricity. Once, a middle-aged man came up to her door and asked her to sign a petition to get the potholes filled on the road. While she signed her name his eyes crawled over her frame.

"Would you be any relation to the priest?" he asked.

"Why, do I look like him?"

He looked up at her nostrils, the gipsy eyes and the waiting mouth.

“You don’t look like anybody,” he said, and went next door to get the turfman’s signature.

Margaret slept well, ate plain food and kept walking to the edge of the sea and back. Sometimes, she walked all the way to Moher and looked down over the cliffs and frightened herself. Sometimes, when she was down there with the rain drenching her hair and her sheepskin, she thought of the priest.

The priest was her first cousin. He used to come to their house every summer to make the hay. He would come with the fine weather, sit on top of the hayrick at her side, dig new potatoes, sharpen his appetite, pull scallions and eat them raw. Margaret was a teenager. Skies were blue back then. As a young man, he said they would marry, that they would get the bishop’s permission, rear Shorthorns and have two children, a pigeon’s clutch. Margaret could see him coming in from the fields with a handful of clover, saying the meadow was without comparison. And then he went off to the seminary, became the pride of a family who no longer called him by his name:

“Another drop of gravy, Father?”

“Do you think there’s such a place as Limbo, Father?”

“Did my father say where he was going, Father?”

Even though he came back every summer to make the hay, he never again sat on the ditches combing knots out of her hair, talking about the children they would have. Summers passed and the whole family, instead of putting on the record player and opening the stout when the hay was safe in the loft, would kneel and answer his rosary.

Margaret tried not to think of the priest. After her walks, she sat with her feet in a basin of soapy water listening to Raidió na Gaeltachta, or got into his bed with the hot-water bottle, trapping lamplight in the right angle of his books. Sometimes she came across a passage he’d underlined but the words held no great meaning. Nothing in the house she’d come across meant anything. Sometimes she saw his shadow at the bedside, felt his cold presence shadowing hers and saw again his open collar, the hayseed trapped in his cuffs, but that was only his ghost.

If she wondered, before she slept, what her neighbour was doing in his bed at the far side of the wall, she didn’t dwell on it. She tried not to dwell on anything. Putting the past into words seemed idle when the past had already happened. The past was treacherous, moving slowly along. It would catch up in its own time. And in any case, what could be done? Remorse altered nothing and grief just brought it back.

No doubt she was the subject of curiosity. Some said her people were all dead and that the priest was her uncle, that he'd taken pity on her and left her the house. Others swore she was a wealthy woman whose husband had run off with a teenager and that her heart was broken. When it got late down in the pub it was common knowledge that the priest had been in love with her, that she'd had his child and lost it, that he wasn't gone off to the mission at all that time he'd gone off to the mission.

On All Soul's night, the middle-aged man who's given her the embers banged on her door but Margaret just stood there staring him down through the glass. Eventually, he went away. And women said she must be going through the change of life:

"The new moon takes a terrible toll on women like her," one woman down in Lisdoonvarna said, feeling the wilted heart of a cabbage.

"Oh, it would," said another. "The moon'll pull at her like the tide."

Stack, like every man who has never known a woman, believed he knew a great deal about women. He thought about Margaret Flusk as he drove home from Lisdoonvarna with Josephine sitting up in the passenger seat.

"Wouldn't it be terrible," he said, "if that woman took a liking to me? She'd have nothing to do only break down the wall between the two houses and destroy our peace for ever more."

All she'd need was a reason to knock on his door. If she had reason to knock, he felt sure he'd let her in. If he let her in once she'd be in again and then he'd be in to her and there the trouble would start. One would need a candle and the other would want the lend of a spade. A woman would be a terrible disadvantage: she'd make him match his clothes and take baths. She'd make him drive her to the seaside every fine day with a picnic basket full of bananas and tuna fish sandwiches and ask him where he had gone when he had gone nowhere but into Doolin or down to Ennis for a drop of oil.

December came in wet. Margaret had never known such rain. It didn't come down out of the sky but all skewed, on the wind. There was salt on the windows and a tang of seaweed in the air. People down the town took to drink while the birds went hungry. They played darts for turkeys and hampers, fell out and in again. The women took dead fir trees and holly into their houses, strung multicoloured electric lights under the eaves. Children put pen to paper, sent letters to the North Pole. The postman was run off his feet but Margaret didn't even get a card.

The night before Christmas Eve she walked to the cliffs and back. She had written a few lines to her mother without reply. Her mother could be dead and she wouldn't know. The sea was going mad, eating away the land. By the time she got home, she was soaked. The salt rain made her feel cold and hot at the same time. It was getting dark but there wasn't a light in the parish. The electricity was gone. Margaret threw sods on the fire. The turf hadn't really dried; it smouldered unhappily in the grate, burned away without turning into flame. She longed for wood, big ash sticks she could split with an axe. She imagined herself outside on a fine, frosty morning splitting sticks, stacking them against the wall, and the smell and the heat that would come off them. But sticks were rare in Dunagore. Her mother, who said little, sang Irish:

Cad a dhéanfamid feasta gan adhmaid?

Tá deireadh na gcoillte ar lár.

That night, Margaret lit a candle, placed her feet in a basin of soapy water and watched the smouldering turf. She wondered if the priest had gone to Hell. The priest believed in the afterlife, in God and Heaven and Purgatory, in all of that. He said there wasn't any point believing in Heaven if you didn't believe in Hell. Margaret wondered if she would join him there but it seemed more likely that she'd be turned into a pucán or a dock leaf.

She drank two bottles of stout and felt the past rearing up, all those summers of childish commitment, them saying they'd marry and then him going off and the whole family witnessing his ordination. Him coming back to make hay without so much as a handshake, eating her ribs and parsley sauce and walking alone through the wood beyond the fields. She'd meet him on the stairs, in the cow-house, on the back lane where the foxgloves turned the ditches pink but he'd pass her with a bare nod same as she was a shadow of what she had been.

And then, one evening, a heavy shower fell out of the blue. The house was sullen; the hay was down.

"That's the end of us," said her father, standing at the window.

"Tis only a shower." Her mother, always trying to pacify him.

"We may buy it in. I said we shouldn't have mowed today. Didn't I say we shouldn't have mowed?" Her father willing the rain to fall harder to prove him right.

“Tomorrow will be fine, surely.”

“What are you saying woman? We’re finished.”

Margaret went out in the rain to the wood. She always felt marginally safer when she was outside. The wet Douglas fir looked almost blue. There was the scent of damp fern. Wild anemones shivered in the damp breeze. She stopped in the clearing where the quickens grew. Their silver boughs shook pleasantly, their leaves trembling. Out in the lane the priest passed, smoking a cigarette, his open-necked shirt wet on the shoulders. The only reason she made her presence known was to ask the simple question of why he never looked her in the eye or asked how she was? Could the man who’d promised her marriage not even ask how she was? And then she caught up on him and he showed her why. They lay down without a word on the wet grass and she knew while he was planting his seed in her that she would pay for it. Afterwards, he got up and paced between the trees and smoked a cigarette. Then he turned his back and went off without a word.

It was night when Margaret rose. She walked home watching the tops of the trees and, beyond their boughs, the yellow wisp of moon. The experience was like almost everything; it wasn’t a patch on what it could have been.

Now she sometimes imagined where she’d be, what she might be doing if she had not made her presence known. She was constantly afraid to take the smallest step in any direction. The greatest lesson the priest had taught her was the lesson of where one step could lead. She stared at the clock above the fire’s mantel and came to her senses. The footwater had grown cold. She dried her feet, cursed a little so she would not cry, and fell asleep in the chair.

When she woke, the fire was almost out and the candle was burnt away to nothing. Outside, no lights flickered in the houses around the coast. The villages of Doolin and Lehinch were still in darkness but the last quarter of that winter moon shone down into her garden. Her neighbour’s nanny goat was standing on her hind legs, eating all that was within reach. Margaret hadn’t the energy to chase her off. The moon and the clouds looked so still. It was almost Christmas. She dried her feet, went to the priest’s bed, and dreamt she was a man.

There was a loft in her dream whose floor sprouted grass. The grass grew higher than a house, its stalks leaning west then east then west again although there was no wind. Margaret lay supine, wearing nothing only a man’s trousers and when she put her hand

down there, instead of a penis, was a fat lizard which was part of her, the muscular tail swinging back and forth. A woman who looked like herself came in from another century wearing some type of knotted cloth. When she saw the lizard she didn't flinch but took her inside her anyhow and when Margaret woke she felt herself to make sure she wasn't turning into a man. When she saw her hand she got a lovely shock, for she saw blood. She'd thought all that was over. She got up, went into the bathroom and washed herself.

It was almost morning. Grey light framed the trembling curtains. The house was a trap full of draughts. Outside, a gale was blowing. Margaret was used to the wind flattening the long grass in front of her house but it was strange not hearing its power in the trees. She'd never get used to Dunagore, knowing no seed would take root and grow into a sycamore anywhere near that house. She could now smell her own blood. So she was still a child-bearing woman. While she was thinking this she saw the basin of feetwater. She opened the back door and threw it out on the wind. The wind was so loud it shouted like a man.

That same night, at the far side of the wall, Stack couldn't sleep. This often happened. He wondered if other men really slept through the night and woke rested. Some nights he liked being up knowing others were asleep. He would sit at the fire, eating cream buns, watching television with Josephine. Other nights he craved the company of another human being, someone who would be able to change the stations and boil the kettle. He covered Josephine with his coat. Her hooves were trembling. She dreamt a lot and ate things in her dreams. On fine nights, he sometimes put on his hat and coat and walked the bogs.

That night the electricity failed, he drank five hot whiskeys and thought about the past. Nothing would ever compare to the past: his mother laughing when she noticed him using his left hand; his father teaching him to shave; that summer they all got sunburnt in the bog and took turns with de calamine lotion. How strange it was to hear his father sing and how the song made his mother blush. But his mother and father were dead. He was thinking about death and how he himself would go, when he went, stumbling a little, to Margaret's house. He believed he would die alone and not be found until Josephine ate the door down and somebody recognised her on the road, but death, at least, was certain. Every man needed to be certain of something. It helped to make sense of the day.

He went to Margaret's back door and stood listening. There wasn't a stir. It was getting bright and the sun's light without the sun itself was visible beyond the cliffs. Not a soul knew he was there. He liked being at her door knowing the woman was inside, asleep and safe. He stood for a long time imagining she was his. Then the door opened and Margaret came out, half asleep, with a basin of water, and threw it in his face.

He went home and took his clothes off. Josephine had gone to bed. Beside her, he felt light in the head, was hot in himself then cold. He started to sweat and passed wind. He felt the stone that was always in his throat growing bigger, going down into his stomach. He sat on the toilet for a long time before it passed and when it did it was the size of a stout bottle. When he looked in the mirror, a stranger looked back at him. The stranger was older than he had realised and his lips were parted.

He fell asleep and dreamt of Margaret wearing a bearskin, riding Josephine across the bogs of Clare. Her legs and arms were muscular. He followed Josephine's tracks until she came to the edge of the sea. The woman slapped Josephine hard with a wet leather strap, urging her on into the sea and the pair took off. The waves were high. Stack stood on the edge of the strand, calling out to Josephine to come back: "Aw, Josie! Come back to me! Josie!" but she got smaller and smaller and in the end he saw Margaret getting down on the coast of Inis Mór and men with red hands surrounding her, leading Josephine by the bridle, taking her away, bribing her with chocolate.

When he woke he felt like a new man. It was eleven o'clock in the night. He had slept through Christmas Eve. It hardly seemed possible but Josephine was standing over him, nipping the soft flesh of his arms. He opened the door and let her out. Margaret Flusk is wild, he thought. Hadn't he seen her bare breast under the fur? Sure didn't she piss outside? Hadn't she got up in her sleep knowing he was there and not so much as blinked when he cried out?

On Christmas morning, he took a bath. He hadn't taken a bath since Halloween. The electricity was still gone. He boiled water on the gas and nearly scalded himself. He polished his shoes, milked Josephine in front of the fire and put a lump of beef into the oven. He didn't know why he was looking at himself or washing himself except it was Christmas and he felt young and strong. If only he hadn't lost his hair. His father, down to the day he was laid in his coffin, had a full head of hair. The undertaker has combed it as he laid him out in the parlour but Stack hadn't cried until the burial was over.

Now he took an eel out of the fridge and put it on the pan to fry. It was a Christmas box from the fishmonger down in Ennistymon who knew Stack had a taste for eel. He was certain it was still good. He looked at the black eel writhing in the pan. It looked alive and, for a moment, he wasn't sure. He bucked himself up, came to his senses and walked up the path to the priest's house.

Margaret wasn't dressed. She was scratching herself and thinking. She liked to roam around in her nightdress having a think, drinking tea in the mornings. She went to the toilet and made sure she was still bleeding. It was strange to be producing eggs again. Wouldn't it be lovely to lay out? she thought, like a hen. She had, as a child, followed a hen for days with a hat down over her eyes thinking the hen could not see her but Margaret never found the nest. The hen would lead her astray then disappear through the ferns. Then, out of the blue, she'd walked into the yard with a clutch of eleven chickens.

If only I could cut out the man, Margaret thought, I might have a child. A man was a nuisance and a necessity. If she'd a man she'd have to persuade him to take baths and use his knife and fork. She ripped a towel in two and made herself a sanitary towel, scalded the pot and waited for the tea to draw. Beyond the pane, standing there in his shirtsleeves staring at her, was the bachelor from next door. She wanted to stand there and stare him down but it was Christmas and, out of common decency, she opened the door. The bachelor looked clean but there was a strange smell off him.

"Stack's my name."

"Stack?" What kind of name was that?

"I'm your neighbour," he said, gesturing to his own house.

"Is that so?"

"Some Christmas, and you with no electric to make a bit of dinner."

"What matter."

"Come in and have your breakfast. I've gas."

"You've gas!" Margaret laughed.

"Aye."

"I'm not hungry."

"You're not hungry. Well, that's a good one. Don't you know the moon is changing?"

"The moon?" Margaret said. What did he know about the moon?

“Put on your sheepskin, good woman,” he said. “Hurry on. The fry will be in cinders.”

She didn't think. She got the sheepskin and her boots and followed him down the path to her front gate which was opening and closing on its hinges. There were goat droppings all over his front yard. His porch was full of bicycle parts and the cab of a tractor and the kitchen darker than the sea. In the gas light she saw spades and shovels cocked up against the chimney wall and, hanging from the central beam, a scythe. A live snake was being fried in a pool of oil. On the table thick cuts of brown bread and a tub of fake butter. Margaret, in nothing only her nightdress and her coat, felt lovelier than the raven. I'm producing eggs, she thought. I'm bleeding. I'm past nothing. Let this day bring what it will.

Stack held a bag of defrosted peas up to the candle to read the cooking directions.

“I better cook these so they'll not go to waste.”

Margaret could read the directions from where she sat. Maybe he was going blind. And the things he kept: seashells, a calendar from 1985, bottle tops, dead batteries, pictures of dead popes. There was a picture of Stack when he was about twenty with a full head of hair, three Sacred Heart pictures, barometers, and inside the window, behind the television, a fan to keep the window pane from fogging up. So, he likes to know who's walking the roads, she thought. Through an open door, she saw a big, unmade bed. She could smell the goat. Maybe the goat slept with him. Just imagine.

“Don't mind the house,” he said. “I've no woman.”

“No?”

“Well, I had a woman one time and now I'm not sorry I don't have her. She was a fierce expense”

“Maybe you should find yourself a woman with money.”

“If a woman had money, she wouldn't want me.”

“Why, have you a wooden leg?”

He laughed. It was a queer sort of laugh, closer to sadness than amusement. For a moment, she imagined his life and felt for him. Did anyone ever know what another was going through?

“No, thank God. And by the looks of you, your legs aren't wooden either.” He was putting the two of them together, adding them up in his mind.

“You must have left school early,” Margaret said.

“Why’s that?”

“It gets more complicated after you learn to add.”

“What,” he said. “Oh, your tongue is quick.”

When he said the word she was back again under the quicken trees. Neither she nor the priest could help themselves. She felt him on top of her, panting, rolling over onto his stomach, zipping himself up, ashamed. And the thrill of it: the thrill after a decade of sitting on ricks of hay, eating scallions, him leaving the first primrose on the saddle of her bike. By breaking his vows of celibacy it felt possible that he might, somehow, make others. There was blood that night too. Beyond his head she could see the bright orange berries of the quicken trees.

“Josephine is minded better nor any woman in Ireland,” Stack was saying, nodding in the direction of the armchair.

There, in the dark, was the nanny goat staring at her. Her eyes were frightening. Stack reached up and took a sprig of holly from behind a picture. Margaret thought he was going to give it to her but he gave it to Josephine, who ate it.

“What part of the country did you come from?” he said.

“Wicklów.”

“The goat-suckers,” he said. “That explains it.”

“Did you ask me in to insult me?”

“That wouldn’t be hard, you’re proud,” he said, prodding the eel with a fork. “This is ready. Pull up a chair.”

She didn’t want to pull up a chair, didn’t want to sit in that awful place eating fried snake with all those dead people on the walls. Well, what did she expect? What happens when a woman follows a man into his house wearing little more than her nightdress on Christmas morning? But she was smelling burnt flesh and toast, watching the teapot steam. She hadn’t eaten yesterday. It is the stomach, not the heart, that drives us, she thought. She was grateful the room was dark so she couldn’t see the extent of the dirt and could eat in ignorance. Josephine sat under the table with her own buttered toast.

“Most people have dogs,” Margaret said.

“Ah, but the goat!” Stack said, starting off on his favourite subject. “The goat is a great advantage. She’ll eat anything. She’ll go anywhere. She’s twice the size of any dog, she’s like a radiator going around heating the place and, to top it all, I’ve milk. Do you like goat’s milk?”

“No. But they say it’s a noble child that’s baptised in it.”

“Do they now?” He was looking into the oven at the beef. It had begun to spit and he lowered the flame. “Are you one of these superstitious women?”

Her mouth was so full she couldn’t answer. The eel was lovely. Once, her mother took her out to eat in the mart. Big dinners were cheap there. A neighbour came in and ordered his plate. He was white in the face. Her mother watched him getting his dinner and going off to a corner with his back to all his neighbours and said, “Do you see that man there? If you ever see a man like that, leave him alone till he’s had his fill. A man like that is dangerous.” Margaret now felt like that man. She drank the tea, ate several cuts of toast and most of the eel.

Stack looked at her big nose and her long hair and filled her cup again. He cut more eel and watched her. While she ate he could not help wondering what a child they’d have together would look like.

“Do you not miss your own part of the country?”

“I miss the trees,” she said. “I miss the ash.”

The quicken tree, the mountain ash, were all the one.

“Well, you can’t be blamed for that,” he said. “There’s no fire like an ash fire.”

Margaret swallowed the last of what she had and looked at him. She looked at his grey eyes. He seemed decent and why should she mind that he was odd? All the finest people she’d known were odd.

Stack bantered on. He criticised young people and turf, the Taoiseach, talked about New Year’s resolutions and sunburn. When he stopped to draw breath, Margaret went home.

He’s a lonely man, she thought, and he’s desperate. But that goat! She’d have no time for that goat, sitting up like a witch in the dark.

When Margaret reached her own house, the door was wide open and a litter of black mongrel pups was running across the floor. They’d chewed the corners off her library books, got up on every stick of furniture and left dirty paw marks all over her lovely white bedspread. One black pup trotted over, licked her hand and wagged its tail. She turned him up and saw, under his belly, a penis. She threw him out and thought about Stack. She couldn’t understand why she’d followed a total stranger into his house and eaten all that food when it could be poisoned. She could still see the big bald head and him reaching up for the sprig of holly.

That night she saw children rounding up the pups, whistling, flashlights shining, green eyes racing like demons in all directions. There were dogs in the graveyard the night she walked all over the priest's grave. So, they were back. The priest was jealous but the priest was dead. She felt an awful chill and pulled a cardigan over her nightdress. She had no way of boiling the kettle for a hot water bottle. She sat in the candlelight until the candle was burnt out. Then she groped her way into the bedroom and lay there in the darkness knowing now what was on the far side of the wall.

When the pubs opened after Christmas, there was talk. The Flusk woman was seen coming out of Stack's in nothing only a nightdress. He must have sheared her, they said, because there was no sign of the sheepskin. Stack carried her across his own yard and into her own house. Some said it stopped there.

"He must be drinking his Bovril, so," said the grocer.

"Sure wouldn't he need a stepladder just to reach her knickers?"

"Ah, we're all the same height lying down," said an old man.

"Imagine the two of 'em wudout a stitch," said the draper's wife. "They'd frighten one another."

"Not half as big a fright as she'd get," said the auctioneer who was doing his best to join in but was in a terrible way with a toothache.

"You mean a small fright," said the barmaid who was single and getting older and pretending not to care. "Two hailstones and a mouse's tail."

"You should know," they all said because they knew the barmaid thought that would be a nice cosy little number up there in the cottage with Stack, looking down on all the tourists in the summertime and him with plenty of money and nobody to spend it on only herself and Josephine.

In Dunagore the smoke kept rising. Margaret bought two boxes of sanitary towels in the supermarket and set the women talking.

"There could be a baby in Dunagore yet!"

"Wouldn't Stack be the Proud father?"

"Sure isn't the spring coming?"

Margaret walked between the showers, kept track of her eggs and the changing moon. Daylight lasted longer but towards evening the red sun always sank into the sea. Dirty suds floated up on the edge of the strand. The heather was thick, took on new growth like hair all over the boglands. Tourists wandered into Doolin looking for Irish

music and mussels, directions to holy wells. Men came down from Dublin to test themselves on the golf course at Lehinch, lost balls and found others. A hitchhiker knocked on Margaret's door and asked in a German accent which way was east. Margaret pointed towards home and the young woman took off over the fields.

On Valentine's Day, she went outside and there, at the front door, was a load of ash sticks. Stack had left them during the night. He'd made a phone call while he was drunk, gone up to Limerick and traded two lorry-loads of turf for the load of sticks.

Margaret got in the car and took off down the road to Ennistymon. She met but could not avoid another car on the narrow road. They both lost their side mirrors, stopped, shrugged and went on again. When she got to the town the man on the bridge signalled her to stop:

"Seven cabbages for a pound!"

People were buying cards, red roses. Margaret bought an axe, came back and spent the morning splitting the ash. That night she built an almighty fire. She sat at the hearth with her feet in the basin, sweating. She drank the sherry she'd bought for a trifle she never made and thought about her son. He would be nine years old, if he was alive. She'd heard the banshee the evening before he died but mistook her for a stray cat. The child was fast asleep in the cot that night. He was such a deep sleeper, it made her nervous. Sometimes she put her hand near her mouth to make sure he was still breathing. She had placed her hand near his mouth several times that night and the next morning he was cold, the tinge of blue on his lips. She stopped the clock and ran up the wood with him in her arms. She stayed there all night but in the end came home to face it all.

"Cot death," the doctor said. "It happens."

She would never forgive him for that. In any case, she wasn't the type to forgive; forgiving might mean forgetting and she preferred to hold onto her bitterness, and her memory. But always she blamed herself.

Shortly after his birth, a fisherman from Rosslare came to see her.

"I hear you've a caul," he said. "I'll give you me last penny for it. Me father and the one brother I had on this earth drowned."

"I couldn't sell it."

"If you let me buy that caul, I'll be safe at sea."

"Not for love nor money will I sell it."

“Well, money is all I can offer,” he’d said, and went away.

She knew it wasn’t right to refuse him but she could not bear to part with it. And then the child died and in the end she’d thrown the caul on the fire. What upset her most was the little things he’d never done; to think he’d never taken a step nor climbed a tree nor witnessed a wet summer. She had taken for granted a future of homework on the kitchen table, exercise books marked with gold and silver stars, a mucky hurl inside the front door, measuring his shoulders for a blazer. And then the future was blotted out, gone, like something that falls from sight without a sound.

February turned into a March of many weathers. Margaret’s superstition deepened. When she stopped at the pub in Doolin for a bowl of soup and saw a cat sitting with her back to the fire she ran out and ordered more coal. Always the hills looked closer or black before it rained. One morning she woke and saw a crow sitting on top of the wardrobe. She drove to the chapel and lit a candle for the soul of her child. It was the first time she had gone to the chapel. An old woman was kneeling outside the confession box. Margaret lit a candle at the feet of Saint Anthony, knelt in the front pew and stared at the ambo. She imagined the priest standing there giving out sermons while her belly got bigger with his child. She had not intended to pray but when she looked up her knees were sore, the woman was gone, and children were rehearsing their First Communion. She watched each boy, looked for the face of a child she’d never see, filled her sherry bottle from the font in the porch and walked across the square.

A caravan was parked beside the vegetable stand. *Meet Madame Nowlan, Teller of the Future*, the sign read. Margaret went down to the hotel and ordered a fried herring. Outside, the crows seemed anxious. When she finished eating she wanted a drink but she did not really know what to ask for. They had kept whiskey at home for sick calves, and poteen to rub on the greyhounds but nobody ever drank anything except stout at Christmas or for when the hay was saved. People seldom came to their house but when they did, they drank the calves’ whiskey and her father complained afterwards that he’d have to go out and buy more.

she walked over to the bar and pointed at a bottle. Sambuca was written on the label. She asked for a large. The barman asked her if she wanted it straight and she said yes, thinking this might be some kind of glass. It tasted like liquorice and took away the aftertaste of the herring. People came in looking at her. She could read their minds. There’s the woman who had the priest’s child. There’s the woman who lives on her

own. There's that Flusk woman Stack's after. When she couldn't stand it any more, she got up and walked back to the caravan.

Reluctantly, she stepped up into the candlelight. Madame Nowlan was eating a rock bun, pulling raisins out of the dough with her fingernails. She had blonde hair and a fake tan. A pot of tea was left out on the table.

"You want your fortune told, love?"

"I'm not sure."

"Come on in. There's no harm." On her radio, Willie Nelson was singing about loving someone in his own peculiar way. "I'll read your leaves."

Margaret drank the tea and they talked for a while about the weather. The woman was an expert on rain. It felt strange to talk to another human being. She hadn't held a conversation since Christmas and found it a terrible effort, trying to make sense of another's words, then her own and all the possibilities for misunderstanding that went on in between. Madame Nowlan pulled out a mirror and drew lipstick across her mouth.

"How do I look?"

"You look fine."

Then she picked up Margaret's cup and casually began to read the leaves.

"I see a dead child by a local man. I see property, a house upon a hill, and terrible shame. There's no need for this shame. It wasn't your fault the child died. I see the number seven and a man with an S in his name. You already know this man. There's trees in your memory. You're mule stubborn. Don't stay in the place you're in. There's a shadow on the back of that house. You must rear your next child in the Irish tongue. Who is this goat? There's a jealousy here I can't understand."

"My neighbour has a goat."

"It's unhealthy, this goat. Well, you've lost and gained your fertility. That much is clear. Why are your people so hard? They turned their backs on you over this religious man. Have another child," she said. "The time is now. The next child will make your life worth living. After him, you'll stop looking down over the cliffs. But give the next sea-man his caul. The last man you refused drowned."

"He did not."

The woman was silent now.

"That's terrible," said Margaret, looking at her feet.

"Is there anything you'd like to ask?"

She couldn't speak for a while. Eventually she said, "Do you see anything about my mother?"

"Your mother? Your mother is gone to a better place."

Margaret thanked her and gave her whatever was in her pocket. Driving back, the roads looked steeper, the hedges taller. The ponies seemed enormous. It took her several minutes to get the key in the lock and when she did she stripped and sat in front of the fire. She lay down on the floor not realising, until she tasted salt, that she was crying. She began to wail. Stack heard her grief floating, through the stone wall.

A few hours later she was out again, naked but for the big sheepskin and her leather boots, walking the road to the cliffs. Stack followed her but his legs were not as long as hers, and he did not catch up until she stopped at Moher. She was down on her belly in the wet grass looking over the precipice. Ages passed. It was getting darker. Stack kept well away but stared at the back of her neck until she turned and faced him. She looked wild but her voice was calm.

"I was in love with him," she said simply.

"Don't I know."

"I lost his child. Look." She opened two buttons and showed him the caesarean scar.

"That must have been awful."

"It was," she said. "It was terrible."

Waves kept forming on the surface of the ocean. The wind wasn't blowing hard but neither would it stop. Neither one of them wanted anything to stop. Stack wished he had a full head of hair. He wished he hadn't wasted all those years on the farmer's daughter.

"I've never been in love," he said. "I've nobody only Josephine."

"That would break my heart."

He turned to look at her. "Your heart is already broken."

As soon as he said this, her opinion of him rose. She looked back at the ocean. It wasn't angry. Each wave seemed to brake before the cliffs, slowing before the end of its journey and yet the next waves kept on as though they had learned nothing from the ones that went before.

"You must think it strange, me telling you these things."

"I suppose I do. But I doubt I'll ever understand women. Tell me this: what sort of woman pisses outside?"

Margaret laughed. She pushed her head and shoulders out over the Atlantic and let her laughter fall. She was not daunted by the ocean or the height of the cliffs. While her laughter fell, Stack realised he was more than half afraid of her.

“Come on,” he said. “It’s getting dark.”

They headed for home. They had said so much that they were now at a loss for what next to say. A few council workers were finishing up for the day, spreading the last of the hot tar.

“God bless the work,” said Margaret.

The labourer looked up at her and tipped his hat.

From a distance the two houses on the Hill of Dunagore looked like one, with Margaret’s smoke whirling around the lighted windows. Stack, not wanting the walk to end, slowed down on the hill but Margaret did not alter her pace to suit him. She walked on, her bare legs mounting the hill, her hair blowing wild around her head. When she reached Dunagore she didn’t even bid him goodnight but walked into her own house and shut the door.

Summer came and the rain eased off. Swallows flew back and found their nests, woodbine climbed the ditches and the heather bloomed. A stranger knocked on Margaret’s door one Tuesday morning, a dark-haired man with a troubled look.

“I hear,” he said, “that you can cure a toothache.”

Margaret wasn’t surprised. “Are you in a bad way?”

“I’m demented.” He sat down and covered his face with his hands and started to cry.

Margaret went outside and caught a frog.

“Put her back legs in your mouth without harming her and the pain will go,” she said. “If you harm her the pain will double.”

He held the frog. “Put her back legs in me mouth?”

“Yes.”

“Well,” he said. “I’ll try anything.”

“How did you find out about me?”

“The Nowlan woman in the caravan told me. She says you’re a seventh child, that you have the cure.”

He went out with the frog and four days later she got the first letter she ever got in Dunagore.

Dear Miss Flusk,

I don't know myself. No pain since the morning after I saw you and the frog has taken up residence near the rain barrel. Many thanks,

John McCarthy,
auctioneer

That evening a load of birch was delivered to her door.

“What’s all this?” said Margaret.

“I dunno,” said the fellow in the lorry. “It’s from the man with the toothache. That’s all I know.”

Soon the whole parish started to come. There were men with boils and women who wanted no more children; women who were desperate for children, and a child that was born on Christmas Day who saw ghosts and couldn’t eat. They had shingles and gout and stones in their throats, bad knees and haunted cow-houses. Margaret placed her hands on these strangers and felt their fears and their fears put her heart crossways. The people left in good faith and their ailments and their apparitions disappeared. She’d wake and find new spuds and rhubarb and pots of jam and bags of apples and sticks outside her back door. Her dreams grew black as the charred doors of Hell. She started to tell God she was sorry, starting sleeping late and when she woke, neighbouring women would be there frying rashers, boiling eggs, talking. Strange men came and cleaned the moss off her roof, put new hinges on the gate, new putty in the windows.

Margaret grew frightened of her own death and passed water all around the house after dark. This still gave her satisfaction. One night, after a rich man asked if she could turn his old friend into a sow, she couldn’t help herself. She went in to tell Stack. When they stopped laughing, Stack thought of her slapping Josephine with the leather strap and the strange island men leading her away. The men in his dream outnumbered him. That was the hardest part of the dream. He suddenly knew she’d move away and

couldn't bear the thought of her being gone. She had taken off her boots and was there rubbing her feet in his kitchen. Her feet were bigger than shoe-boxes and reminded him of a song.

"You've a fine pair of feet," he said, "God bless them."

She didn't answer; she just kept the silence and sat looking at him. He looked strong from the bogs. There were clocks, too many clocks ticking on his walls. She realised she hadn't wound her clock in weeks, as though that could stop time. She didn't want time to stop but the strangers were always coming, their palms filled with hatred and bitterness and even though she didn't know half their names, it was all contagious. She thought about the Nowlan woman and what she'd said about the child.

"My eggs are right."

"Your eggs?"

"Come to bed for an hour."

"When they went into the bedroom Josephine was under the quilt. Margaret laughed while Stack tried to lift her. When he unbuttoned himself and she saw his penis, she thought of the lizard in her dream. He hadn't, at first, a notion what to do but nature took over. Josephine did her best to get between them. When Margaret woke, Stack was gone and the goat was staring at her. There was a terrible stink of goat and hair all over the bed.

Margaret went back to her own house and ate two tins of red salmon, skin, bones and all and washed it down with a pint of buttermilk. She looked in the mirror. The whites of her eyes were like snow and her skin had turned into the skin of a woman who lives in salt wind.

The next morning she went into Stack's house. He hadn't slept, had walked the bogs half the night with Josephine.

"Do you have a sledgehammer?" she said.

"No," he said.

"No?"

"But I've a fair idea what you're thinking."

"You have?"

"I've been thinking meself."

"Do you mind?"

"I don't," he said. "Isn't it the sensible thing to do? But I should be the one to do it."

“No,” she said.

Margaret drove to Ennistymon and bought the sledge. As she drove along, she wondered what the priest would think. He would look at her mortal frame walking around his house, having conceived another illegitimate child. He would still be regretting the day he ever laid a hand on her but it was his weakness as much as his destiny that made him stretch out his hand. He was ten years older than her and it was him, not her, who had broken his vows to the Lord. And hadn't she paid for her side with the death of the child? And that wasn't her fault. Hadn't the gipsy woman said it wasn't her fault?

When she got to Ennistymon, the mad man on the bridge signalled her to stop.

“There's ostriches on the road!” he cried. “Slow down!”

She was glad there were crazy people in the world. She watched him, wondering if she wasn't herself a bit mad. When she rounded the corner, ostriches were walking down the main street. People were standing on the foot-paths watching them go past and a young girl with plaited hair was driving them along with a stick. So, being mad was the same as having your wits about you, Margaret thought. Sometimes everybody was right. For most of the time people crazy or sober were stumbling in the dark, reaching with outstretched hands for something they didn't even know they wanted.

She was expecting a child. She knew this the way she knew, after Christmas morning, that it was Stack, not the wind, on her doorstep; it was him shouted.

Margaret came home, pulled the priest's bed out of the room, took it down the field, and doused it with paraffin. It was slow to burn at first, then blazed and turned into a bed of ash. She went inside and began to knock a hole in the wall between the two houses. Stack stood in his own house at the dividing wall and felt afraid. When that wall came down nothing again would ever be the same. He could feel the grief of Margaret Flusk. Her grief was beyond comparison. And her strength; Margaret had the strength of two men. Weren't her legs and arms the same as in his dream? He stood there and heard the plaster loosen, then the stones.

She was there half the day. When she saw light at the other side it reminded her of the time her mother woke her, as a child, on Easter morning so she could see the sun dancing, to witness the resurrection of Christ. when she got through the hole in the wall, Stack was singing.

“They say Clare people are musical,” she said.

“They say Wicklow people suck goats’ milk from the teat.”

That’s why we’re so good-looking.”

“You’re a quare woman.”

“Do you think this child will live?”

“I don’t know.”

“Do you know nothing?” she said.

“No.”

“Neither do I.”

“Aren’t we blessed?”

»

Josephine did not like the new arrangement. Stack did not seem to love her anymore. He didn’t even warm his hands before he milked her and he forgot to rub Palmolive on her teats. The woman stole her milk, tied her to his bedpost, then told Stack she belonged in the shed. When Josephine gave birth, Margaret weaned her kid just as early as she could and took her off on a rope to an ugly-looking pucán over the hill.

Stack had never eaten as well. Margaret churned butter, baked bread, made cheese out of Josephine’s milk and spent the rest of her days eating chocolate. He couldn’t keep her in chocolate. It was like throwing biscuits to Josephine. He’d go down to the shop and come home with Mars bars and Maltesers and find she’d taken another one of his mother’s possessions down to the haggard and set fire to it. She was always lighting fires, going around with a big belly bumping into things and then running outside to throw up her food. And always she went to piss outside after dark.

Day and night, the whole parish came: every man, woman and child, looking to get rid of ghosts and ringworm. The kettle was always boiling, teapots going and poor Josephine tied up, imprisoned in the shed. Even the priest came, saying he had a bad leg and was there anything Margaret could do for him?

Margaret could tell what Stack was thinking, beat him at cards and split a load of sticks while he’d be thinking about it. She threw out the television, wouldn’t let him have holly in the house at Christmas, and watched him when he ate. And at night she

kept herself well clear of him, was as bad as the small farmer's daughter who, in fairness, never threw up dinners.

They say something bad will happen if you don't throw out the feetwater. The say man should not live alone. They say if you see a goat eating dock leaves, it will rain. Margaret gave birth in the priest's house. There were thirteen women and nine children there that day running around with scissors and boiling water and telling Stack to get out of the way. He sat in his own side of the house with Josephine. Margaret's screams shook the parish. Stack imagined he heard a slap and the cry of a child for several hours before he heard them and then an old woman's voice saying, "...easy knowing it isn't her first."

Now that Stack knew a woman, there grew the knowledge that he would never understand women. They could smell rain, read doctor's handwriting, hear the grass growing.

Margaret christened her son Michael, baptised him with a jugful of Josephine's milk. When a fisherman came over from Inis Mór to buy the caul she would not take a penny. she invited him in and treated him like royalty, made him sherry trifle and custard. They talked late into the night until Stack grew tired and went to bed. When he woke, Margaret was still in the chair and Michael was fast asleep in the fisherman's arms.

By that time the two houses were clean as polished wood. The two chimneys that had poured out smoke onto the Hill of Dunagore were now one. Wood and turf leant against their gable walls. The opening the woman had torn down was framed in wood and had hinges which were attached to a door which opened, and sometimes closed. Stack looked younger. Somebody saw him in Ennis having a shave, sitting up in the barber's chair with a towel around his shoulders, telling a dirty joke.

Margaret did her best to give up on superstition. She started to believe that nothing she didn't believe in could harm her. But however she changed her behaviour, she could do nothing about her nature. In all the years she lived in Dunagore, she never lit her own fire, never failed to pull rushes in February and, hard as she tried, could never throw out ashes on a Monday or go out as far as the clothesline without placing the tongs across the pram.

If, on the occasional dark night, she thought about the priest she did not dwell on it. The Lord's work was indeed mysterious. If she hadn't lost the priest's child, she would not have inherited his house. If she hadn't inherited his house, she could not have been

washing her feet that night and she might have remembered to throw out the feetwater instead of throwing it like a spell over Stack and eaten his Christmas snake and had his child. As it stood, she had got into that bed beside the goat. And you know what they say about goats: it is said that goats can see the wind. Margaret too could see the wind; in her dreams she saw it shake the quicken trees, how the berries changed into beads of blood which fell on the greass all around that place where she had lain.

As for the child, he was nothing like Stack. For years he waited to see some mark of himself in his own son but none came. It mystified without surprising him. It was as though Margaret had spit the child or laid him. As a mother she was ferocious. Stack saw her bare her teeth at neighbours who stroked the child's hair. And she gave him his own way at every turn. During his infancy, she rocked him until she had him ruined. Stack hardly got a wink of sleep. Margaret didn't seem to need sleep. She'd be up at dawn and up every five minutes to check the child was breathing, then fall back into dreams which made her kick him, and often he got up and went back to his old bed.

Michael never crawled. He got out of his chair one day and made it all the way to the front gate and back. One day Stack went in to milk Josephine and found there wasn't a drop of milk in her teats for the boy had sucked her dry. When the boy got hardy he went around the bogs with Stack, jumping ditches with a pole, wading in bog-water and was never sick a day in his life. He'd eat nothing only fish fingers, turnips and sweet things, rode Josephine around the front lawn, bought ducks and pushed them around the narrow roads of Dunagore in his own pram and grew tall as a stake. He could write his name backwards and upside-down. He made up stories, told lies when he was bored and walked around the house in his sleep. Margaret wouldn't let him go to school, said there was nothing the people of that parish could teach him that she couldn't teach better.

Michael was seven before Margaret gave up on the parishioner's ailments and apparitions. She'd had enough of them and knew, if she sent her child to school, that he would suffer. But it was a long time before the people of Clare gave up hope and stopped leaving jam and sticks and herrings for Margaret Flusk and started doing her harm. One morning she got up and found peacock feathers stuffed through the letter-box. On another morning, all her tyres were flat. She herself could withstand anything but her fears hovered round the child.

Stack knew she was going before she went. She let the fire die one night, and the following morning Stack found himself walking down to the edge of the strand. He

wanted to be there when it happened. He stood at the water's edge and stared west. The day was calm. Soon a fishing boat full of Island men came into Doolin and a boat was lowered into the sea. The strangers rowed slowly to shore, their oars cutting neatly into the salt water. When they reached the land they tipped their caps but did not speak. One man looked familiar. When Stack turned, Margaret was looking him straight in the face then wading out, climbing without a word into the boat. The boy cried but Stack knew he would not cry for long. He held his son in his arms then let him go.

The morning was fine, the sea glassy. Nothing stopped him from getting on board, nothing at all. For a moment the men waited and it seemed that all he had to do to make his future happy was to climb into that boat and be carried away in a tide cut by the strength of other men. Instead Stack stood on the strand and watched the only woman he had ever loved vanish from sight. It didn't take long. Closer to the shore a pair of gulls screeched over the water as though there was something down there only they could see. Stack watched them until his eyes grew sore then he climbed back up the hill.

When he got home, he let Josephine off the rope and soon she had her forelegs on the table, eating all that was left of a rhubarb tart. The track of Margaret's thumbs was baked into the edge of the pastry. He was glad of Josephine. He could at least fulfil her needs. He sat down and looked for a long time at the bare, clean rooms. The sun shone on the teapot's lid, the lino, the polished wood. So Margaret was gone. Hadn't he always known she'd go? Hadn't the dream told him? But he couldn't judge her, not even when she took his son's hands and rowed away with strangers. They were, after all, divided by nothing but a strip of salt water which he could easily cross.

Josephine licked the plate clean and stared at Stack. He followed her into their old bedroom, shut the door and closed his eyes. Tomorrow he would go down to Doolin and buy a bag of cement and brick up that wall. He would buy a bottle of whiskey, some fig rolls, and leave the television in to be repaired. He would not be idle. Winter was coming. The turf would keep him busy, and fit. There'd be long winter nights and storms to blot out and remind him of the past. Although he was no longer young his near future was a certainty. But if he lived for a hundred years he would never again venture up to a woman's house in the night nor let her come anywhere near him with feetwater.

Some notes on the folklore / stories

The quicken tree is another name for the mountain ash or the rowan tree. It is believed to be a tree of formidable magical and protective powers. It is mentioned in mythology as having the power of enchantment. The Irish name, *caorthann*, derives from the word *caor* which means both a berry and a blazing flame. The name “quicken” refers to its quickening or lifegiving powers.

Lisdoonvarna is a small town in County Clare famous for its match-making festival.

The words of the mother’s song: “What will we do for timber now that the woods are gone?”

A pucán is a sexually active male goat.

Inis Mór is the largest and most western of the Aran Islands.

Wicklow people are nicknamed goatsuckers.

Placing the tongs across the pram is said to prevent fairies from stealing the child and leaving a changeling in its place.

“Night of the Quicken Trees” was published in *Arrows in Flight*, Scribner/Townhouse, edited by Caroline Walsh.

ANEXO 2

TEXTO DE CHEGADA

**“A NOITE DAS
SORVEIRAS-BRAVAS”**

A Noite das Sorveiras-Bravas

publicado em “Arrows in Flight”,
pela Scribner / Townhouse, e editado por Caroline Walsh.

Traduzido por
Pedro Martins

Em todas as casas no campo, há muito tempo, as pessoas da casa lavavam os pés, da mesma forma que agora lavam, e, quando os pés estavam lavados, devíamos sempre deitar fora a água, porque a água suja nunca deveria ficar dentro de casa durante a noite. Os mais velhos diziam sempre que algo de mau poderia entrar na casa se a água dos de lavar os pés ficasse dentro de portas e não fosse atirada fora, e diziam sempre, também, que quando a deitássemos fora deveríamos dizer “Seachain!”¹ com receio de que alguma pobre alma ou espírito pudesse estar no caminho. Mas isso não vem ao caso, e eu tenho de continuar a minha história...

De “Feet Water”, um conto de fadas irlandês

¹“Seachain!” expressão gaélica que, neste contexto, se assemelha à portuguesa “água vai!”, cuja origem remonta aos tempos em que se faziam os despejos para a via pública. Em ambos os casos, o sentido é “cuidado!”. (NT)

Pouco depois da morte do padre, uma mulher mudou-se para casa dele na Colina de Dunagore. Era uma mulher arrojada como uma lança, que não estava, claramente, habituada a viver à beira-mar: nem cinco minutos depois de pendurar a roupa no estendal, já o vento a levava até ao pântano. Margaret Flusk não tinha nem chapéu nem botas de borracha nem homem. Tinha o cabelo castanho comprido, ondulando em madeixas soltas como algas a cair pelas costas. Usava um grande casaco de pele de ovelha que lhe assentava na perfeição e quando olhava para o mundo mortal fazia-o com a severidade de uma mulher que já passou por muito e sobreviveu. Quando se mudou para Dunagore, ainda não tinha quarenta anos mas já havia passado a altura de ter filhos. Essa capacidade abandonara-a há anos e sempre culpava aquela noite das sorveiras-bravas por isso.

A casa do padre ficava no ponto mais alto da colina, ao lado do poste cuja sombra da tarde entrava pelas divisões. Era geminada com outra pequena casa de iguais dimensões e ambas olhavam para baixo, como duas lebres paradas, sobre os Penhascos de Moher. Chegara com o Outono. As andorinhas tinham há muito partido e qualquer amora ainda agarrada às silvas tinha começado a apodrecer. A casa cheirava ao padre. Margaret arrastou tudo o que não queria até ao fundo do palude e pegou-lhe fogo. Sendo supersticiosa, guardou a roupa. Se se tivesse também desfeito das roupas, ele não teria de andar nu no outro mundo. Pintou todas as paredes e tectos com um balde de emulsão branca, desinfectou o soalho e a soleira da porta, e esfregou os vidros das janelas até chiarem por baixo do pano, porque, apesar de não ter vindo de Clare, sabia que nada de bom acontecia numa casa suja.

Assim que acabou de varrer a chaminé, saiu disparada pelos campos em direcção a uma casa de campo de onde saía fumo. Pouco depois, já corria de volta trazendo uma pá cheia de brasas, em passadas compridas e cautelosas pelo pântano. Depois disso, havia sempre fumo a elevar-se. Não se ausentava nem dormia tempo suficiente para deixar que o fogo se apagasse. Na verdade, gostava de se levantar enquanto as estrelas ainda estavam no céu. Dava-lhe satisfação ver uma estrela cadente. Acreditava nas forças da natureza mas estava ainda mais determinada a evitar o azar. Tinha tido a sua conta de azar por isso agora nunca atirava fora as cinzas das segundas-feiras, nem passava por um trabalhador sem abençoar o seu trabalho. Atirou sal para a lareira, pendurou uma cruz de Santa Brígida da Irlanda na parede do quarto e manteve-se atenta às mudanças da lua.

Quando acabou de limpar a casa, desceu a colina de carro e foi, ao longo da costa, em direcção a Ennistymon. As estradas eram estreitas e íngremes. Ouvia a água dos pântanos a deslizar pelas bermas. Para lá de muros de pedra, via-se gado escanzelado e pequenos rebanhos de ovelhas de lã comprida a pastar pelo terreno. Os pôneis ficavam parados com a parte traseira voltada para o vento como se o vento os pudesse fertilizar. Todas as criaturas pareciam prestes a levantar voo.

Uma vez, quando Margaret ainda era criança, a mãe tinha ido a uma peregrinação a Knock e voltara trazendo um chupa-chupa e um chapéu-de-chuva. Margaret esperou por um dia ventoso, abriu o chapéu-de-chuva e saltou do muro da casa da caldeira, pensando que podia voar, e aterrou com um tornozelo partido na estrada. Se ao menos, na sua vida adulta, as suas crenças infundadas pudessem ser tão facilmente desmentidas. Ser um adulto era, na maior parte das vezes, estar às escuras.

Lá em baixo na vila, um homem maluco de cabelos brancos estava na ponte, a dirigir o trânsito:

– Depressa! Depressa! O Inverno está ao virar da esquina!

Comprou farinha e açúcar, flocos de aveia, leiteiro e chá, ervilhas e feijões, batatas e peixe salgado, trouxe tudo para casa e fez um pão. Quando escureceu, às cinco horas, foi lá fora, levantou a saia e agachou-se na erva. Queria urinar em cada folha de erva à volta de sua casa, mas não sabia dizer porquê. Ali em cima, a erva era longa e amarga. Dunagore era um lugar estranho sem uma única árvore, nenhuma folha seca no Outono, apenas o pântano que estremecia e as gaivotas que o sobrevoavam, guinchando por baixo das nuvens inquietas. A paisagem parecia feita de metal, vigorosa e duradoura, mas para Margaret, que vinha de um sítio com carvalhos e tramazeiras, esta não tinha substância. Não haveria sombra no Verão, nem campos de cevada a amarelecer no mês de Agosto. Os céus a Este ficariam agora obscurecidos por folhas caindo, os novilhos estariam no celeiro, as vacas leiteiras acorrentadas aos estábulos.

Na manhã seguinte, quando Margaret saiu para esvaziar o balde de cinzas, o vento soprou-as contra os olhos, cegando-a. Quando entrou, decidiu que ficaria naquela casa por todo o tempo que conseguisse sem magoar ninguém ou deixar que alguém a magoasse. Se alguma destas coisas acontecesse, seguiria o seu caminho. Manteria o seu rumo, entraria num barco e atravessaria a baía até às Ilhas de Aran, iria o mais para Oeste possível sem deixar a Irlanda. Mas até lá, faria o seu melhor para manter as pessoas à distância, porque as pessoas não passavam de um incómodo.

Nem todos os homens sabem afiar uma foice ou cortar a turfa. Stack, o solteirão de quarenta e nove anos que vivia ali ao lado, era calvo e tinha os olhos semeados de cinzento. Tinha vivido e trabalhado a terra com o pai toda a sua vida até o pai morrer. Tinha trinta e oito anos quando ele falecera e agora restavam-lhe apenas os pântanos e o dinheiro da turfa. Não vivia sozinho, mas sim com Josephine, a lustrosa cabra castanha, que era a dona da casa. De dia ficava a olhar para a lareira e de noite ocupava mais de metade da cama. Stack ordenhava-a todos os dias, esfregava-lhe Palmolive nas tetas e lembrava-se sempre de lhe trazer biscoitos recheados de figo da cidade. Durante doze anos, tinha cortejado a filha de um pequeno fazendeiro dos arredores de Lehinch, pagara-lhe seiscentos e vinte quatro jantares de domingo mas ela nem o deixava tocar na bainha da saia ou afastar-lhe o cabelo dos olhos para que pudesse vê-la bem. Numa ocasião, em que ela bebera um pouco, tinha-lhe posto a mão no joelho descoberto enquanto estavam no carro junto à porta das traseiras da casa dela, mas nada mais. No final, ela acabou por casar com um homem que vendia pedra e Stack encontrou Josephine através de um anúncio no *Jornal do Fazendeiro*.

Stack não suportava a ideia de se separar das coisas. O quarto dos fundos estava atulhado até ao tecto com as canas de pesca do pai, a máquina de costura da mãe, herbicidas, frascos de compota, o velho fogão de combustível sólido. Guardava todas as roupas que já tinha usado, dos casaquinhos de bebé até às calças que recentemente lhe tinham deixado de servir, e mantinha a porta fechada porque Josephine gostava de lá entrar e de roer os chinelos da mãe.

Stack não gostava de pensar que se tornaria igual à nova geração. Os mais novos não sabiam apanhar um peixe ou desnatar o leite. Passeavam-se em carros que não podiam pagar, com crianças pequenas que nunca tinham provado o leite das mães, cometendo adultério sem pensar duas vezes. Na verdade, não chegavam sequer a pensar uma vez. Bebiam cerveja directamente da garrafa, voltavam da América e de Praga à procura de pizzas, e não distinguiam uma batata de uma ameixa. E agora, uma mulher estava a viver ali ao lado, a pegar fogo à mobília do padre, a andar pelas estradas com o cabelo todo emaranhado, como se não tivesse um pente.

O tempo ia passando e pouco acontecia em Dunagore. O vento do Atlântico empurrava as nuvens numa direcção e depois noutra, soprava notas sinistras através do poste e abria portões. O gado e as ovelhas escapavam e vagueavam por ali até serem apanhados. O carteiro quase não parava em casa de Margaret a não ser para entregar a

conta da luz. Uma vez, um homem de meia-idade veio bater-lhe à porta e pediu-lhe que assinasse uma petição para tapar os buracos da estrada. Enquanto assinava o nome, os olhos dele percorreram-lhe as feições.

– Por acaso não é parente do padre? – perguntou ele.

– Porquê, pareço-me com ele?

O homem ergueu os olhos para as suas narinas, para os olhos de cigana e para a boca em expectativa.

– Não se parece com ninguém – disse ele, e foi à porta do lado para recolher a assinatura do homem da turfa.

Margaret dormia bem, comia alimentos simples e continuava a ir até à beira do mar e avoltar. Por vezes, chegava a andar até Moher e olhava para baixo sobre os penhascos e assustava-se. Por vezes, quando lá estava, com a chuva a ensopar-lhe o cabelo e o casaco de pele de ovelha, pensava no padre.

O padre era seu primo em primeiro grau. Costumava ir a casa da família dela todos os Verões para fazer feno. Vinha quando o tempo estava bom, sentava-se no topo do monte de feno a seu lado, tirava batatas novas, aguçava o apetite, tirava cebolinhos e comia-os crus. Margaret era adolescente. O céu era azul nessa altura. Quando era mais novo, dizia que haviam de casar-se, que iriam pedir licença ao bispo, criar gado Shorthorn e ter duas crianças, um parzinho, como os pombos. Margaret via-o a voltar dos campos com uma mão cheia de trevos, a dizer que o prado não tinha comparação. E depois foi para o seminário, e tornou-se o orgulho de uma família que já não o chamava pelo nome:

– Mais um pouco de molho, Padre?

– Acha que o Limbo existe, Padre?

– O meu pai disse onde ia, Padre?

Apesar de voltar todos os verões para fazer feno, nunca mais voltou a sentar-se nas valas a desembaraçar os nós do cabelo dela, a falar sobre as crianças que haveriam de ter. Os verões passaram e toda a família, em vez de pôr o gira-discos a tocar e abrir a cerveja preta quando o feno já estava guardado no celeiro, se ajoelhava e respondia ao terço.

Margaret tentava não pensar no padre. Depois das caminhadas que fazia, sentava-se com os pés numa bacia de água com sabão a ouvir a “Raidió na Gaeltachta”, ou enfiava-se na cama dele com a botija de água quente, aprisionando a luz do candeeiro no ângulo

recto dos livros. Por vezes, dava com uma passagem que ele tinha sublinhado mas as palavras não tinham nenhum sentido especial. Nada que tivesse encontrado naquela casa significava alguma coisa. Por vezes, via a sombra dele ao lado da cama, sentia a sua presença fria ensombrá-la e via de novo o seu colarinho aberto, as sementes do feno presas nos punhos da manga, mas era apenas o fantasma dele.

Se atentava, antes de adormecer, no que o seu vizinho estaria a fazer deitado na cama do outro lado da parede em frente, não era por muito tempo. Tentava não pensar em nada por muito tempo. Pôr o passado em palavras parecia inútil quando o passado já tinha acontecido. O passado era traiçoeiro, movia-se paulatinamente. Iria alcançá-la no seu devido tempo. E em todo o caso, o que é que se podia fazer? Os remorsos não alteravam nada e a dor só o trazia de volta.

Sem dúvida, ela era alvo de curiosidade. Alguns diziam que os parentes dela tinham morrido todos e que o padre era o seu tio, que tinha tido piedade dela e lhe tinha deixado a casa. Outros juravam que ela era uma mulher abastada cujo marido fugira com uma adolescente, deixando-a de coração partido. A altas horas, no pub, era do conhecimento geral que o padre se apaixonara por ela, que ela tinha tido um filho dele e que o tinha perdido, que ele na verdade não tinha ido para a missão daquela vez em que tinha ido para a missão.

Na noite do Dia de Finados, o homem de meia-idade que lhe tinha dado as brasas bateu à porta mas Margaret ficou parada a olhar para ele através do vidro. Ele acabou por ir-se embora. E as mulheres disseram que ela devia estar a passar pela mudança da vida:

– A lua nova é madrasta para mulheres como ela – disse uma mulher em Lisdoonvarna, apalpando o coração murcho de uma couve.

– Ah, isso sabe-se – disse outra. – A lua vai puxá-la como a maré.

Stack, como qualquer homem que nunca conheceu mulher, pensava que sabia muito sobre as mulheres. Pensou em Margaret Flusk, à medida que conduzia para casa de Lisdoonvarna, com Josephine sentada no banco ao seu lado.

– Não seria terrível – disse ele –, se aquela mulher engraçasse comigo? Só tinha de derrubar a parede entre as duas casas e acabar com a nossa paz para sempre.

Tudo o que ela precisava era de um motivo para bater à porta dele. Se ela tivesse um motivo para bater, ele tinha a certeza de que a deixaria entrar. Se ele a deixasse entrar uma vez, ela voltaria a entrar e depois ele entraria na dela e aí começavam os

problemas. Um iria precisar de uma vela e outro iria querer uma pá emprestada. Uma mulher seria uma desvantagem terrível: obrigá-lo-ia a ter a roupa a condizer e a tomar banho. Faria com que tivesse de conduzi-la até à beira-mar todos os dias de bom tempo, com um cesto de piquenique cheio de bananas e sandes de atum, e perguntar-lhe-ia onde tinha ido quando ele só tinha ido a Doolin ou a Ennis buscar óleo.

Dezembro chegou molhado. Margaret nunca tinha visto tanta chuva. Não caía do céu, vinha inclinada, no vento. Havia sal nas janelas e um cheiro a algas no ar. As pessoas da cidade dedicavam-se à bebida enquanto os pássaros passavam fome. Jogavam aos dardos por perus e cestos, saíam e entravam novamente, a cambalear. As mulheres levavam abetos mortos e azevinho para dentro de casa, penduravam luzes eléctricas multicoloridas por baixo dos beirais. As crianças deitavam mão à caneta e enviavam cartas para o Pólo Norte. O carteiro não tinha mãos a medir mas Margaret nem sequer recebeu um cartão.

Na noite anterior à Véspera de Natal, caminhou até aos penhascos e voltou. Tinha escrito algumas linhas à mãe sem ter resposta. A mãe podia estar morta que ela não tinha modo de saber. O mar estava endoidecido, a devorar a terra. Quando chegou a casa já estava encharcada. A chuva salgada fazia-a sentir frio e calor ao mesmo tempo. Estava a escurecer mas não se via uma única luz em toda a paróquia. Não havia electricidade. Margaret atirou erva para o fogo. A turfa não tinha secado bem; ficou a consumir-se lenta e tristemente na grelha, ardeu sem fazer chama. Desejava ter lenha, grandes achas de tramazeira que pudesse cortar ao meio com um machado. Imaginou-se lá fora numa boa manhã gelada a rachar lenha, a amontoá-la contra a parede, e o cheiro e o calor que dela emanariam. Mas a lenha era rara em Dunagore. A sua mãe, que pouco dizia, cantava em gaélico:

Cad a dhéanfamid feasta gan adhmad?

Tá deireadh na gcoillte ar lár.

Nessa noite, Margaret acendeu uma vela, pôs os pés numa bacia de água com sabão e viu a turfa a consumir-se. Pensou se o padre teria ido para o Inferno. O padre acreditava no além, em Deus, no Céu e no Purgatório, em tudo isso. Dizia que não valia a pena acreditar no Céu se não acreditássemos no Inferno. Margaret perguntou-se se se juntaria

a ele lá, mas parecia-lhe mais provável ser transformada num “pucán” ou em erva-labaça.

Bebeu duas garrafas de cerveja preta e sentiu o passado a despontar, todos aqueles verões de compromisso infantil, ambos a dizerem que se iriam casar e depois ele a partir e toda a família a vê-lo ser ordenado. Ele a voltar para fazer feno sem sequer um aperto de mão, a comer o entrecosto e molho de salsa que ela fazia, e a andar sozinho pelo bosque atrás dos prados. Ela encontrava-se com ele nas escadas, no estábulo, na azinhaga das traseiras onde as dedaleiras cobriam as valas de cor-de-rosa, mas ele passava por ela com um simples acenar de cabeça como se ela fosse uma sombra do que outrora fora.

E então, uma noite, um forte aguaceiro caiu do nada. A casa estava soturna; o feno estava apanhado.

– É o nosso fim – disse o pai, frente à janela.

– É só um aguaceiro.

A mãe, sempre a tentar pacificá-lo.

– Bem podemos dizer-lhe adeus. Eu disse que não devíamos ter apanhado hoje. Não disse que não devíamos ter apanhado?

O pai a desejar que a chuva caísse com mais força para provar que tinha razão.

– Amanhã vai estar bom tempo, de certeza

– O que é que estás a dizer, mulher? Estamos acabados.

Margaret saiu no meio da chuva e foi até ao bosque. Sentia-se sempre um pouco mais segura quando estava ao ar livre. Os abetos molhados pareciam quase azuis. Sentia-se o cheiro dos fetos húmidos. Na brisa húmida tremiam anémonas selvagens. Parou na clareira onde cresciam as sorveiras-bravas. Os ramos prateados oscilavam prazenteiros, fazendo as folhas estremecer. O padre passou ali na azinhaga, fumando um cigarro, a camisa aberta no pescoço e molhada nos ombros. A única razão de ter dado a conhecer a sua presença foi, simplesmente, a de perguntar porque ele nunca a olhava nos olhos ou perguntar-lhe como estava. Será que o homem que tinha prometido casar com ela nem lhe conseguia perguntar como estava? E depois ela alcançou-o e ele mostrou-lhe porquê. Deitaram-se sem uma única palavra na erva molhada e ela soube – à medida que ele colocava a sua semente dentro dela – que iria pagar por isso. Depois, ele levantou-se, deu uns passos lentamente por entre as árvores e fumou um cigarro. Depois, voltou costas e foi-se embora sem dizer uma palavra.

Era noite quando Margaret se levantou. Caminhou até casa, observando o topo das árvores e, para lá dos seus ramos, o pedaço amarelo de lua. A experiência era quase como tudo o resto; não era um remendo no que poderia ter sido.

Agora, por vezes, imaginava onde estaria, o que poderia estar a fazer se não tivesse dado a conhecer a sua presença. Estava constantemente com medo de dar um passo, por mais pequeno que fosse, em qualquer direcção. A maior lição que o padre lhe tinha ensinado era aprender onde um só passo pode levar. Olhou fixamente para o relógio por cima da cornija da lareira e voltou a si. A água de lavar os pés tinha arrefecido. Secou os pés, disse alguns palavrões para não chorar, e adormeceu na cadeira.

Quando acordou, o fogo estava quase apagado e a vela tinha ardidido até não restar nada. Lá fora, nem uma luz tremeluzia nas casas à volta da costa. As aldeias de Doolin e Lehinch ainda estavam imersas em escuridão mas o último quarto daquela lua de Inverno brilhava sobre o jardim. A cabra do vizinho estava apoiada nas patas traseiras, a comer tudo o que estava ao seu alcance, mas Margaret não sentia energia para enxotá-la. A lua e as nuvens pareciam tão quietas. Era quase Natal. Secou os pés, foi até à cama do padre, e sonhou que era um homem.

No seu sonho, havia um sótão em cujo chão brotava erva. A erva crescia mais alta do que uma casa, os seus talos inclinando-se para Oeste, depois Este e depois Oeste de novo, apesar de não haver vento. Margaret estava indolentemente deitada de costas, vestindo apenas umas calças de homem e quando pôs a mão lá em baixo, em vez de um pénis, havia um lagarto gordo que era parte dela, a cauda musculada abanando de um lado para o outro. Uma mulher que se parecia com ela entrou vinda de outro século, vestindo uma espécie de tecido nodoso. Quando viu o lagarto, não hesitou e pô-lo dentro de si à mesma, e quando Margaret acordou teve de se apalpar para ter a certeza de que não estava a tornar-se num homem. Quando olhou para a mão teve um choque agradável, pois viu sangue. Pensava que tudo isso tinha acabado. Levantou-se, foi à casa de banho e lavou-se.

Era quase manhã. A luz cinzenta emoldurava as cortinas ondulantes. A casa era uma armadilha cheia de correntes de ar. Lá fora, soprava uma ventania. Margaret estava habituada a ver o vento achatando a erva alta à frente da casa mas era estranho não ouvir a sua força nas árvores. Nunca se acostumaria a Dunagore, sabendo que nenhuma semente criaria raízes e se tornaria um plátano nas redondezas daquela casa. Conseguia, agora, cheirar o seu próprio sangue. Afinal, ainda era uma mulher capaz de ter filhos.

Enquanto pensava nisto, viu a bacia com a água de lavar os pés. Abriu a porta das traseiras e atirou-a ao vento. O vento soprava tão alto que gritava como um homem.

Nessa mesma noite, do outro lado da parede, Stack não conseguia dormir. Isto acontecia frequentemente. Perguntava-se se havia homens que dormiam mesmo a noite toda e acordavam repousados. Algumas noites, gostava de estar acordado sabendo que os outros dormiam. Sentava-se junto à lareira, a comer bolos com creme e a ver televisão com Josephine. Outras noites, desejava a companhia de outro ser humano, alguém capaz de mudar de canal e pôr a chaleira ao lume. Cobriu Josephine com o seu casaco. Os cascos dela tremiam. Ela sonhava muito e comia coisas nos sonhos. Em noites agradáveis, por vezes, punha o chapéu e o casaco e caminhava pelos pântanos.

Naquela noite em que a electricidade faltou, bebeu cinco whiskeys quentes e pensou no passado. Nada iria conseguir comparar-se ao passado: a mãe a rir quando reparou que ele usava a mão esquerda; o pai a ensiná-lo a barbear-se; aquele Verão em que todos apanharam um escaldão no pântano e fizeram turnos a pôr a loção de calamina. Como era estranho ouvir o pai a cantar e como a canção fazia a mãe corar. Mas a mãe e o pai tinham morrido. Estava a pensar na morte e em como ele próprio iria morrer, quando foi, um pouco cambaleante, até casa de Margaret. Acreditava que iria morrer sozinho e que não dariam com ele até que Josephine comesse a porta e alguém a reconhecesse na estrada, mas a morte, pelo menos, era certa. Todos os homens precisavam de ter a certeza de algo. Ajudava o dia a fazer sentido.

Foi até à porta das traseiras de Margaret e ficou ali a ouvir. Não havia movimento. Estava a clarear e a luz do sol, sem que o sol tivesse aparecido, era visível para além dos penhascos. Ninguém sabia que ele ali estava. Gostava de estar à porta dela sabendo que a mulher estava lá dentro, adormecida e segura. Ficou ali durante muito tempo a imaginar que ela era sua. Então a porta abriu-se e Margaret saiu, meio a dormir, com uma bacia de água, e atirou-a à cara dele.

Foi para casa e tirou a roupa. Josephine tinha ido para a cama. Ao lado dela, sentiu a cabeça a andar à roda e o chão a fugir-lhe debaixo dos pés. Começou a suar e soltou gases. Sentiu a pedra que tinha sempre na garganta a aumentar, a descer até ao estômago. Sentou-se na sanita por muito tempo até ela passar e, quando passou, era do tamanho de uma garrafa de cerveja preta. Quando se viu ao espelho, um estranho devolveu-lhe o olhar. O estranho era mais velho do que ele pensava e tinha os lábios afastados.

Adormeceu e sonhou com Margaret a usar uma pele de urso, a montar Josephine através dos pântanos de Clare. Tinha as pernas e os braços musculados. Seguiu as pegadas de Josephine até chegar à beira mar. A mulher deu um açoitete forte em Josephine com uma tira de couro molhada, incitando-a a entrar no mar, e o par arrancou. As ondas estavam altas. Stack ficou à beira da costa, chamando Josephine para que ela voltasse:

– Oh, Josie! Volta para mim! Josie!

Mas ela ia ficando cada vez mais pequena até que acabou por ver Margaret a desmontar na costa de Inis Mór e homens com mãos vermelhas a rodeá-la, conduzindo Josephine pelo freio, levando-a para longe, subornando-a com chocolate.

Quando acordou, sentiu-se um homem novo. Eram onze da noite. Tinha passado a Véspera de Natal a dormir. Parecia quase impossível, mas Josephine estava em cima dele, mordiscando-lhe a carne macia dos braços. Abriu a porta e deixou-a sair. Margaret Flusk é selvagem, pensou ele. Não tinha ele visto o seu seio nu por baixo da pele de carneiro? Não mijava na rua? Não se tinha levantado durante o sono, sabendo que ele lá estava, e nem sequer pestanejava quando ele gritou?

Na manhã de Natal, tomou um banho. Não tomava banho desde o “Halloween”. A electricidade ainda não tinha voltado. Ferveu água no fogão a gás e quase se queimou. Engraxou os sapatos, ordenhou Josephine em frente à lareira e pôs um naco de carne no forno. Não sabia porque estava a reparar em si ou a lavar-se, a não ser que fosse por ser Natal e se sentir novo e forte. Se ao menos não lhe tivesse caído o cabelo. O pai, até ao dia em que o puseram no caixão, tinha uma farta cabeleira. O cangalheiro tinha-o penteado enquanto o preparava na agência funerária mas Stack não chorou até o funeral ter acabado.

Agora, tirou uma enguia do frigorífico e pô-la na frigideira para fritar. Era uma lembrança de Natal do peixeiro de Ennistymon que sabia que Stack gostava de enguias. Tinha a certeza de que ainda estava boa. Olhou para a enguia negra a retorcer-se na frigideira. Parecia viva e, por um momento, teve dúvidas. Levantou-se com ânimo, pôs as ideias no sítio e foi até à casa do padre.

Margaret não estava vestida. Estava a coçar-se e a pensar. Gostava de vaguear em camisa de noite a dar voltas à cabeça, a beber chá pela manhã. Foi até à casa de banho e certificou-se de que ainda estava a sangrar. Era estranho estar a produzir ovos de novo. Não seria maravilhoso se pusesse um? – pensou ela – como uma galinha. Quando era

criança, tinha seguido uma galinha durante dias com os olhos tapados por um chapéu, pensando que a galinha não a conseguia ver, mas Margaret nunca encontrou o ninho. A galinha enganava-a e desaparecia por entre os fetos. Depois, vinda de não-sei-onde, aparecera no quintal com uma ninhada de onze pintos.

Se ao menos pudesse excluir o homem, pensou Margaret, talvez pudesse ter um filho. Um homem era um transtorno e uma necessidade. Se tivesse um homem, teria de o persuadir a tomar banho e a usar garfo e faca. Rasgou uma toalha ao meio e fez um penso higiénico, aqueceu o bule e esperou que o chá abrisse. Do outro lado da vidraça, vestindo apenas uma camisa e olhando fixamente para ela, estava o solteirão da casa ao lado. Queria ficar ali e simplesmente retribuir o olhar, mas era Natal e, por decência, abriu a porta. O solteirão parecia lavado mas exalava um cheiro esquisito.

– O meu nome é Stack.

– Stack? – que raio de nome era aquele?

– Sou o seu vizinho – disse ele, indicando, com um gesto, a casa dele.

– Ai é?

– Que Natal este, e você sem electricidade para fazer o jantar.

– Não importa.

– Venha tomar o pequeno-almoço. Tenho gás.

– Tem gás! – riu-se Margaret.

– Sim.

– Não tenho fome.

– Não tem fome. Essa é boa. Não sabe que a lua está a mudar?

– A lua? – retorquiu Margaret. – Que sabia ele sobre a lua?

– Vista a sua pele de ovelha, mulher – disse ele. – Despache-se. O pequeno-almoço vai ficar em cinzas.

Ela não pensou. Vestiu a pele de ovelha, calçou as botas e seguiu-o pelo caminho até ao portão da frente, que abria e fechava nas dobradiças. Havia caganitas de cabra por todo o quintal. O alpendre estava atulhado com peças de bicicleta e com a cabina de um tractor, e a cozinha estava mais escura do que o mar. À luz do gás, viu vários tipos de pás encostadas à parede da chaminé e, pendendo de uma viga central, uma foice. Uma cobra viva estava a fritar numa poça de óleo. Na mesa estavam fatias grossas de pão castanho e uma embalagem de margarina. Margaret, vestindo apenas a camisa de noite e

o casaco, sentiu-se mais bonita do que nunca. Estou a produzir óvulos, pensou. Estou a sangrar. Não passou a minha altura. Que este dia seja o que Deus quiser.

Stack empunhava um pacote de ervilhas descongeladas junto à vela para ler as instruções.

– É melhor cozinhá-las antes que se estraguem.

Margaret conseguia ler as instruções do sítio onde estava sentada. Talvez ele estivesse a ficar cego. E as coisas que ele guardava: conchas, um calendário de 1985, caricas, pilhas gastas, fotografias de papas já mortos. Havia uma fotografia de Stack quando tinha cerca de vinte anos e uma farta cabeleira, três imagens do Sagrado Coração, barómetros, e na janela, atrás da televisão, uma ventoinha para impedir que o vidro se embaciasse. Com que então, ele gosta de saber quem anda por estes caminhos, pensou ela. Por uma porta aberta, viu uma cama grande por fazer. Sentia o cheiro da cabra. Talvez a cabra dormisse com ele. Imaginem lá.

– Não ligue à casa – disse ele. – Não tenho mulher.

– Não?

– Bem, já tive uma mulher e agora não tenho pena de não a ter. Saía demasiado cara.

– Talvez devesse procurar uma mulher com dinheiro.

– Uma mulher com dinheiro não me ia querer.

– Porquê, tem alguma perna de pau?

Ele riu-se. Era um riso estranho, aproximava-se mais da tristeza do que do divertimento. Por um momento, imaginou a vida dele e sentiu pena. Será que alguém realmente sabia o que outro estaria a passar?

– Não, graças a Deus. E pelo que vejo, as suas pernas também não são de pau.

Ele estava a juntá-las, a somá-las mentalmente.

– Deve ter desistido cedo da escola – disse Margaret.

– Porque é que diz isso?

– Fica mais complicado depois de se aprender a somar.

– O quê? – replicou ele. – Oh, você tem a língua de uma mulher brava.

Quando ele disse a palavra, ela voltou a estar por baixo das sorveiras-bravas. Nem ela nem o padre tinham conseguido controlar-se. Ela sentiu-o em cima dela, ofegante, a virar-se de barriga para baixo, a puxar a braguilha para cima, envergonhado. E a excitação de tudo aquilo: a excitação depois de uma década a sentarem-se em montes de feno, a comer cebolinhas, ele a deixar-lhe a primeira primavera no selim da bicicleta.

Ao quebrar os seus votos de celibato, parecia possível que ele pudesse, de alguma forma, fazer outros. Também houve sangue nessa noite. Para além da cabeça dele via as bagas laranja reluzentes das sorveiras-bravas.

– A Josephine é mais bem tratada do que qualquer mulher na Irlanda – dizia Stack, acenando em direcção à poltrona.

Ali, no escuro, a cabra olhava fixamente para ela. Tinha uns olhos assustadores. Stack estendeu a mão e tirou um ramo de azevinho que estava por trás de um quadro. Margaret pensou que ele lho ia dar mas ele deu-o a Josephine, que o comeu.

– Veio de que zona do país? – perguntou ele.

– Wicklow.

– Os chupa-cabras – disse ele. – Isso explica tudo.

– Convidou-me para me insultar?

– Não é preciso muito, você é orgulhosa – disse ele, picando a enguia com um garfo.

– Isto está pronto. Puxe uma cadeira.

Ela não queria puxar uma cadeira, não queria sentar-se naquele sítio horrível a comer cobra frita, com todas aquelas pessoas mortas nas paredes. Bem, do que é que ela estava à espera? O que é que acontece quando uma mulher segue um homem até à casa dele, vestindo pouco mais do que uma camisa de noite, na manhã de Natal? Mas ela sentia o cheiro de carne queimada e torradas, via o pote a fumar. Ontem, não tinha comido. É o estômago, e não o coração, que nos move, pensou ela. Estava grata pela escuridão da sala de forma a não ver a extensão da sujidade e poder comer na ignorância. Josephine estava sentada debaixo da mesa com uma torrada com manteiga só para ela.

– A maioria das pessoas tem cães – disse Margaret.

– Ah, mas a cabra! – disse Stack, começando com o seu assunto preferido. – A cabra é uma grande vantagem. Come de tudo. Vai a qualquer lado. Tem o dobro do tamanho de qualquer cão, é como um aquecedor que anda por aí a aquecer a casa e, ainda por cima, tenho leite. Gosta de leite de cabra?

– Não. Mas dizem que só as crianças distintas são baptizadas nele.

– Ai dizem?

Ele olhava para a carne que estava no forno. Tinha começado a cuspir molho e ele baixou o lume.

– É daquelas mulheres supersticiosas?

Tinha a boca tão cheia que não conseguia responder. A enguia estava ótima. Certa vez, a mãe tinha-a levado a comer ao centro comercial, onde se comia bem por pouco dinheiro. Um vizinho entrou e pediu o prato. Tinha o rosto branco. A mãe dela viu-o a receber o jantar e a ir para um canto de costas para todos os vizinhos e disse:

– Vês aquele homem, ali? Se alguma vez vires um homem como aquele, deixa-o em paz até ele estar cheio. Um homem assim é perigoso.

Margaret, agora, sentia-se como esse homem. Bebeu o chá, comeu várias fatias de torrada e a maior parte da enguia.

Stack olhou para o grande nariz dela e para o cabelo comprido e voltou a encher-lhe a chávena. Cortou mais um pedaço de enguia e observou-a. Enquanto ela comia não pôde deixar de imaginar como seria um filho que tivessem juntos.

– Não tem saudades da sua terra?

– Sinto falta das árvores – disse ela. – Sinto falta das tramazeiras.

A sorveira-brava, a tramazeira, são todas o mesmo.

– Bem, não a censuro por isso – disse ele. – Não há melhor fogo do que o fogo de uma tramazeira.

Margaret engoliu o resto do que tinha no prato e olhou para ele. Olhou para os seus olhos cinzentos. Parecia uma pessoa decente, e porque haveria ela de se importar que ele fosse esquisito? As melhores pessoas que conhecera eram esquisitas.

Stack continuou a falar. Criticou a juventude e a turfa, o “Taoiseach”, falou de resoluções de Ano Novo e escaldões. Quando parou para recuperar o fôlego, Margaret foi para casa.

É um homem solitário, pensou. E está desesperado. Mas aquela cabra! Não tinha tempo para aquela cabra, sentada a direito como uma bruxa no escuro.

Quando Margaret chegou a casa, a porta estava escancarada e uma ninhada de rafeiros pretos corria pelo soalho. Tinham roído os cantos dos livros da biblioteca, tinham-se empoleirado na mobília e deixado marcas de patas sujas por cima da sua linda colcha branca. Um cachorro preto aproximou-se a passo rápido, lambeu-lhe a mão e abanou a cauda. Ela virou-o e viu que tinha um pénis por baixo da barriga. Pô-lo fora de casa e pensou em Stack. Não percebia porque tinha seguido um estranho até casa dele e comido toda aquela comida que podia estar envenenada. Ainda via a grande cabeça careca e ele a estender a mão para o ramo de azevinho.

Nessa noite, viu crianças a reunir os cachorros, assobiando, lanternas a brilhar, olhos verdes a correr como demónios em todas as direcções. Havia cães no cemitério na noite em que andou por cima da campa do padre. Portanto, estavam de volta. O padre era ciumento mas o padre estava morto. Sentiu um arrepio desagradável e puxou o casaco de lã por cima da camisa de noite. Não tinha maneira de pôr a chaleira ao lume para aquecer uma botija de água quente. Sentou-se à luz da vela até a vela se consumir. Depois foi às apalpadelas até ao quarto e deitou-se na escuridão, sabendo agora o que havia do outro lado da parede.

Quando os pubs abriram depois do Natal, houve falatório. A Flusk foi vista a sair de casa de Stack apenas com uma camisa de noite.

– Deve tê-la tosquiado – disseram eles, pois não havia sinal da pele de ovelha.

Stack levou-a do quintal até à casa dela. Alguns disseram que as coisas ficaram por aí.

– Deve andar a beber o Bovril, deve – disse o merceeiro.

– Mas ele não precisava de uma escada só para lhe chegar às cuecas?

– Ah, somos todos da mesma altura quando estamos deitados – disse um velho.

– Imaginem os dois com' vieram ao mundo – disse a mulher do dono da loja de panos. – Iam assustar-se um ao outro.

– Maior era o susto dela – disse a empregada do bar que era solteira e estava cada vez mais velha, fingindo não se importar. – Duas pedras de granizo e uma cauda de rato.

– Tu lá sabes – disseram todos, porque sabiam que a empregada do bar não se ia importar nada de viver lá em cima na casa de campo com Stack, a olhar cá para baixo para todos os turistas na época estival e ele com muito dinheiro e sem ninguém com quem o gastar, só ela e Josephine.

Em Dunagore, o fumo continuou a elevar-se. Margaret comprou duas caixas de pensos higiénicos no supermercado e pôs as mulheres a falar.

– Ainda vamos ter um bebé em Dunagore!

– E o Stack há-de ser o pai babado, não é?

– Claro, então não vem aí a Primavera?

Margaret caminhava entre os aguaceiros, mantinha-se atenta aos óvulos e às mudanças na lua. A luz do dia durava mais tempo mas, à medida que a noite chegava, o sol vermelho afundava-se sempre no mar. Havia espuma suja a flutuar à beira-mar. A urze era espessa e, com um novo vigor, crescia como cabelo pelos pântanos. Os turistas

iam até Doolin em busca de música irlandesa e mexilhões, de indicações para os poços sagrados. Vinham homens de Dublin para se porem à prova no campo de golfe de Lehinch; perdiam bolas e encontravam outras. Uma viajante à boleia bateu à porta de Margaret e perguntou, num sotaque alemão, para que lado ficava o Este. Margaret apontou para sua casa e a jovem arrancou dali em direcção aos campos. No Dia de São Valentim, veio cá fora e aí, frente à sua porta, estava um carregamento de lenha de tramazeira. Stack tinha-o deixado durante a noite. Tinha feito um telefonema enquanto estava bêbedo, tinha ido até Limerick e trocado dois carregamentos de turfa pelo carregamento de lenha.

Margaret entrou no carro e conduziu até Ennistymon. Encontrou outro carro e não conseguiu evitá-lo na estrada estreita. Ambos perderam os espelhos laterais, pararam, encolheram os ombros e puseram-se a caminho de novo. Quando chegou à cidade, o homem na ponte fez-lhe sinal para parar:

– Sete couves por uma libra.

As pessoas compravam cartões, rosas vermelhas. Margaret comprou um machado, voltou e passou a manhã a rachar a tramazeira. Nessa noite, fez uma grande fogueira. Sentou-se junto ao lume com os pés na bacia, a suar. Bebeu o xerez que comprara para um doce que nunca tinha feito e pensou no filho. Teria nove anos, se estivesse vivo. Tinha ouvido a banshee na noite anterior à sua morte mas confundiu-a com um gato vadio. A criança estava a dormir no berço, naquela noite. Costumava dormir tão profundamente que a fazia ficar nervosa. Por vezes, punha a mão junto à boca dele para se certificar que ainda estava a respirar. Colocara a mão junto à boca dele várias vezes nessa noite e na manhã seguinte ele estava frio, o tom arroxeadado nos lábios. Ela parou o relógio e correu para o bosque com ele nos braços. Ficou lá toda a noite mas no final acabou por vir para casa e enfrentar tudo.

– Morte súbita – disse o médico. – Acontece.

Nunca lhe perdoaria por isso. Em todo o caso, não era o tipo de perdoar; perdoar poderia significar esquecer e ela preferia agarrar-se à sua amargura, e à sua memória. Mas sempre se culpou.

Pouco depois do nascimento, um pescador de Rosslare veio vê-la:

– Ouvi dizer que tem uma coifa – disse ele. – Dou-lhe até ao meu último tostão por ela. O meu pai e o meu único irmão morreram afogados.

– Não era capaz de a vender.

- Se me deixar comprar essa coifa, vou estar seguro no mar.
- Não a vendo, nem por amor, nem por dinheiro.
- Bem, dinheiro é tudo o que tenho para dar – disse ele, e foi-se embora.

Ela sabia que não era correcto recusar a oferta mas não conseguia separar-se dela. E depois a criança morreu e ela acabou por atirar a coifa para o fogo. O que mais a perturbou foram as pequenas coisas que ele nunca fez; pensar que ele nunca tinha dado um passo nem subido a uma árvore nem visto um Verão molhado. Tinha tomado como garantido um futuro de trabalhos de casa à mesa da cozinha, livros de exercícios assinalados com estrelas prateadas e douradas, um taco de hóquei sujo do lado de dentro da entrada, medir-lhe os ombros para um blazer. E depois o futuro apagou-se, desapareceu, como algo que cai para longe da vista sem um único som.

Fevereiro transformou-se num Março de climas instáveis. A superstição de Margaret intensificou-se. Quando passava no pub de Doolin para comer uma tigela de sopa e via uma gata sentada de costas para a lareira, corria lá para fora e encomendava mais carvão. As colinas pareciam sempre mais perto e mais escuras antes de chover. Certa manhã acordou e viu um corvo pousado em cima do guarda-fatos. Pegou no carro, foi até à capela e acendeu uma vela pela alma do filho. Era a primeira vez que ia à capela. Uma velha estava ajoelhada fora do confessionário. Margaret acendeu uma vela aos pés de Santo António, ajoelhou-se no banco da frente e olhou fixamente para o púlpito. Imaginou o padre ali, a pregar sermões enquanto a sua barriga crescia com o filho dele. Não tinha tencionado rezar mas quando levantou os olhos tinha os joelhos doridos, a mulher desaparecera, e havia crianças a ensaiar a Primeira Comunhão. Observou cada um dos rapazes, procurou o rosto de um filho que nunca veria, encheu a garrafa de xerez na pia baptismal do pórtico e atravessou a praça.

Ao lado da banca dos vegetais, estava estacionada uma caravana. *Venha conhecer a Madame Nowlan, Vidente do Futuro*, dizia o letreiro. Margaret continuou o seu caminho até ao hotel e pediu um arenque frito. Lá fora, os corvos pareciam ansiosos. Quando acabou de comer, queria qualquer coisa para beber mas não sabia bem o que pedir. Costumavam ter whiskey em casa para os bezerros doentes, e “poteen” para esfregar nos galgos, mas ninguém bebia nada a não ser cerveja preta no Natal ou quando o feno estava guardado. As pessoas raramente vinham a casa deles, mas quando vinham, bebiam o whiskey dos bezerros e o pai depois queixava-se por ter de sair e comprar mais.

Foi até ao bar e apontou para uma garrafa. No rótulo, estava escrito Sambuca. Pediu uma dose grande. O barman perguntou se ela o queria simples e ela disse que sim, pensando que talvez ele se referisse ao copo. Sabia a alcaçuz e tirou o sabor do arenque. As pessoas entravam a olhar para ela. Podia ler-lhes a mente. É aquela a mulher que teve o filho do padre. É aquela a mulher que vive sozinha. É aquela a mulher por quem o Stack anda embeijado. Quando já não aguentou mais, levantou-se e dirigiu-se à caravana.

Relutantemente, avançou para a luz do candeeiro. Madame Nowlan estava a comer um bolinho de frutas secas, a tirar as passas da massa com as unhas. Tinha o cabelo louro e um bronzeado falso. Um bule de chá tinha ficado em cima da mesa.

– Quer que lhe leia a sina, minha querida?

– Não sei bem.

– Entre. Não há mal nenhum.

No rádio dela, Willie Nelson cantava uma canção sobre amar alguém na sua forma peculiar.

– Vou ler as suas folhas.

Margaret bebeu o chá e conversaram um pouco sobre o tempo. A mulher era uma perita em chuva. Era uma sensação estranha conversar com outro ser humano. Não tinha tido uma conversa desde o Natal e parecia-lhe um esforço terrível, tentar compreender as palavras de outra pessoa, depois as dela e todas as possibilidades de mal-entendidos que ocorriam entre as duas. Madame Nowlan tirou um espelho do bolso e pôs batom.

– Como estou?

– Está bem.

Depois agarrou na chávena de Margaret e, casualmente, começou a ler as folhas.

– Vejo um filho morto de um homem cá da terra. Vejo uma propriedade, uma casa numa colina, e uma terrível vergonha. Não há razão para essa vergonha. Não teve culpa de a criança morrer. Vejo o número sete e um homem com um S no nome. Já conhece este homem. Há árvores nas suas lembranças. É teimosa como uma mula. Não fique no sítio onde está. Há uma sombra nas traseiras daquela casa. Deve educar o seu filho na língua gaélica. Quem é esta cabra? Há aqui um ciúme que não consigo perceber.

– O meu vizinho tem uma cabra.

– Não é saudável, esta cabra. Bem, perdeu e recuperou a sua fertilidade. Isso é claro. Porque é que a sua gente é tão dura? Viraram-lhe as costas por causa deste homem

religioso. Tenha outro filho – disse ela. – Agora é a altura certa. O próximo filho vai fazer com que a sua vida valha a pena. Depois dele, vai deixar de olhar para baixo nos penhascos. Mas dê ao próximo marinheiro a sua coifa. O último homem a quem a recusou morreu afogado.

– Não morreu nada.

A mulher estava silenciosa, agora.

– Isso é terrível – disse Margaret, olhando para os pés.

– Há alguma coisa que queira perguntar?

Não conseguiu falar por um bocado. Acabou por dizer:

– Vê alguma coisa sobre a minha mãe?

– A sua mãe? A sua mãe foi para um sítio melhor.

Margaret agradeceu-lhe e deu-lhe tudo o que tinha no bolso. Ao conduzir de volta, as estradas pareciam mais inclinadas, as sebes mais altas. Os póneis pareciam enormes. Demorou vários minutos até conseguir meter a chave na fechadura e quando conseguiu, foi despir-se e sentou-se frente à lareira. Ficou no chão sem se aperceber, até sentir o gosto do sal, de que estava a chorar. Começou a gemer de dor. Stack ouviu os lamentos dela através da parede de pedra.

Passadas umas horas, saiu de novo, nua à excepção da pele de ovelha e botas de couro, caminhando pela estrada em direcção aos penhascos. Stack seguiu-a mas não tinha as pernas tão compridas como as dela, e só a conseguiu apanhar quando ela parou em Moher. Estava deitada de barriga para baixo na erva molhada, a olhar para o precipício. Passou um ror de tempo. Estava a escurecer: Stack manteve-se a uma boa distância mas não tirava os olhos do pescoço dela até que Margaret se voltou e olhou para ele. Parecia selvagem mas a sua voz era calma.

– Estava apaixonada por ele – disse ela simplesmente.

– Isso sei eu.

– Perdi o filho dele. Olhe.

Abriu dois botões e mostrou-lhe a cicatriz da cesariana.

– Deve ter sido horrível.

– Foi – disse ela. – Foi terrível.

As ondas continuavam a formar-se na superfície do oceano. O vento não soprava com força mas também não parava. Nenhum deles queria que alguma coisa parasse.

Stack desejou ter uma farta cabeleira. Desejou não ter desperdiçado todos aqueles anos com a filha do fazendeiro.

– Nunca me apaixonei – disse ele. – Não tenho ninguém, só a Josephine.

– Isso havia de me partir o coração.

Ele virou-se para olhar para ela.

– O seu coração já está partido.

Assim que ele acabou de dizer isto, a consideração que tinha por ele aumentou. Ela tornou a olhar para o oceano. Não estava bravo. Cada onda parecia travar antes dos penhascos, abrandando antes de acabar a viagem, porém, as ondas seguintes continuavam como se nada tivessem aprendido com as anteriores.

– Deve achar estranho, eu contar-lhe estas coisas.

– Acho que sim. Mas duvido que alguma vez vá entender as mulheres. Diga-me uma coisa: que raça de mulher é que mija na rua?

Margaret riu-se. Inclinou a cabeça e os ombros sobre o Atlântico e deixou que o riso caísse. Nem o oceano nem a altura dos penhascos a amedrontaram. Enquanto o riso caía, Stack apercebeu-se de que tinha mais medo dela do que pensava.

– Vamos – disse ele. – Está a ficar escuro.

Dirigiram-se para casa. Tinham falado tanto que agora tinham falta de coisas para dizer. Alguns trabalhadores da Câmara andavam a acabar o trabalho do dia, espalhando o resto do alcatrão quente.

– Que Deus abençoe o vosso trabalho – disse Margaret.

O trabalhador olhou para cima e levou a mão ao chapéu.

À distância, as duas casas da Colina de Dunagore pareciam uma só, com o fumo de Margaret rodopiando à volta das janelas iluminadas. Stack, não querendo que a caminhada terminasse, abrandou ao chegar à colina mas Margaret não alterou os passos para que estes combinassem com os dele. Continuou a andar, as pernas nuas a subir a colina, o cabelo a esvoaçar como doido à volta da cabeça. Quando chegou a Dunagore nem sequer lhe disse boa noite, entrou em casa e fechou a porta.

O Verão chegou e a chuva amainou. As andorinhas regressaram e encontraram os ninhos, a madressilva subiu pelas valas e a urze floresceu. Um estranho bateu à porta de Margaret numa terça-feira de manhã, um homem de cabelos negros com um ar perturbado.

– Ouvi dizer – disse ele – que pode curar uma dor de dentes.

Margaret não ficou surpreendida.

– Está muito mal?

– Estou a dar em doido.

Ele sentou-se, cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar.

Margaret foi lá fora e apanhou uma rã.

– Ponha as pernas traseiras dela na boca sem a magoar e a dor vai desaparecer – disse ela. – Se a magoar a dor duplica.

Ele pegou na rã.

– Pôr as pernas traseiras dela na boca?

– Sim.

– Bem – disse ele –, eu tento seja o que for.

– Como é que soube de mim?

– Aquela mulher da caravana é que me disse. Disse-me que você era uma sétima criança, que faz curas.

Ele foi-se embora com a rã e quatro dias depois ela recebeu a primeira carta desde que chegara a Dunagore.

Cara Miss Flusk,

Nem me reconheço. Nenhuma dor desde a manhã depois de a ver e a rã fixou residência perto do barril da chuva. Muito obrigado,

John MCarthy,

leiloeiro.

Nessa noite, entregaram um carregamento de madeira de bétula à sua porta.

– O que vem a ser isto? – perguntou Margaret.

– Sei lá – disse o tipo do camião. – É do homem da dor de dentes. É tudo o que sei.

Em breve, toda a paróquia começou a aparecer. Havia homens com furúnculos e mulheres que não queriam ter mais filhos; mulheres que desesperavam por filhos, e uma criança, nascida no Dia de Natal, que via fantasmas e não conseguia comer. Tinham cobreiro, gota, pedras na garganta, maus joelhos e estábulos assombrados. Margaret punha as mãos nestes desconhecidos e sentiu os seus medos, e esses medos deixavam-

na com o coração aos pulos. As pessoas foram embora em boa fé e as suas doenças e aparições desapareceram. Ao acordar, encontrava mais batatas e ruibarbo, frascos de compota, sacos de maçãs e lenha em frente à porta das traseiras. Os seus sonhos tornaram-se tão negros como as portas carbonizadas do Inferno. Começou a dizer a Deus que estava arrependida, começou a acordar tarde e quando acordava, as vizinhas estavam lá a fritar fatias de bacon, a cozer ovos, a falar. Apareceram desconhecidos e limparam o musgo do telhado, puseram dobradiças novas no portão, massa nova nas janelas.

Margaret começou a ter ainda mais medo de morrer e urinava em torno de toda casa, depois de escurecer. Isto ainda lhe dava satisfação. Certa noite, depois de um homem rico lhe ter perguntado se ela podia transformar o velho amigo numa porca, não conseguiu controlar-se. Foi a casa de Stack para lhe contar. Quando pararam de rir, Stack pensou nela a açoitar Josephine com a tira de couro e nos estranhos homens da ilha que a levavam para longe. Os homens no sonho eram mais do que ele. Essa era a parte mais difícil do sonho. De repente, soube que ela acabaria por partir e não conseguia suportar a ideia de ela se ir embora. Ela tinha tirado as botas e estava a massajar os pés na sua cozinha. Tinha pés maiores do que caixas de sapatos e faziam-lhe lembrar uma canção.

– Tem um rico par de pés – disse ele. – Deus os abençoe.

Ela não respondeu; manteve o silêncio e continuou sentada a olhar para ele. Stack parecia ter a força que lhe vinha de andar nos pântanos. Havia relógios, demasiados relógios a trabalhar nas paredes. Ela apercebeu-se de que não dava corda ao relógio há semanas, como se isso pudesse parar o tempo. Não queria que o tempo parasse, mas os desconhecidos estavam sempre a chegar, com as palmas repletas de ódio e amargura, e apesar de não saber nenhum dos seus nomes, tudo isso era contagioso. Pensou na mulher da caravana e no que ela dissera sobre a criança.

– Os meus óvulos estão certos.

– Os seus óvulos?

– Venha para a cama por uma hora.

Quando entraram no quarto, Josephine estava debaixo da colcha. Margaret riu-se enquanto Stack tentava levantá-la. Quando ele desabotoou as calças e ela viu o pénis dele, pensou no lagarto do sonho que tivera. Ele não tinha, ao princípio, noção do que fazer, mas a natureza tomou as rédeas. Josephine fez o que pôde para se meter no meio

dos dois. Quando Margaret acordou, Stack já lá não estava e a cabra olhava-a fixamente. Havia um cheiro horrível a cabra e pêlo por toda a cama.

Margaret voltou para casa e comeu duas latas de salmão vermelho – pele, espinhas e tudo – e rematou com uma caneca de leite. Olhou para o espelho. Tinha o branco dos olhos como neve e a pele tinha-se transformado na pele de uma mulher que vive no vento salgado.

Na manhã seguinte, foi até casa de Stack. Ele não tinha dormido, tinha andado pelos pântanos metade da noite com Josephine.

– Tens um malho? – perguntou ela.

– Não – disse ele.

– Não?

– Mas faço uma ideia do que estás a pensar.

– Fazes?

– Também eu estive a pensar.

– Importas-te?

– Não – disse ele. – Não é o mais acertado? Mas devia ser eu a fazer isso.

– Não – disse ela.

Margaret foi de carro até Ennistymon e comprou o malho.

Enquanto conduzia, perguntou-se sobre o que pensaria o padre. Olharia para aquele seu corpo mortal a andar pela casa dele, depois de ter concebido outro filho ilegítimo. Ainda se estaria a arrepender do dia em que lhe tocou, mas fora a sua fraqueza, bem como o seu destino, que o fizera estender a mão. Ele era dez anos mais velho e fora ele, não ela, que quebrara os votos sagrados. E não tinha ela pago a sua parte com a morte do filho? E não fora culpa dela. A cigana não tinha dito que não era culpa dela?

Quando chegou a Ennistymon, o maluco na ponte fez sinal para que parasse.

– Há avestruzes na estrada! – gritou. – Abrande!

Ela estava contente por haver gente doida no mundo. Olhou para ele, pensando se também não seria um pouco doida. Quando virou a esquina, havia avestruzes a percorrer a rua principal. As pessoas estavam nos passeios a vê-las passar e uma menina de tranças estava a conduzi-las com um pau. Portanto, ser doido era o mesmo que estar de perfeito juízo, pensou Margaret. Às vezes, todos tinham razão. A maior parte do tempo, as pessoas – doidas ou sãs – estavam às escuras, tentando alcançar com as mãos estendidas algo que nem sabiam querer.

Ela estava à espera de um filho. Sabia-o tal como soube, depois da manhã de Natal, que era Stack, e não o vento, na soleira da porta; era ele que tinha gritado.

Margaret voltou para casa, puxou a cama do padre para fora do quarto, levou-a para o campo, e ensopou-a com parafina. Ardia lentamente ao princípio, depois irrompeu em chamas e transformou-se numa cama de cinza. Foi para dentro e começou a fazer um buraco na parede entre as duas casas. Stack ficou na casa dele, junto à parede divisória, e sentiu-se assustado. Quando aquela parede caísse, nada voltaria a ser o mesmo. Sentia a dor de Margaret Flusk. A dor dela não tinha comparação. E a força dela; Margaret tinha a força de dois homens. Não tinha ela as suas pernas e braços iguais aos do sonho? Ficou ali a ouvir o gesso a soltar-se, depois as pedras.

Ela passou ali metade do dia. Quando viu luz no outro lado, lembrou-se daquela vez em que a mãe a acordara, quando era pequena, na manhã de Páscoa para que visse o sol a dançar, para testemunhar a ressurreição de Cristo. Quando passou pelo buraco na parede, Stack estava a cantar:

- Dizem que a gente de Clare tem jeito para a música – disse ela.
- Dizem que a gente de Wicklow chupa leite de cabra directamente da teta.
- É por isso que somos tão bem-parecidos.
- És uma mulher esquesita.
- Achas que esta criança vai viver?
- Não sei.
- Não sabes nada? – perguntou ela.
- Não.
- Nem eu.
- Não é uma bênção?

»

Josephine não gostava da nova situação. Stack já não parecia gostar dela. Nem aquecia as mãos antes de a ordenhar e esquecia-se de lhe esfregar Palmolive nas tetas. A mulher roubava-lhe o leite, amarrava-a ao balaústre da cama, e depois dizia a Stack que o lugar dela era no barracão. Quando Josephine deu à luz, Margaret desmamou o cabrito o mais rapidamente possível e levou-a por uma corda a um “pucán” feio, para lá da colina.

Stack nunca tinha comido tão bem. Margaret batia manteiga, cozia pão, fazia queijo com o leite de Josephine e passava o resto dos dias a comer chocolate. Não havia chocolate que lhe chegasse. Era como alimentar Josephine a bolachas. Ele ia à loja e chegava a casa com chocolates Mars e Maltesers e descobria que ela tinha levado outro dos pertences da mãe dele para o palude e lhe tinha pegado fogo. Estava sempre a pegar fogo a tudo, a andar pela casa com uma grande barriga que ia de encontro às coisas e depois a correr lá para fora para vomitar a comida. E ia sempre mijar à rua depois de escurecer.

Dia e noite, a paróquia vinha em peso: todos os homens, mulheres e crianças, à procura de se livrarem de fantasmas e da tinha. A chaleira estava sempre a ferver, os bules numa roda-viva e a pobre Josephine ficava amarrada, presa no barracão. Até o padre veio, a dizer que tinha uma perna manca e se havia alguma coisa que Margaret pudesse fazer por ele.

Margaret adivinhava o que Stack estava a pensar, ganhava-lhe às cartas e rachava um monte de lenha enquanto ele pensava. Deitou fora a televisão, não o deixava ter azevinho em casa no Natal, e observava-o enquanto ele comia. E à noite, mantinha-se bem longe dele, era tão má como a filha do fazendeiro que, verdade seja dita, nunca vomitou os jantares dele.

Dizem que algo de mau vai acontecer se não atirmos fora a água de lavar os pés. Dizem que um homem não deve viver sozinho. Dizem que se virmos uma cabra a comer erva-labaça, vai chover. Margaret deu à luz na casa do padre. Estavam lá treze mulheres e nove crianças nesse dia, a correr com tesouras e a ferver água e a dizer a Stack que saísse do caminho. Ele ficou sentado no seu lado da casa com Josephine. Os gritos de Margaret fizeram estremecer a paróquia. Stack imaginou que tinha ouvido uma palmada e o choro de uma criança várias horas antes de os ouvir e depois a voz de uma velha a dizer: "...vê-se bem que não é o primeiro."

Agora que Stack conhecia uma mulher, ficou a perceber que nunca iria entender as mulheres. Podiam sentir o cheiro da chuva, ler a escrita dos médicos, ouvir a erva a crescer.

Margaret pôs o nome de Michael ao filho, e baptizou-o com um cântaro de leite de Josephine. Quando um pescador veio de Inis Mór para comprar a coifa, não aceitou nem um tostão. Convidou-o a entrar e tratou-o como se ele fosse da realeza, fez-lhe doce de xerez e pudim de leite e ovos. Falaram até altas horas, até Stack se cansar e ir para a

cama. Quando acordou, Margaret ainda estava na cadeira e Michael dormia profundamente nos braços do pescador.

Por essa altura, as duas casas estavam tão limpas como madeira envernizada. As duas chaminés que tinham lançado fumo para a Colina de Dunagore eram agora uma. Madeira e turfa encontravam-se lado a lado na empena. A abertura que a mulher tinha feito estava emoldurada em madeira e tinha dobradiças ligadas a uma porta que se abria, e por vezes se fechava. Stack parecia mais novo. Viram-no em Ennis a fazer a barba, a sentar-se direito na cadeira do barbeiro com uma toalha à volta dos ombros, a contar uma anedota ordinária.

Margaret fez o melhor que pôde para desistir das superstições. Começou a acreditar que nenhuma coisa em que ela não acreditasse lhe poderia fazer mal. Mas apesar de ter mudado de comportamento, não podia fazer nada em relação à sua natureza. Durante os anos em que viveu em Dunagore, nunca acendeu a sua própria lareira, nunca deixou de apanhar juncos em Fevereiro e, por mais que tentasse, nunca conseguiu deitar fora cinzas numa segunda-feira ou ir até ao estendal sem colocar a tenaz por cima do carrinho de bebé.

Se, numa qualquer noite escura, pensava no padre, não pensava por muito tempo. Os caminhos do Senhor eram deveras misteriosos. Se não tivesse perdido o filho do padre, não teria herdado esta casa. Se não tivesse herdado esta casa, não poderia ter estado a lavar os pés naquela noite e poderia ter-se lembrado de deitar fora a água de lavar os pés, em vez de a lançar como um feitiço sobre Stack, de ter comido a sua cobra de Natal e ter o filho dele. Desta forma, tinha entrado naquela cama ao lado da cabra. E sabem o que dizem das cabras: diz-se que as cabras conseguem ver o vento. Também Margaret conseguia ver o vento; em sonhos via-o a sacudir as sorveiras-bravas, como as bagas se transformavam em contas de sangue que caíam na erva à volta daquele sítio onde ela se havia deitado.

Quanto à criança, não era nada como Stack. Durante anos ele esperou para ver alguma marca sua no próprio filho mas nenhuma se revelou. Intrigou-o mas não o surpreendeu. Era como se Margaret tivesse cuspidido ou posto a criança. Como mãe, era feroz. Stack via-a arreganhar os dentes aos vizinhos que faziam festas no cabelo do filho. E fazia-lhe sempre todas as vontades. Quando era bebé, embalou-o até o estragar com mimo. Stack quase não pregava olho. Margaret parecia não precisar de dormir. Estava acordada de madrugada e levantava-se de cinco em cinco minutos para ver se a

criança estava a respirar, depois voltava a cair em sonhos que a faziam dar-lhe pontapés, e, muitas vezes, ele levantava-se e ia para a sua antiga cama.

Michael nunca gatinhou. Um dia saiu da cadeira e conseguiu andar até ao portão da frente e voltar. Certo dia, Stack foi ordenhar Josephine e descobriu que não havia uma pinga de leite nas tetas porque o múdo o sugara até à última gota. Quando o rapaz ficou mais resistente, começou a percorrer os pântanos com Stack, saltando valas à vara, arrastando os pés pela água pantanosa, e nunca ficou doente um só dia na vida. Só comia douradinhos, nabos e coisas doces, montava Josephine pelo quintal da frente, comprava patos e empurrava-os pelas estradas estreitas de Dunagore no seu próprio carrinho de bebé e crescia a olhos vistos. Consequia escrever o nome de trás para a frente e de pernas para o ar. Inventava histórias, contava mentiras quando estava aborrecido e andava pela casa durante o sono. Margaret não o deixava ir à escola, dizia que não havia nada que as pessoas daquela paróquia lhe pudessem ensinar que ela não pudesse ensinar melhor.

Michael completou sete anos, altura em que Margaret desistiu das doenças e aparições dos paroquianos. Estava farta deles e sabia que, se mandasse o filho para a escola, ele iria sofrer. Mas demorou muito tempo até que os habitantes de Clare perdessem a esperança e parassem de deixar compotas e lenha e arenques para Margaret Flusk, e passassem a fazer-lhe mal. Uma manhã, levantou-se e encontrou penas de pavão metidas na caixa de correio. Noutra manhã, tinha todos os pneus vazios. Por ela, conseguia aguentar tudo, mas os seus medos pairavam sobre a criança.

Stack soube que ela ia partir antes de ter partido. Deixou o fogo apagar-se uma noite, e, na manhã seguinte, Stack deu por si a caminhar até à praia. Queria estar lá quando acontecesse. Ficou à beira da água e olhou para Oeste. O dia estava calmo. Pouco tempo depois, um barco de pesca cheio de homens da Ilha chegou a Doolin e um barco desceu até ao mar. Os desconhecidos remaram lentamente até à costa, os seus remos cortando habilmente a água salgada. Quando chegaram a terra, levaram a mão aos bonés mas não falaram. Um dos homens parecia-lhe familiar. Quando Stack se voltou, Margaret olhava-o directamente nos olhos e depois entrou na água, subindo sem uma palavra para o barco. O rapaz chorava mas Stack sabia que ele não ia chorar por muito tempo. Abraçou o filho e deixou-o ir.

A manhã estava óptima, o mar estava espelhado. Nada o impedia de subir a bordo, nada de nada. Por um momento, os homens esperaram e parecia que tudo o que ele tinha

a fazer para tornar o seu futuro feliz era subir para aquele barco e deixar que o levassem numa corrente cortada pela força de outros homens. Em vez disso, Stack ficou na praia a olhar enquanto a única mulher que ele havia amado desaparecia ao longe. Não demorou muito. Mais perto da costa, um par de gaivotas guinchou sobre a água como se houvesse algo ali em baixo que só elas conseguiam ver. Stack contemplou-as até os olhos lhe começarem a doer, e depois subiu a colina.

Quando chegou a casa, soltou Josephine da corda e em pouco tempo ela tinha as patas dianteiras na mesa, a comer tudo o que restava de uma tarte de ruibarbo. As marcas dos polegares de Margaret estavam cozidas na orla da massa. Sentia-se contente por ter Josephine. Podia, ao menos, satisfazer as necessidades dela. Sentou-se e olhou demoradamente para os quartos vazios e limpos. O sol brilhava na tampa do bule de chá, no linóleo, na madeira envernizada. Então Margaret tinha-se ido embora. Não soubera sempre que ela iria? Não era isso que o sonho lhe tinha dito? Mas não podia censurá-la, nem mesmo quando pegara na mão do filho e se afastara para longe com desconhecidos a remar. Eles estavam, afinal, divididos por nada mais do que uma funda tira de água salgada que ele podia facilmente atravessar.

Josephine lambeu o prato até à última migalha e olhou para Stack. Ele seguiu-a até ao seu antigo quarto, fechou a porta e fechou os olhos. Amanhã poderia ir até Doolin e comprar um saco de cimento e pôr tijolos naquela parede. Havia de comprar uma garrafa de whiskey, uns biscoitos recheados de figo, e deixaria lá a televisão para ser arranjada. Não seria indolente. O Inverno estava a chegar. A turfa mantê-lo-ia ocupado, e em boa forma. Haveria longas noites e tempestades de Inverno para esquecer e para lhe recordar o passado. Apesar de já não ser jovem, o futuro mais próximo era uma certeza. Mas mesmo que vivesse cem anos, nunca mais se iria aventurar a ir a casa de uma mulher à noite, nem deixar que ela se aproximasse dele com a água de lavar os pés.

Algumas notas sobre o folclore e a história

A sorveira-brava (“quicken tree”) é outro dos nomes para a tramazeira ou escancerejo. Crê-se que é uma árvore de formidáveis poderes mágicos e protectores. É mencionada na mitologia como tendo o poder de encantamento. O nome gaélico “caorthann” deriva da palavra “caor” que significa tanto uma baga como uma chama intensa. O nome “quicken”² refere-se aos seus poderes vitalizadores ou detentores de vida.

Lisdoonvarna é uma pequena cidade no Condado de Clare, famosa pelo seu festival de parelhas.

As palavras na canção da mãe: “O que usaremos como madeira, agora que a floresta desapareceu?”

Um “pucán” é um bode sexualmente activo.

Inis Mór é a maior e mais ocidental das Ilhas de Aran.

Os habitantes de Wicklow são apelidados de chupa-cabras.

Diz-se que pôr uma tenaz por cima do carrinho de bebé evita que as fadas roubem a criança e deixem um substituto no seu lugar.

“Poteen” é um whiskey irlandês de fabrico clandestino.

“Taoiseach” é o primeiro-ministro ou chefe do governo na República da Irlanda, e a sua tradução literal, em gaélico, é “chefe” ou “líder”.

² “Quicken-tree” é um dos nomes dados a esta árvore, cuja origem terá origem na palavra “quickenning” (vitalização). (NT)

“Raidió na Gaeltachta” é uma rádio de língua irlandesa que, até 2005, apenas emitia música na língua gaélica.

Na Irlanda, diz-se que dá azar deitar fora as cinzas numa segunda-feira.

No princípio de Fevereiro, ou finais de Janeiro, apanham-se juncos com os quais se fazem as cruzes de Santa Brígida da Irlanda, cuja festa se celebra a 1 de Fevereiro.

Diz-se que uma criança nascida no dia de Natal terá maior probabilidade de ver fantasmas e espíritos.

A banshee é um espectro feminino cujo número de gritos anuncia os dias que alguém teria para viver.

Acredita-se que um sétimo filho teria poderes mágicos curativos.

A coifa (bolsa amniótica) de um recém-nascido é tida como um amuleto que daria protecção ao seu portador e o impediria de morrer afogado, sendo esta, assim, particularmente útil para os marinheiros e pescadores.

Bibliografia

1. Bibliografia primária

Keegan, Claire. *Walk the Blue Fields*. Londres: Faber and Faber, 2007.

2. Bibliografia secundária

Alvarez, Maria Luísa Ortíz. “Dicionário de Expressões Idiomáticas ou Dicionário Fraseológico?”. Em *Línguas & Letras*, 83-96. Paraná: Unioeste, 2001.

[Http://www.let.unb.br/mlortiz/documentos/artigos/artigos_pdf/Artigo_da_dicionario_expressao_idiomaricas.pdf](http://www.let.unb.br/mlortiz/documentos/artigos/artigos_pdf/Artigo_da_dicionario_expressao_idiomaricas.pdf) (acedido a 19 de Setembro de 2009).

Attwater, Donald. *The Penguin Dictionary of Saints*. Harmondsworth: Penguin Books, 1965.

Baker, Mona. “Idioms and Fixed Expressions”. Em *In Other Words: a coursebook on translation*, 63 –79. Londres: Routledge, 1992.

Baker, Mona. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Nova Iorque: Routledge, 2008.

Bassnet, Susan. *Translation Studies: Revised Edition*. Londres: Routledge, 1991.

Berman, Antoine. *The experience of the foreign: culture and translation in romantic Germany*. Nova Iorque: State university of New York Press, 1992.

Blavatsky, Helena Petrovna. *A Doutrina Secreta Vol. 3: Antropogênese*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 1973.

[Http://books.google.pt/books?id=fRp8gd6fHmMC&pg=PA51&dq=numero+7+pit%C3%A1goras&hl=pt-PT&ei=8x1eTLqsMN-X4gbt8IHtBw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=7&ved=0CE4Q6AEwBg#v=onepage&q=pit%C3%A1goras&f=false](http://books.google.pt/books?id=fRp8gd6fHmMC&pg=PA51&dq=numero+7+pit%C3%A1goras&hl=pt-PT&ei=8x1eTLqsMN-X4gbt8IHtBw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=7&ved=0CE4Q6AEwBg#v=onepage&q=pit%C3%A1goras&f=false) (acedido a 8 de Agosto de 2010)

Block, Gertrude. *Legal Writing Advice: Questions and Answers*. Nova Iorque: William S. Hein Publishing, 2004.

Boléo, Maria Luísa V. Paiva. “Santo António – Retalhos da Vida de um Pregador”. Em *Público*, 12 de Agosto, 1994.

[Http://www.leme.pt/biografias/santos/santoantonio/](http://www.leme.pt/biografias/santos/santoantonio/) (acedido a 22 de Janeiro de 2009).

Bolinger, Dwight. *Aspects of Language*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & World, Inc, 1968.

Bowker, John. *The Oxford Dictionary of World Religions*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1997.

Budick, Sanford e Wolfgang Iser. *The Translatability of Cultures*. Stanford: Stanford University Press, 1996.

Ceia, Carlos. “E-Dicionário de Termos Literários.”

[Http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/index.htm](http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/index.htm) (acedido a 20 de Junho de 2009).

Chatman, Seymour. *Story and Discourse: Narrative Structure in Fiction and Film*. Londres: Cornell University Press, 1978.

Chesterman, Andrew. “Chapter 4. Translation Strategies”. Em *Memes of Translation. The Spread of Ideas in Translation Theory*, 87-116. Amesterdão-Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1997.

Chesterman, Andrew, e Emma Wagner. *Can Theory Help Translators? A Dialogue Between the Ivory Tower and the Wordface*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

Chomsky, Noam. *Rules and Representations*. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

Correia, Margarita. “O Léxico na Economia da Língua”. Em *Ciência da Informação*, vol. 4, nº 3, 299 – 306. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 1995.

[Http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/522/473](http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/522/473) (acedido a 7 de Novembro de 2009).

Courtney, Rosemary. *Longman Dictionary of Phrasal Verbs*. Essex: Longman Group Limited, 1983.

Cowie, A. P., R. Makin e I.R. McCaig. *Oxford Dictionary of Current Idiomatic English Vol.2: Phrase Clause & Sentence Idioms*. Londres: Oxford University Press, 1983.

Crystal, David. *A First Dictionary of Linguistics and Phonetics*. Londres: André Deutsch Limited, 1980.

Culler, Jonathan. *Structuralist Poetics: Structuralism, Linguistics and the Study of Literature*. Nova Iorque: Routledge & Keegan Paul, 1975.

[Http://books.google.pt/books?id=cBZCOD8SVzMC&printsec=frontcover&source=gbs_v2_summary_r&cad=0#v=onepage&q=&f=false](http://books.google.pt/books?id=cBZCOD8SVzMC&printsec=frontcover&source=gbs_v2_summary_r&cad=0#v=onepage&q=&f=false) (acedido a 3 de Janeiro de 2010).

Cunha, Celso, e Lindley Cintra. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.

Daniels, Cora Linn, e C.M. Stevans. *Encyclopaedia of Superstitions, Folklore, and the Occult Sciences of the World*. Honolulu: University Press of the Pacific, 2003.

[Http://books.google.pt/books?id=1VvHeyqGzf4C&pg=PA439&lpg=PA439&dq=superstitions+blaze+stranger&source=bl&ots=bU__ZF2sLf&sig=gSz6eXgy7cBtgBB23ZfC0l8_h2A&hl=pt-](http://books.google.pt/books?id=1VvHeyqGzf4C&pg=PA439&lpg=PA439&dq=superstitions+blaze+stranger&source=bl&ots=bU__ZF2sLf&sig=gSz6eXgy7cBtgBB23ZfC0l8_h2A&hl=pt-)

PT&ei=2uGvSsaYNaXajQfg9P2_BA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2#v=onepage&q=&f=false (acedido a 15 de Março de 2009).

Davidson, H. R. Ellis. *Myths and Symbolism in Pagan Europe: Early Scandinavian and Celtic Religions*. Glasgow: Manchester University Press, 1988.

Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse Vol. 3 – Temas. Lisboa: Selecções do Readers Digest, 1981.

Dickens, Charles. *David Copperfield*. Nova Iorque: Barnes & Noble, 2003.

[Http://books.google.pt/books?id=ZlJn0JH0x5EC&printsec=frontcover&dq=david+copperfield+charles+dickens&hl=pt-](http://books.google.pt/books?id=ZlJn0JH0x5EC&printsec=frontcover&dq=david+copperfield+charles+dickens&hl=pt-)

PT&ei=9xVeTNOQPMSb4AbYhsy4Bw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCsQ6AEwAA#v=onepage&q=&f=false (acedido a 8 de Agosto de 2010)

Dubois, Jean; Giacomo, Mathée; Guespin, Louis; Marcellesi, Christiane; Marcellesi, Jean-Baptiste; e Jean-Pierre Mevel. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

Enright, Anne. “Dancing in The Dark, review of *Walk the Blue Fields*, by Claire Keegan”. Em *The Guardian: Article Story*, 25 de Agosto, 2007.

[Http://www.guardian.co.uk/books/2007/aug/25/featuresreviews.guardianreview19](http://www.guardian.co.uk/books/2007/aug/25/featuresreviews.guardianreview19)
(acedido a 2 de Fevereiro de 2009).

Everaert, Martin. *Idioms: Structural and Psychological Perspectives*. Nova Jérсия: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers, 1995.

[Http://books.google.pt/books?id=mbAKf2b1K9MC&printsec=frontcover&client=firefox-a#v=onepage&q=&f=false](http://books.google.pt/books?id=mbAKf2b1K9MC&printsec=frontcover&client=firefox-a#v=onepage&q=&f=false) (acedido a 18 de Setembro de 2009).

Falcão, Manuel Franco. *Enciclopédia Católica Popular*. Prior Velho: Paulinas, 2004.

Gasser, Mike. *How Language Works: The Cognitive Science of Linguistics (edition 3.0)*. Indiana: Free Software Foundation, 2006.

[Http://www.indiana.edu/~hlw/](http://www.indiana.edu/~hlw/) (acedido a 5 de Janeiro de 2010)

Gewehr, Wolf. *Aspects of Modern Language Teaching in Europe*. Londres: Routledge: 1998.

[Http://books.google.pt/books?id=pRv2ZjY1hVgC&printsec=frontcover&source=gbs_v2_summary_r&cad=0#v=onepage&q=&f=false](http://books.google.pt/books?id=pRv2ZjY1hVgC&printsec=frontcover&source=gbs_v2_summary_r&cad=0#v=onepage&q=&f=false) (acedido a 20 de Março de 2010)

Giraud, Pierre. *Les Locutions Françaises*. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

Graves, Robert. *The Greek Myths Vol. I*. Londres: The Folio Society, 1996.

Hardwick, Charles. *Traditions, Superstitions and Folk-Lore*. Londres: Simpkin, Marshall & Co, Stationer's Hall Court, 1872.

[Http://www.hymnsandcarolsofchristmas.com/Text/Traditions_Superstitions_and_Folklore-Hardwick-1872.pdf](http://www.hymnsandcarolsofchristmas.com/Text/Traditions_Superstitions_and_Folklore-Hardwick-1872.pdf) (acedido a 5 de Março de 2009).

Harkes, Rosemary, e Teresa de Sousa Machado. *A Dictionary of Verbal Idioms*. Porto: Porto Editora, 1974.

Hatim, Basil, e Ian Mason. *Discourse and the Translator*. Londres: Longman, 1990.

Hatim, Basil, e Ian Mason. *The Translator as Communicator*. Londres: Routledge, 1997.

Hawkes, Terence. *Metaphor, the Critical Idiom*. Londres: Methuen & Co, Ltd, 1972.

Hermans, Theo. "Norms and the Determination of Translation: A Theoretical Framework". Em *Translation, Power, Subversion*, 25–51. Clevedon: Multilingual Matters, 1996.

Hockett, Charles F.. *A Course in Modern Linguistics*. Nova Iorque: The McMillan Company, 1958.

Hornby, A. S.. *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

Jabouille, Victor. *Iniciação à Ciência dos Mitos*. Mem Martins: Editorial Inquérito, Lda., 1994.

Jakobsen, Arnt L., Kristian T. H. Jensen e Inger M. Mees. "Comparing modalities: Idioms as a case point." Em *Interpreting Studies and Beyond*, 217-249. Copenhaga: Samfundslitteratur Press, 2007.

Jorge, Guilhermina. *As Expressões Idiomáticas: Da Língua Materna à Língua Estrangeira: Uma Análise Comparativa*. Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992.

Kiesling, Scott F., e Christina Bratt Paulston. *Intercultural Discourse and Communication*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

Koch, John C.. *Celtic Culture: a historical encyclopedia Volumes 1 -5*. Santa Barbara: ABC-Clio, 2006.

[Http://books.google.pt/books?id=f899xH_quaMC&pg=PA79&dq=arawn&hl=pt-PT&ei=8yteTJSVMZGUjAePsdTxAw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCgQ6AEwAA#v=onepage&q=arawn&f=false](http://books.google.pt/books?id=f899xH_quaMC&pg=PA79&dq=arawn&hl=pt-PT&ei=8yteTJSVMZGUjAePsdTxAw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCgQ6AEwAA#v=onepage&q=arawn&f=false) (acedido a 24 de Julho de 2010)

Kövecses, Zóltan. *Metaphor: a Practical Introduction*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2002.

Krauss, Hartmut . *Zoonoses: Infectious Diseases Transmissible from Animals to Humans*. Washington: ASM Press, 2003

Kumpf, Tom Quinn. *Ireland: Standing Stones to Stormont*. Boulder: Devenish Press, 2004.

Le Plongeon, Augustus. *Sacred Mysteries Among the Mayas and the Quiches, 11,500 years ago*. Nova Iorque: Theosophical publishing company, 1909.

[Http://books.google.pt/books?id=TJekw0jM56sC&printsec=frontcover&dq=sacred+mysteries+amongthe+mayas&hl=pt-](http://books.google.pt/books?id=TJekw0jM56sC&printsec=frontcover&dq=sacred+mysteries+amongthe+mayas&hl=pt-PT&ei=uCReTNj0IYX34AacpbjyBw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCoQ6AEwAA#v=onepage&q=seven&f=false)

[PT&ei=uCReTNj0IYX34AacpbjyBw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCoQ6AEwAA#v=onepage&q=seven&f=false](http://books.google.pt/books?id=TJekw0jM56sC&printsec=frontcover&dq=sacred+mysteries+amongthe+mayas&hl=pt-PT&ei=uCReTNj0IYX34AacpbjyBw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCoQ6AEwAA#v=onepage&q=seven&f=false) (acedido a 8 de Agosto de 2010)

Lefevere, André. *Translation/History/Culture*. Londres: Routledge, 1992.

Leland, Charles Godfrey. *Gypsy Sorcery and Fortune Telling – Illustrated by Nemerous Incantations, Specimens of Medical Magic, Anecdotes and Tales*. Londres: T. Fisher Unwin, 1891.

[Http://books.google.pt/books?id=4bQpNph32YcC&pg=PA198&dq=wicken+treen+witche+bane&hl=pt-PT&ei=XB1gTP-](http://books.google.pt/books?id=4bQpNph32YcC&pg=PA198&dq=wicken+treen+witche+bane&hl=pt-PT&ei=XB1gTP-WHZ2H4gaXu82_Bw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2&ved=0CC8Q6AEwAQ#v=onepage&q=bane&f=false)

[WHZ2H4gaXu82_Bw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2&ved=0CC8Q6AEwAQ#v=onepage&q=bane&f=false](http://books.google.pt/books?id=4bQpNph32YcC&pg=PA198&dq=wicken+treen+witche+bane&hl=pt-PT&ei=XB1gTP-WHZ2H4gaXu82_Bw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2&ved=0CC8Q6AEwAQ#v=onepage&q=bane&f=false) (acedido a 9 de Agosto de 2010)

Long, Thomas Hill. *Longman Dictionary of English Idioms*. Londres: Longman Group Limited, 1979.

Markale, Jean. *Nouveau Dictionnaire de Mythologie Celtique*. Paris: Pygmalion, 1999.

Martinich, Aloysius. *Communication and Reference*. Nova Iorque: Walter de Gruyter & Co., 1984.

Martins, Manuel Frias. *Em Teoria (A Literatura)*. Porto: Ambar, 2003.

McGrath, Michael O'Neill. *Patrons and Protectors: In Time of Need*. Chicago: Archdiocese of Chicago: Liturgy Training Publications, 2002.

[Http://books.google.pt/books?id=3Tnl4REZmlMC&pg=PA3&dq=saint+anthony+come+down+something+is+lost+can%27t+be+found&hl=pt-PT&ei=cmpiTKf4IdO6jAeV26SyCQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCgQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false](http://books.google.pt/books?id=3Tnl4REZmlMC&pg=PA3&dq=saint+anthony+come+down+something+is+lost+can%27t+be+found&hl=pt-PT&ei=cmpiTKf4IdO6jAeV26SyCQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCgQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false) (acedido a 11 de Agosto de 2010)

McKean, Erin. "Season of Superstition – a User's Guide to the Lost Rituals of Christmas". Em *Boston Globe*, 23 de Dezembro, 2007.

[Http://www.boston.com/bostonglobe/ideas/articles/2007/12/23/season_of_superstition/](http://www.boston.com/bostonglobe/ideas/articles/2007/12/23/season_of_superstition/) (acedido a 18 de Fevereiro de 2009).

McMordie, W.. *English Idioms ad How to Use Them*. Londres: Oxford University Press, 1954.

Morales, Helen. *Vision and Narrative in Achilles Tatius' Leucippe and Clitophan*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

[Http://books.google.pt/books?id=9kjOH_E_vkcC&pg=PA141&lpg=PA141&dq=argos+panoptes+because+he+had+eyes+all+over+his+body+helen+morales&source=bl&ots=NXnITKgyvx&sig=N5RUO5jDILuAJ1sivq4-fgh9ObU&hl=pt-PT&ei=2BlgTOP7M86r4QbEnP26CA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CBUQ6AEwAA#v=onepage&q=because%20he%20had%20eyes&f=false](http://books.google.pt/books?id=9kjOH_E_vkcC&pg=PA141&lpg=PA141&dq=argos+panoptes+because+he+had+eyes+all+over+his+body+helen+morales&source=bl&ots=NXnITKgyvx&sig=N5RUO5jDILuAJ1sivq4-fgh9ObU&hl=pt-PT&ei=2BlgTOP7M86r4QbEnP26CA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CBUQ6AEwAA#v=onepage&q=because%20he%20had%20eyes&f=false) (acedido a 1 de Agosto de 2010)

Mounin, Georges. *Os Problemas Teóricos da Tradução*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

Negrão, Cristina. *Devocionário a Santo Antônio*. São Paulo: Editora Canção Nova, 2007.

Nord, Christiane. *Scopos, Loyalty, and Translational Conventions*. Amesterdão: Target International Journal of Translation Studies 3:1, 91 ss., 1991.

Nord, Christiane. *Text Analysis in Translation. Theory Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. Amesterdão: Rodopi, 1988.

Nord, Christiane. *Translating as a Purposeful Activity*. Manchester: St Jerome Publishing, 1997.

Oliveira, Manuel Alves de. *Enciclopédia Fundamental Verbo*. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1982.

Ortony, Andrew. *Metaphor and Thought, 2nd edition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

Paes, José Paulo. *Tradução, A Ponte Necessária: Aspectos e problemas da Arte de Traduzir*. São Paulo: Editora Ática S.A, 1990.

Pulford, Nicole de. *O Pequeno Grande Livro dos Feitiços*. Porto: ASA Editores, 2001.

Pym, Anthony. “Additional chapter: Descriptions – the intellectual background”. Em *Exploring Translation Theories*. Londres: Routledge, 2010.

Pym, Anthony. *The Moving Text: Localization, Translation and Distribution*. Amesterdão: John Benjamins Publishing Company, 2004.

[Http://books.google.pt/books?id=mYZA0DRZ958C&pg=PA55&lpg=PA55&dq=anthony+pym+2004+formal+equivalence+dynamic&source=bl&ots=l0Xx6OGFOv&sig=17wC4a3vMTl7BJRAUhbHwgihzns&hl=pt-PT&ei=DvRiT0P3JZCM4gbQsrjOCg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CBUQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false](http://books.google.pt/books?id=mYZA0DRZ958C&pg=PA55&lpg=PA55&dq=anthony+pym+2004+formal+equivalence+dynamic&source=bl&ots=l0Xx6OGFOv&sig=17wC4a3vMTl7BJRAUhbHwgihzns&hl=pt-PT&ei=DvRiT0P3JZCM4gbQsrjOCg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CBUQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false) (acedido a 14 de Fevereiro de 2009)

Pym, Anthony. “Why translation conventions should be intercultural rather than culture-specific: An alternative link model”. Em *Parallèles: Cahiers de l'École de Traduction et d'Interprétation de Genève 15*. Genebra: Parallèles, 1993.

Rey, Alain. *Le Lexique: Images et Modèles du Dictionnaire à la Lexicologie*. Paris: Armand Colin, 1977.

Rosa, Alexandra Assis. "Defining Target Text Reader. Translation Studies and Literary Theory". Em *Translation Studies at the Interface of Disciplines*. Amesterdão: John Benjamins Publishing Company, 99-109, 2006.

Salili, Farideh, Hoosain, Rumjahn. *Religion in Multicultural Education: A Volume in Research in Multicultural Education and International Perspective*. Scottsdale: Information Age Publishing, Inc., 2006.

Santos, Ana Maria da Silva. *Ser um Osso Duro de Roer: Algumas Considerações Sobre as Expressões Idiomáticas em SER N MOD*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras de Lisboa, 1989.

Santos, António Nogueira. *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1989.

Schäffner, Cristina. *Translation and Norms*. Clevedon: Short Run Press Ltd., 1999.

Schleiermacher, Friedrich. *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir*. Porto: Porto Editora, 2003.

Schemann, Hans, e Luiza Schemann-Dias. *Dicionário Idiomático: Português/Alemão*. Braga: Livraria Cruz/Max Hueber Verlag, 1980.

Schenk, André. *Idioms and Collocations in Compositional Grammars*. Utrecht: OTS Dissertation Series, 1994.

Shakespeare, Martin. *Zoonoses*. Londres: Pharmaceutical Press, 2002.

Shakespeare, William. *King Henry VI: Part III*. Londres: Methuen & Co. Ltd., 1964.

Simpson, J. A., e E.S.C. Weiner. *The Oxford English Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

Sinclair, John. *Collins Cobuild English Dictionary*. Londres: HarperCollins Publishers, 1995.

Snell-Hornby, Mary. *The Turns of Translation Studies*. Amesterdão: John Benjamins Publishing Company, 2006.

Steen, Gerard J. *Finding Metaphor in Grammar and Usage*. Amesterdão e Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

Stefanowitsch, Anatol e Stefan Th. Gries. *Corpus-Based Approaches to Metaphor and Metonymy*. Berlim e Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2006.

Strässler, Jürg. *Idioms in English: A Pragmatic Analysis*. Tubinga: John Benjamins Publishing Company, 1982.

[Http://books.google.pt/books?id=phQ9Fyx1IPsC&pg=PA11&dq=idioms&ei=7sqySr-rGZy8yATw1YmPAw&client=firefox-a#v=onepage&q=&f=false](http://books.google.pt/books?id=phQ9Fyx1IPsC&pg=PA11&dq=idioms&ei=7sqySr-rGZy8yATw1YmPAw&client=firefox-a#v=onepage&q=&f=false) (acedido a 18 de Setembro de 2009).

Tavares, Jorge Campos. *Dicionário de Santos*. Porto: Lello e Irmão, 1990.

Toury, Gideon. “The Nature and Role of Norms in Translation”. Em *Descriptive Translation Studies and Beyond*, 53-59. Amesterdão: John Benjamins Publishing Company, 1995.

Toury, Gideon. “Translation. A Cultural-Semiotic Perspective”. Em *Encyclopedic Dictionary of Semiotics Vol II*, 1111–1124. Amesterdão: T.A. Sebeok, 1986.

Van Leuven-Zwart, Kitty M. *Translation and Original: Similarities and Dissimilarities I*. Target 1:2. 151-181, 1989.

Van Leuven-Zwart, Kitty M. *Translation and Original: Similarities and Dissimilarities II*. Target 2:1. 69-95, 1990.

Varandas, Angélica. *Mitos e Lendas Celtas – Irlanda*. Livros e Livros, 2006.

Varandas, Angélica. *Mitos e Lendas Celtas – País de Gales*. Livros e Livros, 2007.

Venuti, Lawrence. *The Translator's Invisibility*. Londres: Routledge, 1995.

Venuti, Lawrence. *The Translation Studies Reader*. Londres: Routledge, 2000.

Williams, Jenny, e Andrew Chesterman. *The Map*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

Wood, Frederick T. *English Verbal Idioms*. Londres: Macmillan and Co Ltd, 1970.